

Programação em rede. Estudo de caso: Montijo e Palmela.

Ana Cláudia Saraiva Ferreira Dâmaso

**Trabalho de Projecto apresentado para cumprimento de
requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em
Práticas Culturais para Municípios realizado sob a orientação
científica do Prof. Doutor António Camões Gouveia e do
Professor Carlos Vargas.**

Fevereiro 2013



AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi realizado graças à colaboração, apoio, motivação de um conjunto de pessoas, pelo que queremos aqui expressar os nossos mais sinceros agradecimentos a todos aqueles que, contribuíram para que este estudo se tornasse possível:

Ao Professor Doutor António Camões Gouveia e ao Professor Carlos Vargas pela sua disponibilidade, sensibilidade, pelo conhecimento imensurável que me transmitiu e compreensão no apoio e orientação deste trabalho.

Ao Dr. Alberto Pereira (D.A.C – C.M.P), ao Dr. Jorge Patrício (CTSJ – C.M.P), à Dra. Teresa Machado (CTSJ – C.M.P), ao Dr. Pedro Vaz de Carvalho (CTJA – C.M.M) e à Dra. Marta Martins (ARTEMREDE) pela colaboração e prontidão na solicitação de dados e informação.

Aos colegas de Mestrado “poucos mas bons”, pela amizade e companheirismo.

Ao teatro amador e profissional, às colectividades e colectivos, às associações e grupos que fazem parte do meu percurso.

Aos amigos, por alinharem comigo nas experiências e aventuras culturais e sobretudo por estarem sempre presentes *naqueles* momentos.

À minha família, por me ter mostrado as *artes* desde pequenina e por me apoiar na concretização dos meus sonhos.

Ao meu companheiro, por toda força, ajuda e confiança transmitida.

[Programação em rede. Um estudo de caso: Montijo e Palmela.]

[Cultural network. Case study: Montijo and Palmela.]

Ana Cláudia Saraiva Ferreira Dâmaso

[Resumo]

Neste trabalho pretende-se identificar as tendências artísticas na programação dos equipamentos culturais Cineteatro Joaquim de Almeida (C. M. Montijo) e Cineteatro São João (C. M. Palmela) e na programação ARTEMREDE para cada equipamento, nos anos de 2005 a 2010. Pretende-se ainda relacionar estas escolhas com a missão definida para os equipamentos e a experiência e vantagens de programar em conceito de rede.

[Abstract]

In this work we intent to recognize the artistic orientation in the cultural agenda of the cinetheater Joaquim de Almeida (Montijo) and São João (Palmela), and in the cultural network ARTEMREDE, between 2005 to 2010. We also intent to relate these options with the objectives of each and the overall benefit and experience in shared cultural network.

Palavras-chave: Cineteatro Joaquim de Almeida, Cineteatro São João, ARTEMREDE, rede cultural.

Keywords: Joaquim de Almeida Theater, São João Theater, ARTEMREDE, cultural network.

Índice

Lista de Siglas e Acrónimos	V
Introdução	1
Capítulo I.....	6
1 Rede Cultural	6
2 ARTEMREDE – Teatros associados.....	11
2.1 Breve história de um projecto cultural.....	11
2.2 A escolha da programação	14
3 Municípios em rede	16
Capítulo II.....	20
1 Caracterização sócio-geográfica da Região de Lisboa e Vale do Tejo	20
2 Caracterização dos municípios Montijo e Palmela.....	23
2.1 Caracterização do Município do Montijo	23
2.2 Caracterização do Município de Palmela	25
2.3 Comparação entre os municípios Montijo e Palmela	26
Capítulo III.....	27
1 Aproximação ao Cineteatro Joaquim de Almeida	27
1.1 O Cineteatro Joaquim de Almeida.....	27
1.2 Missão e actividade	28
1.3 A programação	30
1.4 Aproximação à programação da ARTEMREDE no CTJA.....	35
2 Aproximação ao Cineteatro São João.....	36
2.1 O Cineteatro São João	36
2.2 Missão e actividade	38
2.3 A programação	39
2.4 Aproximação à programação ARTEMREDE no Cineteatro São João.....	44
Conclusão.....	45
Bibliografia.....	49
Sitiografia.....	51
Lista de Gráficos	56
Lista de Mapas	56
Lista de Tabelas	56
Anexos	57

Lista de Siglas e Acrónimos

AGEN2009 – Acção de Grande Envolvimento Nacional 2009

AML – Área Metropolitana de Lisboa

ATA – Acção Teatral Artimanha

CCDRLVT – Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional de Lisboa e Vale do Tejo

CCDRN – Comissão de Coordenação Desenvolvimento Regional do Norte

C.M.M – Câmara Municipal do Montijo

C.M.P – Câmara Municipal de Palmela

CPBC – Companhia Portuguesa de Bailado Contemporâneo

CTJA – Cineteatro Joaquim de Almeida

CTSJ – Cineteatro São João

DCBT – Divisão de Cultura, Bibliotecas e Turismo

FIG – Festival Internacional de Gigantes

IPDAE – Instituto Português das Artes do Espectáculo

MIP – Móvel de Interesse Público

NUTS – Nomenclatura de Unidade Territorial para Estatística

OAC – Observatório das Actividades Culturais

OML – Orquestra Metropolitana de Lisboa

PDM – Plano Director Municipal

POC – Plano Operacional da Cultura

PORDATA – Base de Dados de Portugal Contemporâneo (Fundação Francisco Manuel dos Santos)

RLVT – Região de Lisboa e Vale do Tejo

RTP – Rádio Televisão Portuguesa

SPA – Sociedade Portuguesa de Autores

ZEP – Zona Especial de Protecção

Introdução

As últimas décadas de integração europeia trouxeram novas oportunidades de financiamento, de criação e desenvolvimento de projectos e foram a alavanca para as autarquias alargarem a sua intervenção à cultura, após superarem a necessidade de construção das infra-estruturas físicas ligadas às necessidades colectivas básicas. (Silva, 2007: 12). A transformação da vida laboral, da zona e tempo de lazer, as mudanças nas práticas culturais, do “conceito tipo” dos locais de eventos culturais, trouxeram aos municípios novas possibilidades de abordagem de novos públicos e consequentemente, novos requisitos exigidos ao poder local. A ARTEMREDE surge no “rescaldo” das redes programadas pela Administração Central¹, no investimento realizado em “conjunto com as autarquias na construção, recuperação, modificação de Cineteatros e outros equipamentos culturais congéneres destinados à apresentação de espectáculos”² e na consequente necessidade e preocupação de descentralização e formação de novos públicos.

Neste trabalho de projecto realizado no âmbito do mestrado em Práticas Culturais para Municípios, pretende-se apresentar um estudo de caso resultante da análise de seis anos administrativos, de 2005 a 2010, da associação ARTEMREDE Teatros Associados, nas autarquias do Montijo e Palmela, através da análise da programação dos respectivos equipamentos culturais, isto é, o Cineteatro Joaquim de Almeida e o Cineteatro São João.

Este trabalho – projecto será estruturado em três momentos: no primeiro momento iremos apresentar uma hipótese de leitura de rede cultural, uma breve caracterização da associação de teatros intermunicipal ARTEMREDE e uma possível leitura da experiência dos municípios em rede, no segundo momento, iremos caracterizar, através de dados sócio-geográficos, a região de Lisboa e Vale do Tejo, mais precisamente os dois municípios acima citados da península de Setúbal. No terceiro e último momento,

¹ Como o Programa de *Difusão das Artes do Espectáculo* (2000 - 2002) – Instituto Português das Artes do Espectáculo. (IPDAE).

² ARTEMREDE: <http://www.artemrede.pt/#apresentacao> [consulta realizada em 25.01.13].

apresentar-se-á uma caracterização de cada equipamento inserido numa missão municipal e uma proposta de leitura dos dados obtidos, segundo a tipologia proposta, dos dois equipamentos culturais, numa experiência de “programação em rede”.

Caracterização do objecto de estudo

O objecto de estudo do presente é a análise das actividades programáticas baseada nos dados estatísticos de público e de espectáculos, realizados nos dois equipamentos acima referidos, nos anos de 2005 a 2010.

Objectivos

Com este estudo de caso pretende-se reflectir sobre a experiência de programar em contexto de rede de programação intermunicipal. O objectivo específico é o de descobrir tendências artísticas na programação de cada equipamento, se estas são ou não, reforçadas pelas escolhas da programação em rede.

Metodologia adoptada

Neste estudo pretende-se reflectir a experiência do envolvimento de um equipamento cultural, numa estrutura de programação em rede. Por um lado, contabilizando os públicos, por outro, através da observação das orientações artísticas de cada equipamento para a sua programação e para escolha da programação ARTEMREDE.

Os equipamentos em análise são o Joaquim de Almeida (Montijo) e o São João (Palmela), nos anos de 2005 a 2010³. Conforme cronograma apresentado, entrámos em contacto com as referidas entidades, a partir da carta e declaração de investigação aos

³ Inicialmente tinha sido proposto também a análise do Fórum Cultural José Manuel Figueredo (Concelho da Moita) mas por falta de dados detalhados da programação, nos anos de 2005 a 2010, não foi possível incluir o referido equipamento neste estudo de caso.

responsáveis máximos da Cultura de cada município e à direcção executiva da ARTEMREDE. Após confirmação da recepção do pedido de dados, foi agendado uma entrevista a cada responsável pelo equipamento. Estas decorreram entre o mês de Novembro (CTJA) e em Dezembro (CTSJ).

A entrevista⁴ a Pedro Vaz de Carvalho (CTJA) foi realizada no mesmo dia da apresentação do estudo. O director do CTJA realizou uma visita guiada aos espaços do equipamento e relatou as diferentes valências e melhoramentos que o equipamento foi alvo nos últimos anos. Recebemos os seguintes dados: relatórios de bilheteira semestrais e/ou bimestrais assim como os relatórios anuais, de 2005 a 2010 (dados dos espectáculos, género, data, número de sessões, bilhetes vendidos, convites, lugares, vagos, lotação).

No mês de Dezembro foi realizada a reunião com Alberto Pereira (Chefe da divisão de Acção Cultural da C. M. Palmela) e com Jorge Patrício (CTSJ) Neste mesmo encontro foi realizada a entrevista a Alberto Pereira⁵ e uma visita guiada aos espaços do equipamento. Nesta reunião foi combinado ainda agendar no início de Janeiro um encontro com a responsável pela programação do CTSJ, Teresa Machado. A publicação camarária do Cine – Teatro S. João *Meio Século de Magia* foi gentilmente cedida. Ainda em Dezembro Jorge Patrício enviou os dados gerais de apresentação do equipamento: Missão e Valores, relatório geral do CTSJ de 2000 a 2010, relatório da Divisão de Acção Cultural do CTSJ, logótipo do equipamento e dossier de apresentação do CTSJ. Em Janeiro de 2013 após reunião de esclarecimento com Teresa Machado, foi-me enviado a programação detalhada do CTSJ, nos anos em análise.

Cada equipamento tem o seu modo de categorização, a sua tipologia das áreas da programação artística e esta foi a primeira dificuldade com a qual deparámos na realização deste estudo.

⁴ Entrevista transcrita no Anexo 15 e no formato mp3 no CD em Anexo.

⁵ Entrevista transcrita no Anexo 16 e no formato mp3 no CD em Anexo.

De modo a criar uma base comum, foi estabelecida uma tipologia seguindo o modelo geral⁶ (Costa, 2007:48) mas com alguns ajustamentos a esta análise, isto é, criando “gavetas maiores”, por exemplo, foi enquadrada na área Multidisciplinar, que não existe na classificação OAC, vários tipos de eventos, muito diferentes entre si, tais como Novo Circo ou uma exposição. Reconhecendo que o conteúdo performático de um espectáculo de Novo Circo (tanto a nível de *performance* como de recepção do espectáculo), não é comparável com o conteúdo e a recepção de uma exposição⁷ ou de uma tertúlia, no entanto, e de modo a não multiplicar categorias na grelha de comparação, decidimos elaborar uma categoria que englobasse várias artes disciplinares. Na análise, em primeiro lugar seguimos a tipologia definida pelo equipamento, em caso de diferença de categorização foi enquadrada na tipologia proposta.

Esta base comum de categorização foi possível realizar porque tivemos acesso a todos os dados necessários à análise, ou seja, a programação detalhada do equipamento com o nome do espectáculo, da companhia, categorização do género, número e data das sessões e número de público. As suas programações foram analisadas mês a mês, de 2005 a 2010 e categorizadas na tipologia proposta, seguindo a área artística ou sociocultural do espectáculo/evento. Foram realizadas duas entrevistas: a Pedro Vaz de Carvalho (director CTJA – Montijo), no dia 23 de Novembro de 2012 e a Alberto Pereira (chefe da Divisão de Acção Cultural da C. M. Palmela), no dia 13 de Dezembro de 2012.

⁶ Utilizada pelo OAC: Identificação em oito áreas: artes plásticas, música, dança, teatro, cinema, televisão e rádio, livro, publicações e bibliotecas, património, museus e arquivos, actividades sócio-culturais.

⁷ Como exemplo, a exposição carta coreográfica, de 2009, apresentada no CTSJ, no âmbito Território Artes em http://www.dgartes.pt/news_details.php?month=1&year=2007&newsID=23836&lang=pt [consulta realizada em 25.01.13].

Tipologia proposta

Música: concertos de vários géneros, concertos da OML, coros, prémios de música (no caso do Montijo o Prémio Jorge Peixinho); concertos de Natal / Páscoa / Ano Novo, festival de bandas.

Teatro: teatro, *stand – up*, homenagens a artistas (exemplo João Vilarrett), *clown*, teatro de sombras e mímica (os dois últimos no caso da programação ARTEMREDE).

Dança: contemporânea, clássica, festival de dança.

Infantil: teatro, dança e música – infantil e para bebés, marionetas, hora do conto.

Multidisciplinar: exposições, tertúlias, conferências, novo Circo (no caso da programação ARTEMREDE).

Oficinas: *ateliers*, visitas guiadas, formação, seminários.

Actividades socioculturais: “dia da freguesia”, aniversário do teatro, cedências a associações, grupos recreativos, juntas de freguesia e escolas para festas de natal e exercícios finais do ano lectivo, jornadas de orçamento participativo, festividades dos bombeiros, das vindimas, etc.

Cinema: ciclo de cinema, documentário e projecções de DVD.

As **dificuldades sentidas** na realização deste estudo foram em primeiro lugar a obtenção dos dados necessários à análise, a programação detalhada e o número de público, nos 2005 a 2010. Apesar dos anos em análise serem relativamente recentes, a informação nem sempre se encontra completa e organizada, numa só divisão administrativa (por exemplo). A segunda dificuldade foi a de estabelecer uma tipologia comum, como base para possível comparação de “tendências – orientações” entre equipamentos, devido a cada equipamento seguir a sua categorização de área artística ou sociocultural. Por exemplo, a apresentação da peça de teatro amador realizado pela

associação sénior *Avozinhas* é contabilizada na categoria de teatro, na nossa tipologia essa apresentação sendo de cariz artístico amador, de envolvimento e participação da comunidade na vivência do equipamento, é entendida como uma actividade sociocultural. Só foi possível ultrapassar esta dificuldade porque, como foi dito anteriormente, foi cedida a programação detalhada dos referidos equipamentos, possibilitando o estabelecimento de uma tipologia comum.

Capítulo I

1 Rede Cultural

“O território funciona em rede e as cidades, grandes, médias ou pequenas, competem entre si.”

(Lopes 2000 a:86).

O presente trabalho pretende reflectir sobre as “novas geografias da cultura” (Portugal e Marques, 2007: 95) – as redes culturais – numa óptica de “concertação intermunicipal no sentido da gestão dos recursos artísticos e culturais e da programação em parceria” (Costa e Babo, 2007: 71), associada às ideias de “estratégias de cooperação e associação no sentido de partilharem recursos, em geral escassos, e de alargarem o seu âmbito de acção” (Idem: 72). Esta parceria traduz-se em redução de custos com as despesas de programação (produção, transporte, logística, etc), economia de escala nas contrapartidas da programação, quer nacional, quer internacional, cooperação e mobilidade geográfica, partilha de saberes técnicos (formação) e laborais, relações formais e informais, onde se discute, onde se comunica. Mas também a exigência de uma “necessidade de controlos cruzados (...) bem como as cada vez mais dinâmicas regulações territoriais” (Lopes, 2007a: 63).

O recurso ao conceito de rede e parcerias está intimamente associado ao conceito de desenvolvimento do território (Santos, 2005: 135) e a sua posição na dicotomia do local / global, como um dos “intrigantes fenómenos da cultura contemporânea”⁸.

A “territorialidade das actividades culturais” está segundo o autor Pedro Costa fortemente associada “àquilo que são as novas realidades do desenvolvimento regional e local” (Costa, 2007: 99). Num mundo e numa economia global, as cidades, pequenas e médias, de modo a não perderem a sua “presença no mapa”, necessitam de se tornarem distintivas no e pelo território, reconhecendo que a “competitividade de cada espaço assenta fortemente na sua territorialidade” (Idem: Ibidem).

Estas precisam de dar o “salto” que entendemos por saída da dicotomia local vs global, da periferia e centros.

“O salto, para muitos, pode parecer mortal. Mas as regras do jogo “local/global” não implicam, fatalmente, o apagamento dos mais fracos. Podem oferecer, pelo contrário, se habilmente manipuladas, um conjunto de ousadas e irrecusáveis oportunidades para a implantação de novas escalas capazes de baralhar as hierarquias tradicionais dos sistemas urbanos nacionais”

(Lopes, 2000 b: 89).

Num mundo onde falamos “global” constantemente, o conceito de local ganhou uma importância crucial como marca de identidade e diferenciação. Este carácter distintivo está marcadamente associado ao conceito de território⁹ e pela capacidade

⁸ “To mark its 20th anniversary, the Culturelink Network hold the Third World Culturelink Conference under the title “Networks – The Evolving Aspects of Culture in the 21st Century, Zagreb, 2009. The Conference aim at investigating the role and relevance that cultural networks hold for cultural development. A retrospective overview of the cultural networks phenomena in the past 20 years will pose as grounds for debate on new perspectives of cultural networking in the 21st century. Special consideration will be given to issues regarding the position of cultural networks within cultural policies structures, as well as to the effective usage of innovative ICT and networking applications that significantly develop the modes and scopes of activities of cultural networks” em http://www.unesco.org/new/en/venice/about-this-office/single-view/news/networks_the_evolving_aspects_of_culture_in_the_21st_century/ [consulta realizada em 06.02.13].

⁹ Com efeito, no contexto do processo de mundialização que vivemos é consensualmente reconhecido que a competitividade de cada espaço assenta fortemente na sua territorialidade, (Costa, 2007:99).

“ (...) que este tenha de oferecer uma especificidade, de valorizar os seus activos próprios numa realidade económica e social que funciona globalmente. Isto não significa, obviamente, uma tendência para a autarcia, mas, pelo contrário estimula crescentemente a procura de valorização externa dos factores endógenos que possam suportar uma inserção << positiva >> nessa realidade alargada”

(Costa, 2007: 100).

Segundo vários autores e relatórios europeus, as actividades culturais têm sido consideradas uma das actividades privilegiadas para a promoção e o desenvolvimento de um território¹⁰, tanto pelo seu valor económico,¹¹ como pelo seu valor cultural, simbólico, estético e identitário. São actividades que também não escapam ao que designa de lógica expansionista do capitalismo tardio “ (...) O que interessa na reprodutibilidade, nesta fase do capitalismo global, é, precisamente, a irrupção da diferença e a substituição da noção de massa pela de audiências parciais” (Lopes, 2007 a: 33).

As actividades culturais são ainda excelentes mobilizadoras e promotoras da diferença, da especificidade de cada espaço. A consciência do potencial de cada localidade aliada ao poder político local, com um projecto para a cultura definido, desempenha para o sociólogo João Teixeira Lopes

“ (...) o nó górdio da questão no que se refere às cidades de pequena dimensão: uma política cultural activa poderá ser um contributo insubstituível para que não se apague a imagem de cidade no contexto de grande competição interurbana. A cidade legível é uma urbe com identidade, distinta, facilmente perceptível”

(Lopes, 2000 b: 86).

Das várias abordagens territoriais, aquela que consideramos a mais completa, sobretudo para o nosso território, é abordagem estruturada “em torno da ideia de

¹⁰ Embora só existam estudos fraccionados do impacto económico dos teatros nas comunidades.

¹¹ Segundo a análise de Pedro Costa, por “ (...) serem actividades cuja a importância e relevância para as economias actuais não têm parado de aumentar, (...) sendo actividades que, cumulativamente, permitem conciliar várias das dimensões essenciais para a sustentabilidade do desenvolvimento e que assumem um papel crescentemente na vida das pessoas face às mutações estruturais nos valores e estilos de vida.”, (Costa, 2007:100) e abordagens mais institucionais das principais organizações supranacionais.

valorização territorial com base na identidade e na cultura específica de cada território” (Costa e Babo 2007: 56).

Nem todas as experiências em rede ocorridas no âmbito cultural são caracterizadas por esta estratégia territorial com base “na identidade e na cultura específica de cada território”, é assinalado por Carlos Vargas que algumas destas experiências em rede foram baseadas na fórmula de “transferir para a província os paradigmas normativos da cultura e das práticas culturais de Lisboa e do Porto” (Vargas, 2011: 06), descurando as possibilidades de um trabalho para e com a comunidade.

Se recuarmos aos anos 90 veremos que o conceito de rede era recorrente no discurso político cultural, no embalo da “mudança de perspectiva política que se opera colocando os teatros no centro da renovação do tecido urbano” (Idem: 02). A retórica e nomenclatura de programas do estado central, colocaram o conceito de “Rede” na ordem do dia, vejamos: tivemos em 1987 a Rede Nacional de Bibliotecas Públicas, de 1992 a 1998 criação da “Rede Nacional de Sala de Espectáculos”¹², o programa “Rede Nacional de Recintos Culturais / Rede de Teatros Históricos”, posteriormente a “Rede Nacional de Teatros e Cineteatros (Capitais de Distrito) e a “Rede Municipal de Espaços Culturais”.

O “conceito de rede” entrava no discurso político e no vocabulário estratégico nacional seguindo directrizes de Bruxelas “about ten years ago, a projective – and a bit based on mythological thinking – trend appeared in the works of the Council of Europe. In this view, networks could replace cultural policies being realized by regional and state authorities”¹³ conceito continuamente desenvolvido e impulsionado pela União Europeia¹⁴ mas que no contexto português, começou a ter expressão no final nos anos 80, sem nunca ter sido devidamente definido. (Vargas, 2011: 04).

¹² “ (...) contemplou 31 acções de aquisição, obras e equipamento” (Vargas, 2011: 02).

¹³ Jean-Pierre Deru na Conferência Europeia da Cultura, Polónia 2011. Em http://www.culturecongress.eu/en/ngo/ngo_bestpractice_deru [consulta realizada em 24.01.13].

¹⁴ Em <http://www.cultureactioneurope.org/network/european-networks/43-european-networks/167-encc--european-network-of-cultural-centres?e4b73c3745ac4bc374714928e835769b=73e9ab> [consulta realizada em 06.02.13].

Do discurso ao concreto, Carlos Vargas assinala que estas redes nacionais criadas nos anos 90 revelaram-se como “meras fórmulas para colocar em negociação no espaço político a possibilidade de intervenção em equipamentos culturais por parte do poder local” (Idem:05), para programas de construção ou reconstrução¹⁵ realizados através de fundos comunitários.

O poder político representava-se às populações através do simbolismo de uma “casa da cultura”, numa construção sem estratégia territorial e sem um diagnóstico, *à priori*, das práticas e das necessidades das suas populações.

Destas experiências em rede nos anos 90 podemos observar que o excessivo abuso do termo “rede” para efeito de *marketing* aliado a outros dados e opiniões organizados pela OAC (Santos, 2005: 67), tais como,

“ (...) limitada parceria entre os níveis central e local da Administração Pública no domínio da cultura; carácter pontual das iniciativas de articulação entre entidades de diferentes domínios culturais; incapacidade de se conseguir contrapartidas para o acolhimento/compra de produções estrangeiras fora das instituições de referência”

(Santos, 2005: 67).

Estes dados continuam a ser necessidades a melhorar para os próximos quadros estratégicos¹⁶. O caso que queremos aqui apresentar é na sua constituição, diferente das falhas anteriormente realçadas. É uma rede de teatros intermunicipal criada a partir de um estudo prévio de diagnóstico das necessidades de um território, com uma estratégia programática definida, com base na identidade e cultura específica de cada região.

A sua apresentação realizar-se-á no próximo capítulo.

¹⁵ POC – Programa Operacional para a Cultura, no Eixo I do Quadro Comunitário de Apoio para Portugal, para o período 2000-2006 (QCA III), constitui uma medida inovadora no quadro comunitário, dado que se trata do primeiro Programa Operacional consagrado à Cultura, na União Europeia em <http://www.qca.pt/pos/poc.asp> [consulta realizada em 06.02.13].

Em <http://www.qca.pt/pos/download/2000/poc.pdf> [consulta realizada em 06.02.13].

¹⁶ Quadro estratégico Europeu 2014 – 2020 em <http://www.qren.pt/np4/qren> [consulta realizada em 23.02.13].

2 ARTEMREDE – Teatros associados

“Planear, construir e fazer funcionar.”

António Fonseca Ferreira (CCDRLVT, 2005:05).

2.1 Breve história de um projecto cultural

Para definirmos a associação e o conceito da ARTEMREDE necessitamos primeiramente de explicar como surgiu este projecto cultural. A Comissão de Coordenação da Região de Lisboa e Vale do Tejo, de agora em diante tratada por CCDRLVT, definiu com prioridade “o esforço de valorização e consolidação do património cultural e regional” (CCDRLVT, 2005: 05), no Plano Estratégico da Região de Lisboa e Vale do Tejo. Esta prioridade foi concretizada através do Programa Operacional Regional e do Programa Operacional da Cultura¹⁷, nos 2.º e 3.º Quadros Comunitários de Apoio.¹⁸ Primeiro começou-se por planear a reabilitação e/ou construção de grande número de teatros e Cine – Teatros da região, depois seguiu-se a fase de “mãos na massa” propriamente dita, para num terceiro momento poder-se começar a pensar na fase do funcionamento, do dia-a-dia destes equipamentos.

Nas palavras de António Fonseca Ferreira¹⁹ este seria um dos princípios orientadores para fazer vingar na Região de Lisboa e Vale do Tejo, “uma visão integrada de planear, construir e fazer funcionar” (CCDRLVT, 2005: 07).

Em primeiro lugar recuperou-se, valorizou-se e consolidou-se o património cultural regional, por um lado evitando que imóveis de importância arquitectónica e patrimonial fossem vendidos para uma utilização longe do acesso e fruição da população (como a utilização para fins religiosos ou de construção de condomínios fechados), por outro lado

¹⁷ POC – 2000 a 2006. Eixo Prioritário 2 – Favorecer o acesso a bens culturais. Medida 2.1. – Criação de uma rede fundamental de recintos culturais em <http://www.qca.pt/pos/download/2000/poc.pdf> [consulta realizada em 22.01.13].

¹⁸ Em http://www.fonsecaferreira.net/wp-content/uploads/2011/08/Casos_cap32_2p.pdf P 424 [consulta realizada em 22.01.13].

¹⁹ Presidente da Comissão de Coordenação da Região de Lisboa e Vale do Tejo de 1998 a 1999.

equipando-se os equipamentos com meios tecnológicos para a produção cultural. A base de infra-estruturas culturais estava preparada. E agora? Depois da obra realizada, o que fazer com ela? Delegá-la às autarquias? Sabendo que muitas das vezes não há, ou se há, é pouco o financiamento para a manutenção básica destes espaços? Como garantir uma “ocupação efectiva com produções de qualidade”? (CCDRLVT, 2005: 05). Como “assegurar soluções viabilizadoras de plena fruição pelos cidadãos dos equipamentos renovados e com a rentabilização dos recursos”? (Idem, Ibidem). Como garantir o desenvolvimento na qualidade de vida cultural das populações e ao mesmo tempo facilitar o acesso dos artistas locais, regionais, nacionais e até mesmo internacionais a estes novos equipamentos, a estas novas possibilidades?

Foi nesta fase que a CCDRLVT encomendou um estudo diagnóstico²⁰ da Região de Lisboa e Vale do Tejo, que incluiu “um trabalho de inventariação dos teatros e cine – teatros e de análise das dinâmicas culturais da Região”, bem como uma ampla discussão e troca de ideias com as autarquias, ao nível, quer dos seus responsáveis políticos, quer de responsáveis dos departamentos culturais ou dos próprios teatros”²¹, de modo a poder desenhar conforme as necessidades e possibilidades diagnosticadas na RLVT e “montar uma rede regional de Teatros e Cine – Teatros, com vista a potenciar o aproveitamento da capacidade instalada, usando em sinergia os recursos dos municípios” (CCDRLVT, 2005: 05). Estava identificada a necessidade de apoio na gestão e programação destes novos e/ou recuperados equipamentos culturais na “máquina autárquica”, através da qualificação e de um enquadramento numa política de desenvolvimento cultural consistente. No inventário foram identificadas

“ (...) fragilidades e/ou insuficiências, nomeadamente ao nível das condições técnicas relativas aos equipamentos e recursos humanos, às condições de acolhimento dos artistas, aos meios financeiros disponíveis para o desenvolvimento da actividade.” (CCDRLVT, 2005: 68).

²⁰ À empresa de consultoria Quaternaire Portugal, no ano de 2003.

²¹ Em <http://www.artemrede.pt/#apresentacao> [consulta realizada em 01.01.13].

Neste estudo, identificou-se ainda a consciência da complexidade e da necessidade de gestão e dinamização dos teatros e cine – teatros. Em 2005²² realizou-se o encontro intermunicipal promovido pela CCDRLVT de apresentação do trabalho cultural em rede – o projecto ARTEMREDE – aos técnicos autárquicos e especialistas da área da Cultura, do território da RLVT. Este encontro funcionou como uma partilha de experiências e propostas entre os responsáveis autárquicos e directores de festivais, teatros, companhias de dança, programadores e representante do programa POC.

A ARTEMREDE – teatros associados foi constituída no modelo jurídico – institucional de associação cultural sem fins lucrativos²³, fundada por 16 municípios da RLVT,²⁴ (dentro dos quais os dois municípios em análise, neste estudo), no âmbito de uma iniciativa de cooperação com a Administração Central, no ano de 2005.

Esta rede é definida como “um projecto de qualificação e descentralização cultural” que tem por missão

“ (...) promover a qualificação e desenvolvimento da actividade cultural dos seus membros, nomeadamente através da coordenação da respectiva actuação no domínio da gestão e programação de teatros, cine - teatros e outros espaços de apresentação pública de espectáculo.”²⁵

A associação descreve o objectivo da sua criação como “qualificar o funcionamento dos teatros associados e na expectativa de trazer como benefícios aos seus membros”²⁶ através do cumprimento dos objectivos descritos no Anexo 1. O cumprimento dos objectivos desta rede não substitui a “actuação de cada município *per si* e ao desenvolvimento de uma política cultural autónoma” (CCDRLVT, 2005:71). Cada município no seu equipamento cultural deverá conceber uma programação própria, havendo espaço

²² Sintra, 19 de Janeiro de 2005.

²³ Os órgãos sociais da Associação encontram-se descritos no Anexos 2 e os recursos humanos e financeiros no Anexo 3. Os estatutos da associação encontram-se disponíveis em <http://www.artemrede.pt/images/Estatutos.pdf> [consulta realizada em 10.01.13].

²⁴ Abrantes, Alcanena, Alcobaça, Almada, Almeirim, Barreiro, Cartaxo, Entroncamento, Moita, Montijo, Nazaré, Palmela, Santarém, Sintra, Sobral de Monte Agraço e Torres Novas.

²⁵ Em <http://www.artemrede.pt/#apresentacao> [consulta realizada em 10.01.13].

²⁶ Em <http://www.artemrede.pt/#apresentacao> [consulta realizada em 10.01.13].

para esta rede de programação comum a vários equipamentos culturais municipais, “são patamares diferentes de intervenção local e regional – que devem ser encarados numa perspectiva de complementaridade e não de oposição ou aglutinação” (CCDRLVT, 2005:72).

2.2 A escolha da programação

Segundo a definição do processo de elaboração da programação²⁷ descrito no Plano Estratégico 2008-2015 da ARTEMREDE este é constituído ao longo de alguns meses e envolve a direcção executiva da associação e os responsáveis pela programação de cada teatro associado na preparação de um catálogo, concluído até Setembro de cada ano. É constituído por projectos artísticos seleccionados pela direcção da ARTEMREDE (cerca de 45%) e pelos próprios associados²⁸. As propostas nacionais são escolhidas, pelo menos por quatro associados e as internacionais, pelo menos por cinco associados e são apresentadas e financiadas no ano seguinte (ARTEMREDE, 2009: 24). Ainda existe uma parte do orçamento para a programação, embora mais reduzido (cerca de 25%), que é

“ (...) utilizado para apresentação de espectáculos em co-produção com os teatros nacionais ou outros organismos não pertencentes à ARTEMREDE, para apresentação de extensões de festivais de prestígio e tradição nalguns dos municípios associados (...) e também para promover novas criações”

(ARTEMREDE, 2009: 24).

Como exemplos, em 2007 *A arte da fuga* de Rui Lopes Graça, em 2008, o espectáculo de marionetas *Xerazade não está só!* ou em 2010 o *Vale*, da coreógrafa Madalena Victorino²⁹. O modo de selecção da parte da programação que ainda não se encontra definida, constitui-se através da discussão, do jogo – negócio, do

²⁷ Pressupostos da programação no Anexo 1.

²⁸ Parte da selecção que gera maior debate entre os programadores (Entrevista a Pedro Vaz de Carvalho no Anexo 15).

²⁹ Espectáculo vencedor do prémio para a Melhor Coreografia na primeira edição do Prémio Autores, da SPA e RTP.

“enamramento”³⁰, de cedências e partilhas, no cruzamento de redes formais e informais, na comunicação. A formação e as visitas técnicas realizadas pela associação para os programadores originaram, tanto pela sua convivência como pelas afinidades profissionais e pessoais, laços e o conhecimento de como cada programador³¹ no seu concelho, trabalha. Pensamos que uma das singularidades deste processo é a escolha da programação, tanto pelo seu modo selecção de espectáculos, performances, oficinas, conteúdo e a atitude, que entendemos irem de acordo às palavras de João Teixeira Lopes

“ (...) ter uma atitude que permita uma alteração na conceptualização dos diferentes níveis de cultura. Em vez de adoptar um modelo hierarquizado, admite-se a coexistência plural de manifestações culturais; em vez de concepção que favorece a <<pureza>> das diferentes formas da cultura, introduz-se a contaminação, imbricação e reciclagem, em vez da unidimensionalidade, o trânsito mútuo; em vez, enfim, de um modelo etnocêntrico de defesa de consumos elitistas, salienta-se a diversificação das escolhas e dos gostos culturais

(Lopes, 2000 b: 26).

Esta selecção, este “catálogo da produção contemporânea” origina como António Pinto Ribeiro (2011) diz a “constituição de um imaginário e de fantasias que legaremos ao futuro, retribuindo assim o legado anterior, (...) Uma programação cultural e a programação das actividades artísticas intervêm directamente na constituição dos imaginários colectivos e particulares”. O que podemos relacionar com noção de memória colectiva identitária introduzida por Maurice Halbwachs na sua obra *A memória colectiva*.

³⁰ Entrevista a Pedro Vaz de Carvalho (Anexo 15).

³¹ Esta especialização profissional na vertente de programador é fruto também das novas configurações técnicas requeridas nos passados “anos dourados”, os anos noventa: surge o programador, o intermediário, o mediador, que Cláudia Madureira (Madureira, 2002: 04) descreve como uma especialização gerada por um sistema de combinações” (...) É através do “combination system” que melhor se verifica que essa intermediação é desenvolvida através de critérios vários: 1) através das políticas culturais que a contextualizam; 2) através dos critérios implícitos nos objectivos das próprias instituições ou projectos culturais e 3) através dos critérios dos próprios programadores. Critérios que, no seu conjunto, podem ou não ser consonantes entre si e esboçar diferentes estratégias culturais.”

Os sujeitos activos na escolha da “agenda cultural”, os programadores podem ser “um elemento exógeno ao campo de produção artístico (ocupando um cargo político estatal)³²” (Madureira, 2002: 06) ou surgirem de dentro do campo artístico.

No caso particular da programação ARTEMREDE esta resulta de uma selecção de programação organizada por estes dois tipos de programador: o político e institucional e os programadores de dentro do campo cultural, caracterizados por acumularem funções e relações, dentro da área da produção cultural.

3 Municípios em rede

Nas últimas décadas os municípios têm executado “estratégias” culturais lançadas pela administração central, com o intuito de descentralizar (e reduzir as assimetrias regionais), assim como aproximar a população dos serviços culturais municipais, associado às estratégias de desenvolvimento económico dos concelhos.

Após a criação ou reabilitação das infra-estruturas dos teatros e cineteatros, como João Teixeira Lopes descreve como “grau zero do desenvolvimento do campo cultural local” (Lopes, 2000 a: 86), sob o planeamento da administração central através de fundos comunitários³³, as autarquias ganharam um espaço de relevo e a responsabilidade de gerir, manter, programar, planear e organizar os novos espaços culturais.

Estas novas responsabilidades de gestão trouxeram novas limitações “decorrentes quer de escassos meios de financiamento público, quer de recursos humanos e logísticos adequados” (Gomes, 2006: 27) e novas formas de organização como por exemplo,

“ (...) constituição de parcerias com agentes de outros sectores institucionais, sobretudo associações com trabalho reconhecido no

³² No primeiro caso podemos dar como exemplo, a última escolha para a representação portuguesa na maior feira de arte contemporânea a Bienal de Veneza, o “curador” foi o próprio Governo.

³³ Os primeiros 20 anos de União Europeia e os financiamentos que dela advieram permitiram que o Estado Central em parceria com o poder local ultrapassasse a fase do investimento nas estruturas básicas e investisse na (re)construção e/ou reabilitação de equipamentos culturais, “podemos identificar a abertura, desde 2002 até 2006, de mais de 130 recintos” (ARTEMREDE, 2009:06).

seio das comunidades locais, (...) criação de empresas municipais, fundações, recurso externo a serviços privados, (...), que se traduzem num crescente cruzamento de lógicas organizacionais” (Gomes, 2006: 27).

Estas “lógicas organizacionais” perante as contrições das medidas de austeridade vêem o seu futuro comprometido, na missão para a qual, muitas delas, foram constituídas, necessitando de ser reajustadas ao presente contexto económico³⁴ a par com a urgência de uma responsabilização e articulação da administração central com as autarquias locais. Com esta nova configuração a constituição de redes tornou-se primordial para o co – financiamento das programações culturais, por vezes, até para a continuação da sua actividade regular, enquanto “ferramenta de reconfiguração de territórios culturais”. (Brandão, 2007: 105) e de criação, aproximação dos públicos, da comunidade.

As mudanças o ocorreram no plano político, no plano de construção dos novos espaços nas reabilitadas urbes, a mudança ocorreu também na esfera das práticas dos “públicos”, do “Outro”, dessas “comunidades de estranhos, efémeras e contingentes” (Lopes, 2007 b: 05), seguindo a análise de Augusto Santos Silva “porque as mudanças nas práticas culturais modificaram gradualmente o perfil da procura local de eventos de cultura e lazer e abriram concomitantemente novas oportunidades, novos públicos (e também novas exigências) à intervenção autárquica.” (Silva, 2007: 12). Nova sociedade, novos públicos, novas urbes reabilitadas, (por “acordar”?).

As autarquias envolveram-se nas redes culturais através de parcerias com a rede de bibliotecas³⁵, a rede de arquivos, as redes de Património, a rede de teatros e cineteatros

³⁴ Sessão Cultura e Futuro, S.Luiz. 2012, Proposta de Grupos de Trabalho: “A lei dos compromissos está a implicar uma redução drástica de todo o investimento local. As regras a que estarão sujeitas num futuro próximo as Empresas Municipais implicará o encerramento de virtualmente todas as que têm a seu cargo a gestão de equipamentos culturais, sem que se vislumbre uma alternativa que não seja o regresso a formas arcaicas de administração” em <http://culturaefuturo.blogspot.pt/> [consulta realizada em 07.02.12].

³⁵ Bibliotecas públicas que em cidades de pequena dimensão funcionam como centros culturais, explicado por João Teixeira Lopes (Lopes, 2000 a:88).

ou através dos programas como *Programa Difusão das Artes do Espectáculo*³⁶ (quatro anos mais tarde), surge o programa *Território Artes*, em substituição do anterior³⁷. Estas redes inseriram-se no propósito de descentralização cultural, foram planeadas e projectadas pela administração central de modo a que seja cada vez mais possível “assegurar o direito de todos à cultura”, previsto na Constituição Portuguesa³⁸.

Estes programas nacionais foram complementados com outros de iniciativa inter-municipal³⁹, como exemplo, em 2003 as Comédias do Minho⁴⁰, através da CCDRN⁴¹, Música de Lés a Lés⁴², Quadrilátero do Minho⁴³, Cinco Sentidos⁴⁴, Acto 5⁴⁵, CULTEREDE e CULTURBE 2011-2013,⁴⁶ COMUM – Rede cultural⁴⁷, e através da CCDRLVT, em 2005 a

³⁶ Em vigor entre 2000 e 2002 e dirigido pelo extinto Instituto Português das Artes do Espectáculo – IPDAE, “concebido como complementar ao das redes de recintos” e que incluía, para além de projectos de difusão (Itinerários Permanentes / Itinerários Culturais), projectos de desenvolvimento de públicos / formação, projectos de investigação, residências artísticas, entre outros” (ARTEMREDE, 2009: 11).

³⁷ Surge no último trimestre de 2006 como uma ferramenta de “oficina virtual” inserida no programa de financiamento de produção e programação artística e cultural, dirigido pela Direcção Geral das Artes.

³⁸ Artigo 73.º em <http://dre.pt/comum/html/legis/crp.html> [consulta realizada em 23.01.13].

³⁹ Realizaram-se várias redes intermunicipais (fala-se também da ideia de Comunidades Intermunicipais), como exemplo a Comunidade Urbana Valimar Esta Comunidade é constituída pelos municípios de Caminha, de Arcos de Valdevez, Esposende, Ponte da Barca, Ponte de Lima e Viana do Castelo em <http://www.cm-caminha.pt/ver.php?cod=0B0D> [consulta realizada em 03.01.12].

⁴⁰ Associação de municípios e de um teatro: Melgaço, Monção, Paredes de Coura, Valença e Vila Nova de Cerveira – e do Teatro Noroeste para a concretização de uma companhia profissional, no vale do Minho em <http://www.comediasdominho.com/APRESENTACAO> [consulta realizada em 23.01.13].

⁴¹ Através do Programa Operacional do Norte em http://www.novonorte.qren.pt/fotos/editor2/import/ccr-norte.pt/novonorte/dossier_20110708_ON2_cultura.pdf [consulta realizada em 06.02.13].

⁴² Promotor Culturval – Gestão de Equipamentos Culturais de Vila Real, E. E. M, Parceiros: Município de Bragança, Academia de Música de Espinho em http://www.novonorte.qren.pt/fotos/editor2/import/ccr-norte.pt/novonorte/dossier_20110708_ON2_cultura.pdf [consulta realizada em 06.02.13].

⁴³ Promotor A Oficina, Centro de Artes e Mesteres Tradicionais de Guimarães, CIPRL, Parceiros: Teatro Circo de Braga, Município de Vila Nova de Famalicão em http://www.novonorte.qren.pt/fotos/editor2/import/ccr-norte.pt/novonorte/dossier_20110708_ON2_cultura.pdf [consulta realizada em 06.02.13].

⁴⁴ Promotor TURRIESPACOS – Empresa Municipal de Gestão de Equipamentos Culturais e Desportivos do Município de Torres Novas, E.E.M. Parceiros da Região do Norte: “A Oficina” – Centro de Artes e Mesteres de Guimarães, CIPRL em http://www.novonorte.qren.pt/fotos/editor2/import/ccr-norte.pt/novonorte/dossier_20110708_ON2_cultura.pdf [consulta realizada em 06.02.13].

⁴⁵ Promotor Companhia de Teatro de Almada. Parceiros da Região do Norte: Teatro Circo de Braga e Município de Matosinhos em http://www.novonorte.qren.pt/fotos/editor2/import/ccr-norte.pt/novonorte/dossier_20110708_ON2_cultura.pdf [consulta realizada em 06.02.13].

⁴⁶ Promotor Empresa Municipal de Cultura e Recreio de Seia. Parceiros da Região do Norte: Municípios de Paredes de Coura e Ponte de Lima e Promotor Escola da Noite – Grupo de Teatro de Coimbra. Parceiros da

associação de Teatros – ARTEMREDE. Fecha-se a lista com o exemplo de iniciativa privada – *procur.arte* – promotora do catálogo de artistas e produtores - *Pisa-papéis*, guiado por indicadores territoriais (Costa e Babo, 2007: 58). Os exemplos de experiências em rede elencados assim como as novas configurações tornaram o poder local num agente e receptor do tecido cultural, cabendo-lhe vários desígnios, de gestão e serviço municipal,

“ (...) papel preponderante, enquanto elemento animador e regulador dos processos de mudança. Cabe-lhe, antes de mais, assumir as responsabilidades de serviço público da cultura, criando as condições de um mercado assistido de base local”

(Lopes, 2000 a:83).

Gestor do “jogo local de relações, isto é a rede de agentes directa ou indirectamente envolvidos, os seus interesses e os seus conflitos” (Idem: *Ibidem*), com a responsabilidade sobre as práticas culturais programáticas,

“ (...) em especial no que se refere às produções que pretendem escapar aos circuitos e aos públicos das indústrias culturais e que, não raras vezes, proporcionam avanços ou <<saltos>> estéticos significativos (proceder de forma contrária seria sucumbir perante a ditadura do grande número e do cifrão, negando ao produto cultural a sua especificidade)”

(Lopes, 2000 a: 109).

Os municípios inseridos em redes culturais têm os seus equipamentos culturais incluídos em malhas de cooperação, que funcionam como uma via de qualificação,

“ (...) enquanto instrumento de qualificação, ordenação, coesão, concertação, difusão e formação, (...) abertura admitindo-se a incorporação de novos elementos e, logo, de novos pontos de ligação e concertação; multacentralidade (...) vinca-se a ideia de redes como estruturas de relação, de intercâmbio de comunicação”

(Silva, 2004: 249-250).

Região do Norte: Teatro Circo de Braga em http://www.novonorte.qren.pt/fotos/editor2/import/ccr-norte.pt/novonorte/dossier_20110708_ON2_cultura.pdf [consulta realizada em 06.02.13].

⁴⁷ Com actividade de 2004 a 2006 pelo projecto comum ACERT e 7 municípios em <http://www.acert.pt/projectos/projecto.php?idcat=151> [Consulta realizada em 05.02.13].

Vários teatros, vários centros a trabalharem e a comunicarem numa plataforma comum. Deste modo, a constituição de redes culturais municipais funcionam como “alavancas” para os municípios conjugarem objectivos e recursos, utilizando as palavras de Pedro Costa, recursos por vezes sobredimensionados para a escala local.

As experiências municipais em rede têm demonstrado “ (...) o potencial de progressão em matéria de reforço e qualificação de competências, sobretudo com recursos humanos profissionais e artísticos especializados, que cada município de *per si* tem enorme dificuldade em fixar.” (Costa e Babo, 2007: 72). O trabalho cultural, através de redes municipais poderá ser um dos instrumentos e um dos recursos para que possa continuar a existir uma programação cultural (regular) nos serviços municipais.

Capítulo II

1 Caracterização sócio-geográfica da Região de Lisboa e Vale do Tejo

Este segundo capítulo começa por caracterizar em primeiro lugar a Região de Lisboa e Vale do Tejo através de indicadores sociodemográficos e geográficos, com especial atenção ao território pertinente para este trabalho: os municípios de Moita, Montijo e Palmela inseridos na Península de Setúbal. Esta caracterização segue, em geral, duas linhas orientadoras: a comparação do município com uma unidade territorial maior e/ou a análise por freguesia. Tem como dados de referência o Relatório Anual, de Abril de 2012, *Observatorium*, da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional de Lisboa e Vale do Tejo, de agora adiante tratada por CCDRLVT e a base de dados de Portugal Contemporâneo PORDATA⁴⁸.

Os municípios em análise pertencem geograficamente à península de Setúbal, território inserido para fins estatísticos europeus na NUTS da região de Lisboa e na

⁴⁸ PORDATA: <http://www.pordata.pt/> [consulta realizada em 20.01.13].

administração indirecta do Estado, a CCDRLVT⁴⁹ organismo que tem por missão e objectivos,

“Executar as políticas de ambiente, ordenamento do território e cidades e de desenvolvimento regional ao nível das respectivas áreas geográficas de actuação, promover a actuação coordenada dos serviços desconcentrados de âmbito regional e apoiar tecnicamente as autarquias locais e as suas associações”⁵⁰.

A região de Lisboa e Vale do Tejo representa uma área de 12 204 Km², integra a capital de Portugal e as NUTS III da Grande Lisboa, Lezíria do Tejo, Médio Tejo, Oeste e Península de Setúbal⁵¹. Situa-se na Costa Oeste da Europa e é a fronteira mais ocidental do Continente Europeu, o que lhe concede uma localização geoestratégica privilegiada⁵².

A Região concentra algumas das principais infraestruturas científicas e tecnológicas, económicas, financeiras e políticas de Portugal, e assume-se, claramente, como o motor do desenvolvimento nacional. As 3.652.331 pessoas que nela vivem, estudam e trabalham produzem cerca de metade da riqueza do país⁵³ e correspondem a um crescimento da população em cerca de 5,3 pontos percentuais face a 2001, o que revela capacidade em atrair população para o seu território.

É ainda segundo o Relatório Anual 2012 *Observatorium* da CCDRLVT⁵⁴ que se pode aferir que esta região encontra-se com um dinamismo demográfico superior à média nacional, assim como em relação aos níveis de instrução, info - inclusão mais acentuada, melhores cuidados de saúde, poder de compra mais elevado e melhor acesso à cultura e lazer. Contudo, o desemprego surge como um indicador fortemente preocupante. O

⁴⁹ Em <http://www.ccdr-lvt.pt/pt/> [consulta realizada em 20.01.13].

⁵⁰ Em <http://www.ccdr-lvt.pt/pt/missao--visao-e-objetivos-estrategicos/7292.htm> [consulta realizada em 20.02.13].

⁵¹ Observatorium da CCRLVT Abril 2012 em <http://www.ccdr-lvt.pt/pt/observatorio-regional-de-lvt/7283.htm> consulta realizada em 20.02.13].

⁵² Idem, Ibidem.

⁵³ Em <http://www.ccdr-lvt.pt/pt/a-rlvt/7279.htm> [consulta realizada em 08.10.12].

⁵⁴ Observatorium CCDRLVT Abril 2012 Em <http://www.ccdr-lvt.pt/pt/observatorio-regional-de-lvt/7283.htm> consulta realizada em 20.02.13].

crescimento da população é moderado e baseado essencialmente no crescimento migratório, pois o crescimento natural demonstra uma tendência negativa. A variação da população residente, tendo por base os dados provisórios dos Censos 2011, é díspar no seio da Região, contrastando o dinamismo verificado na Península de Setúbal e no Oeste com o desempenho muito menos favorável do Médio Tejo (CCDRLVT, 2012: 17).

A Grande Lisboa e a Península de Setúbal destacam-se ao nível sub-regional, pois são as únicas sub-regiões que registam valores positivos no crescimento natural entre 2007 e 2010 (CCDRLVT, 2012: 21).

A Península de Setúbal é constituída por nove municípios (Alcochete, Almada, Barreiro, Moita, Montijo, Palmela, Seixal, Sesimbra e Setúbal), tem uma área de 1581 km² e uma população de 714 589 habitantes.

Ao nível sub-regional, a Península de Setúbal foi o território que mais contribuiu para o crescimento da população na RLVT, uma vez que regista valores superiores às restantes sub-regiões (9,1%), seguindo-se o Oeste, com um crescimento na ordem dos 7% (CCDRLVT, 2012: 18). No período em análise constata-se que os municípios de Alcochete (35%), Sesimbra (31,8%) e Montijo (30,8%) foram os concelhos mais robustos, contribuindo para o crescimento populacional na Península de Setúbal (CCDRLVT, 2012: 19).

É também a Península de Setúbal juntamente com o Oeste que mais contribuem para o crescimento migratório na RLVT, que apesar de registar uma diminuição continua a superar os valores do Continente.

Esta Península destaca-se também por ser a sub-região, que no período de referência⁵⁵, obtém o menor índice de envelhecimento e revela um crescimento considerável de 8,9%.

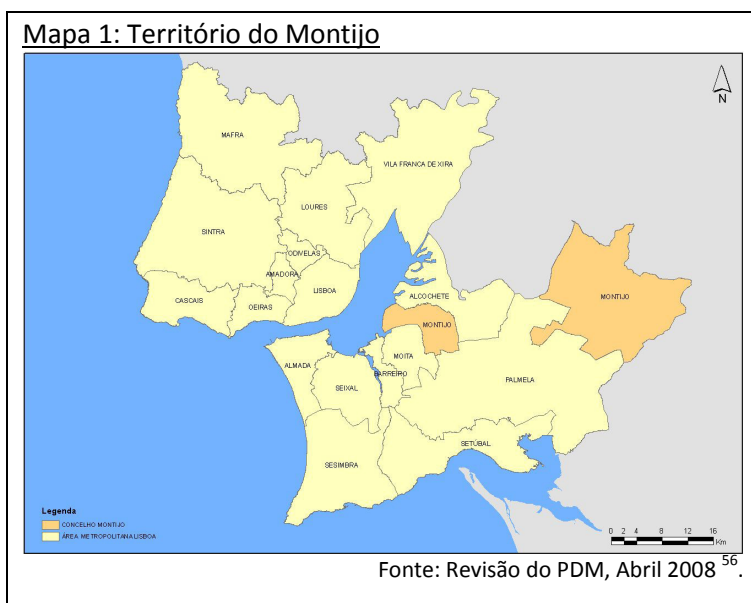
⁵⁵ De 2007 a 2010.

Sem ter em consideração os números da cidade de Lisboa e do Porto, esta península concentra a “maior percentagem de estabelecimentos (cerca de 5,6%) e de trabalhadores ao serviço nas empresas (3,5%) no sector das actividades culturais e criativas.” (Costa e Babo, 2007: 60). As taxas de transição/conclusão do ensino secundário, na maioria dos concelhos da RLVT, revelam um crescimento entre 2007 e 2010, quer os concelhos da Grande Lisboa, quer os da Península de Setúbal, registaram um aumento significativo desta taxa no período em análise (CCDRLVT, 2012: 37).

2 Caracterização dos municípios Montijo e Palmela

2.1 Caracterização do Município do Montijo

O concelho do Montijo localizado no coração da AML ocupa uma área total de 348.6 km² geograficamente dividido em duas partes descontínuas, a zona Oeste constituída por cinco freguesias: Montijo, Afonsoeiro, Sarilhos Grandes, Atalaia e Alto Estanqueiro/Jardia, com uma área aproximada de 56,3 km² (sendo 1000ha ocupados pela



Base Aérea nº6) e o território Este constituído por três freguesias: Sto. Isidro de Pegões, Canha e Pegões, com uma área aproximada de 291,7 km²⁵⁷. Esta descontinuidade no terreno do território implica “uma maior complexidade no planeamento, não só em termos de representação

56 Relatório Fundamentado de avaliação da execução, Plano Director Municipal do Montijo, Abril 2008.

57 Em <http://www.mun-montijo.pt/pt/conteudos/municipio/localizacao+e+caracterizacao/?WBCMODE=PresentationUnloservicos> [consulta realizada em 20.01.13].

cartográfica, mas sobretudo na articulação das orientações programáticas e estratégicas para as duas zonas, com usos do solo e dinâmicas territoriais muito diferentes. O Plano Director Municipal do Montijo deve também atender ao espaço intercalar dos concelhos limítrofes” (C.M.M., 2008: 34). Estes dois territórios do Concelho do Montijo apresentam algumas assimetrias no que respeita às infra-estruturas básicas. O território Oeste, mais próximo de Lisboa, encontra-se melhor apetrechado de infra-estruturas básicas e apresenta uma maior densidade urbana, o território Este é constituído por um espaço rústico de uso agrícola e florestal, espaço que evidencia a baixa taxa de densidade populacional deste concelho no contexto da AML. Nos Censos de 2001 e 2011 o concelho do Montijo passou de 39 168 habitantes para 51 222 habitantes. Registou a maior taxa de natalidade em Portugal Continental no ano de 2011, “em apenas uma década a população cresceu 30%.”⁵⁸ Este crescimento populacional deu-se em todas as freguesias (excepto a freguesia rural de Canha que apresenta fraca acessibilidade e recessão demográfica), representando assim 36,0% do crescimento na AML (CCDRLVT, 2011: 03).

Este crescimento deveu-se em parte devido à dinâmica urbanística induzida pela construção da Ponte Vasco da Gama nas áreas periurbanas⁵⁹. Segundo o PDM de 2008, seguindo os dados de 2001, a população estava concentrada nas freguesias do território Oeste, registando-se em Montijo, Afonsoeiro (nesta freguesia o crescimento do alojamentos foi acima de 50%) (CCDRLVT, 2011: 03) e Atalaia as maiores densidades populacionais.

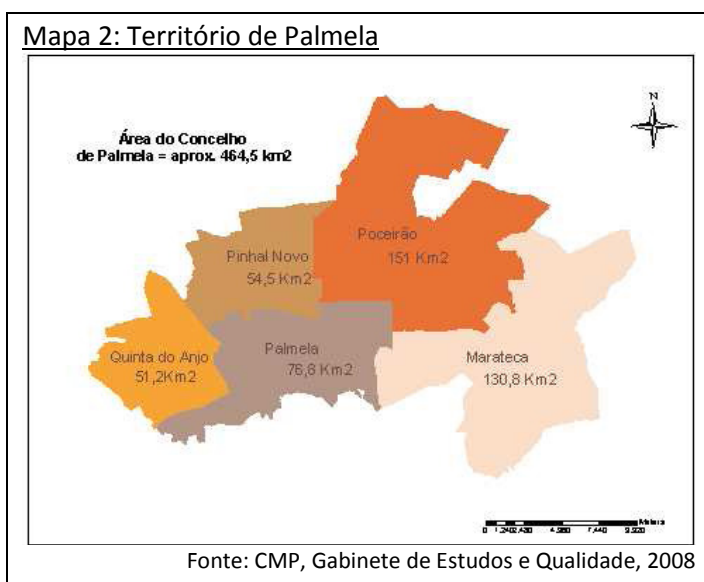
A população de 51 222 residentes, dos quais 48,29% representa a população masculina e 51,71% a população feminina habita em 26.766 alojamentos e 12. 996 Edifícios (nº médio de alojamentos 2.1). Com uma densidade populacional de 146,94 h/km², onde existem 20.607 famílias (média familiar de 2.5). O nível de escolaridade aumentou progressivamente, sobretudo a partir do 2º ciclo do ensino básico.

⁵⁸ Reportagem televisiva In <http://www.tvi24.iol.pt/sociedade/montijo-natalidade-tvi24/1395148-4071.html> [consulta realizada em 16.01.13].

⁵⁹ Revisão PDM C. M. Montijo 2008.

2.2 Caracterização do Município de Palmela

Situado em plena área metropolitana de Lisboa, o concelho de Palmela está integrado na Região de Turismo de Setúbal – Costa Azul, ficando uma parte do território concelhio inserido na Reserva Natural do Estuário do Sado e, uma outra, no Parque Natural da Arrábida⁶⁰, em candidatura a Património Mundial⁶¹. É o maior município da Península de Setúbal, com uma área de 462 km². Administrativamente, o concelho de Palmela está dividido em cinco freguesias: Palmela, sede de concelho e centro administrativo; Pinhal Novo, o pólo urbano mais dinâmico; Quinta do Anjo, caracterizada pelo seu património natural que coexiste ao lado de uma forte componente industrial;



Marateca e Poceirão, freguesias predominantemente rurais⁶².

Com 62 805 habitantes (Censos 2011), com 17,72% taxa de variação de população entre 2001 e 2011, (total de 2001 de 53353 habitantes), Palmela, segundo o *Observatorium*, é um território que aumentou o índice de envelhecimento (em 2001

com o valor de 97,0 para o valor de 104,5 de 2011), a taxa de transição/conclusão do ensino secundário, médico por mil habitantes, a proporção de terrenos da Rede natura e a intensidade turística. Diminuiu a disparidade de ganho mensal por sexo e o número de fogos construídos. O presente ano é o ano de ponto de situação e revisão do PDM (tempo

⁶⁰ Em http://www.cm-palmela.pt/pt/conteudos/camara+municipal/o+concelho/localizacao+e+clima/?wbc_purpose=Basic&WBCMODE=Presenta [consulta realizada em 15.10.12].

⁶¹ Em <http://www.mun-setubal.pt/pt/noticia/arrabida-candidata-a-patrimonio-mundial/619> [consulta realizada em 16.01.12].

⁶² Em http://www.cmpalmela.pt/pt/conteudos/camara+municipal/o+concelho/Territ%C3%B3rio/?wbc_purpose=Basic&WBCMODE=Presenta [consulta realizada em 15.10.12].

de vigência de mais 10 anos). Palmela sendo o município maior da Península de Setúbal e geograficamente central e diversificado (zonas rurais, industriais e urbanas), com uma identidade patrimonial, histórica e estratégica onde se planeavam grandes investimentos, hoje parados devido a problemas de financiamento, falamos da Plataforma Logística do Poceirão, possivelmente só concretizável depois deste cenário de crise em que vivemos⁶³.

2.3 Comparação entre os municípios Montijo e Palmela

Do conjunto destes dois municípios em análise (identificados no Mapa 3 no Anexo 4), o município do Montijo destacou-se pelo crescimento da densidade populacional e pelo contributo para o crescimento populacional da península de Setúbal e da RLVT (de 30,8%), como podemos confirmar nos mapa3 (Anexo 4) e a caracterização empreendida através de indicadores demográficos (Gráfico 1 e 2 no Anexo 6)⁶⁴, é enquadrada no crescimento demográfico da RLVT, que representou 5,1% no contexto nacional⁶⁵. Também o concelho de Palmela aumentou a sua população residente em 2011 e a taxa de densidade populacional⁶⁶. E em 2011 apresentou um maior número de dependentes de idosos e jovens. (Tabela 1, no Anexo 5). A população nos dois territórios existe em percentagens muito idênticas para o sexo feminino e masculino, como podemos observar na tabela acima indicada. Montijo destaca-se sobretudo pela maior taxa bruta de natalidade, não só dos territórios em análise, assim como em todo o país, nos Censos 2011. É também o território, dos dois em análise, com menor número de índice de envelhecimento. Como atrás foi dito, este crescimento deveu-se em parte à diluição demográfica promovida pela abertura⁶⁷ ao tráfego da última travessia sobre o rio Tejo, a

⁶³ Em <http://www.diariodaregiao.pt/?p=14817> [consulta realizada em 16.01.13].

⁶⁴ Os dados apresentados nos gráficos expostos são retirados da base PORDATA e têm um carácter pontual, de dez anos, respectivamente de 2001 a 2011.

⁶⁵ Em <http://www.ccdr-lvt.pt/pt/populacao-rlvt-cresce-5-1-numa-decada-censos-2011/6363.htm> [consulta realizada em 20.01.13].

⁶⁶ Fonte de Dados: IGP – Série Cartográfica Nacional à escala 1:50 000 e Carta Administrativa Oficial de Portugal – CAOP 2009.0 INE – Estimativas Anuais da População Residente Fonte: PORDATA.

⁶⁷ Em 29 de Março de 1998.

ponte Vasco da Gama⁶⁸ e à dinâmica urbanística induzida pela construção da ponte nas áreas periurbanas⁶⁹. A melhoria das acessibilidades através da Ponte de Vasco da Gama, como pelo serviço ferroviário *Fertagus* contribui para uma nova dinâmica urbanística e demográfica destes dois territórios. O território do Montijo, embora descontínuo, apresenta 348,6 km². Palmela com 465,2 km², é o maior município da península de Setúbal.

Capítulo III

1 Aproximação ao Cineteatro Joaquim de Almeida

1.1 O Cineteatro Joaquim de Almeida

O Cineteatro Joaquim de Almeida nasceu devido à vontade de um grupo de empresários montijenses⁷⁰ das indústrias locais, que na época se encontravam em franco desenvolvimento. Foi construído em madeira, em 1925, na Travessa do Cais, e em 1953 foi demolindo aquando das obras de construção do actual edifício inaugurado em 20 de Outubro de 1957. Foi nomeado de Cine – Teatro Joaquim de Almeida (em homenagem ao conhecido actor de teatro (1838 – 1921), que viveu nessa mesma rua.

“Com projecto do arquitecto Sérgio Gomes e com uma capacidade para 1200 espectadores, o edifício do cinema teatro, de linhas sóbrias ao gosto arquitectónico em voga na década de 50, foi dotado com o que de melhor existia à época em termos de equipamento da especialidade. O desenho arquitectónico da fachada foi enriquecido com um conjunto escultórico da autoria de Martins Correia e José Farinha, retratando as musas do Teatro, Poesia, Dança, Música e Talento”⁷¹.

⁶⁸ Em http://www.lusoponte.pt/pvg_projecto_antecedentes.htm [consulta realizada em 20.01.13].

⁶⁹ Revisão PDM C. M. Montijo 2008.

⁷⁰ José Salgado d’Oliveira, Izidoro Sampaio d’Oliveira, Luís da Silva Salgado d’Oliveira e Gabriel da Fonseca Mimoso.

⁷¹ Em <http://www.mun-montijo.pt/pt/conteudos/areas+de+intervencao/Cultura/Patrim%C3%B3nio+Concelhio/Montijo/CTJA.htm> [consulta realizada em 08.01.13].

A Câmara Municipal do Montijo adquiriu o imóvel em 1998 por um milhão de euros e as obras de reabilitação custaram ao município 2,5 milhões de euros, respeitando a traça original e mantendo a estrutura original da sala de espectáculos⁷².

A sua reinauguração foi no dia de aniversário do município do Montijo, 14 de Agosto de 2005. O Cineteatro Joaquim de Almeida é classificado como imóvel de interesse municipal⁷³.

1.2 Missão e actividade

Segundo a informação disponibilizada no sítio da Internet da C. M. Montijo – CTJA⁷⁴ este equipamento é constituído pela sala principal com 643 lugares sentados, distribuídos por plateia e balcão, com um palco com 12m de boca de cena e 7m de profundidade, fosso de orquestra, pela sala polivalente destinada a realização de congressos, conferências, palestras, debates, formação, entre outros (com cadeiras equipadas com apoio lateral para apontamentos), pelo espaço Medi@rt – serviço de leitura e informação audiovisual multimédia da Biblioteca Pública Municipal no Cineteatro Joaquim de Almeida (Videoteca, Fonoteca, Ciberteca e Hemeroteca). Este serviço possibilita a visualização de filmes / documentários na sala principal sob marcação prévia para grupos escolares ou requisição dos materiais multimédia para visualização no exterior (modalidade de empréstimo domiciliário mediante a apresentação do cartão de leitor).

⁷² Em <http://www.setubalnarede.pt/content/index.php?action=articlesDetailFo&rec=1843> [consulta realizada em 08.01.13].

⁷³ Em <http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/71697/> [consulta realizada em 08.01.13].

⁷⁴ Em <http://www.mun-montijo.pt/pt/conteudos/areas+de+intervencao/Cinema+Teatro+Joaquim+d+Almeida/> [consulta realizada em 08.01.13].

Possui um serviço educativo próprio do CTJA que realiza visitas guiadas por faixas etárias⁷⁵, actividades específicas⁷⁶ por faixa etária a partir dos 3 anos até aos adultos, enquadrado na vertente de formação de públicos. O Cineteatro possui ainda um serviço de *Babysitting* para crianças dos 3 aos 12 anos, com sala própria com material didáctico onde é trabalhado através de actividades lúdicas, os conteúdos apresentados na sala principal. Neste equipamento podemos ainda encontrar o serviço de cafetaria, um jardim e terraço e as valências do Cartão Amigo⁷⁷, Cartão Melhor Amigo⁷⁸ e Vale Oferta⁷⁹, estímulos para a criação de hábitos culturais.

A equipa técnica do Cine -Teatro Joaquim de Almeida é constituída por nove técnicos integrados na Divisão de Cultura, Bibliotecas e Turismo do Departamento de Desenvolvimento Social, Cultural e Saúde⁸⁰ da Câmara Municipal do Montijo. A **Missão** do espaço cultural municipal é definida desta forma:

“É, concerteza, unânime que um equipamento cultural municipal, mais do que servir as populações naquilo que estas esperam dele, tem uma obrigação social de surpreender e desafiar os munícipes para o conhecimento de novas linguagens, novas forma de expressar a arte, a literatura, em suma, todas as áreas do conhecimento. (...) A nossa missão, o nosso propósito, deverá

⁷⁵ Conforme descrito no sítio do C. M. Montijo – CTJA estas visitas guiadas são mais do que percursos explicativos, os participantes fazem e experimentam tarefas relacionadas com a vida do Teatro. As Visitas Guiadas realizam-se mediante marcação prévia por parte das escolas / jardins-de-infância.

⁷⁶ Temáticas disponíveis: máscaras, o jogo da personagem; musas com pintura facial; sensações, os 5 sentidos em acção; jogo dos dados, um mimo de jogo; *Cadavre Exquis*, um cadáver muito esquisito; teatro no teatro. Disponibilização dos espaços do CTJA para receber aulas com conteúdos dramaturgicos, previstos nos programas curriculares; Hora do Conto, espectáculo interactivo de produção própria baseado em contos, fábulas e literatura universal, hora do conto para adultos.

⁷⁷ Em <http://www.mun-montijo.pt/pt/conteudos/areas+de+intervencao/Cinema+Teatro+Joaquim+d+Almeida/Espa%C3%A7os+e+Servi%C3%A7os/Cart%C3%A3o+de+Amigo/> [consulta realizada em 08.01.13].

⁷⁸ Em <http://www.mun-montijo.pt/pt/conteudos/areas+de+intervencao/Cinema+Teatro+Joaquim+d+Almeida/Espa%C3%A7os+e+Servi%C3%A7os/Cart%C3%A3o+de+Melhor+Amigo/> [consulta realizada em 08.01.13].

⁷⁹ Em <http://www.mun-montijo.pt/pt/conteudos/areas+de+intervencao/Cinema+Teatro+Joaquim+d+Almeida/Espa%C3%A7os+e+Servi%C3%A7os/Vale-Oferta/> [consulta realizada em 08.01.13].

⁸⁰ Poderemos ler a descrição da missão da Divisão de Cultura, Bibliotecas e Turismo (DCBT) para a área Cultural no Anexo 7.

assim ser a construção de um espaço onde as pessoas se sintam bem, onde se revejam e onde saibam que encontram sempre produtos culturais de qualidade e que vão de encontro às nossas superiores responsabilidades: A cultura, a educação e o bem-estar social”⁸¹.

A Câmara Municipal do Montijo é membro fundador da ARTEMREDE e actualmente tem o órgão social de Vogal da Direcção da Associação.

1.3 A programação

Neste capítulo pretende-se descrever, segundo tipologia proposta anteriormente, os números de público e de áreas artísticas programadas no equipamento Cineteatro Joaquim de Almeida (Montijo), através dos dados cedidos pelo CTJA e da programação da ARTEMREDE, nos anos de 2005 a 2010. Pretende-se ainda encontrar linhas artísticas orientadoras na programação própria do equipamento, assim como nas suas escolhas para da programação ARTEMREDE.

Nos dados cedidos pela a associação ARTEMREDE não foram contabilizados os espectáculos realizados nos espaços da frente ribeirinha, no parque municipal e na praça do Cineteatro Joaquim de Almeida.

A classificação das áreas artísticas foi enquadrada na tipologia proposta, ou seja os espectáculos de Marionetas foram enquadrados nos espectáculos infantis e os espectáculos de Novo Circo foram enquadrados na área Multidisciplinar.

Começamos pela caracterização do número de público e de espectáculos do CTJA, de 2005 a 2010.

⁸¹ Em <http://www.mun-montijo.pt/pt/conteudos/areas+de+intervencao/Cinema+Teatro+Joaquim+d+Almeida/Miss%C3%A3o/> [consulta realizada em 08.01.13].

Dos anos em análise, o ano de 2008 foi o mais significativo em número de público (15930) no CTJA, representando 21% do total de público nos 5 anos de análise. O ano

menos significativo foi 2005

com o número total de espectadores de 9367.

Verificou-se o maior crescimento de número de público (56%) no ano de 2006

e um crescimento de 8% de número de público de 2007

para 2008, Comparando o ano de 2008 e o último ano

de análise (2010) notamos

que o número de público diminuiu 27%. Observamos

ainda que a curva da média de espectadores decresce e a

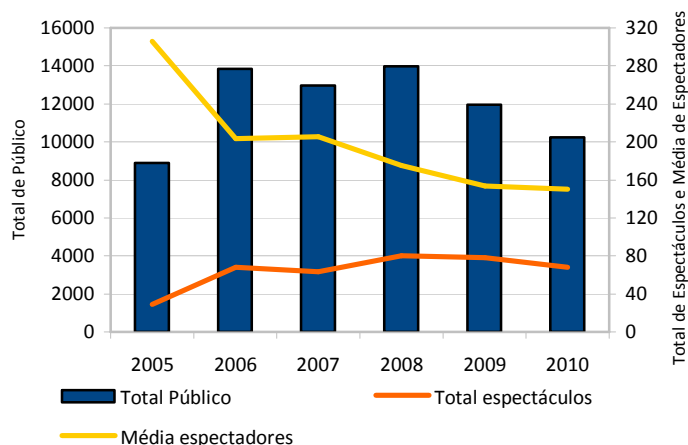
curva de total de espectadores cresce.

Em relação à Música

podemos observar que o ano

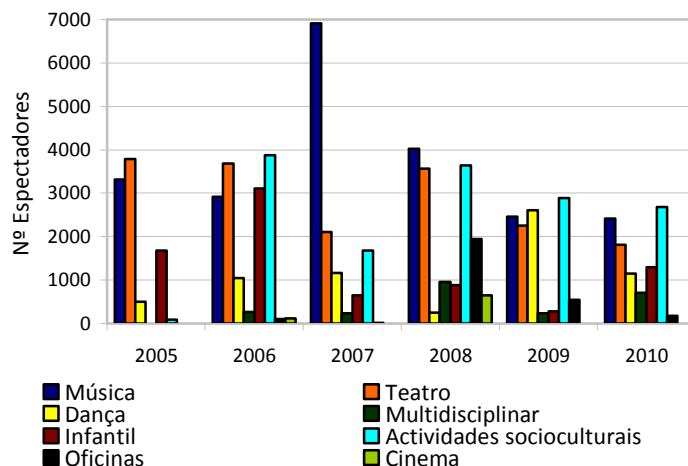
mais relevante em termos de

Gráfico 3: Público e espectáculos no CTJA de 2005 a 2010



Fonte: C.M.Montijo -CTJA / Compilação e gráfico: Cláudia Dâmaso

Gráfico 4: Público por tipologia no CTJA de 2005 a 2010



Fonte: C.M.Montijo -CTJA / Compilação e gráfico: Cláudia Dâmaso

público foi em 2007, por outro lado o ano de 2010 revelou-se o ano com o menor número de público. Esta área artística apresentou o maior número de espectáculos programados (101 espectáculos na totalidade dos 5 anos em análise), sendo o ano de 2007 o ano com maior número de espectáculos (23) e com maior número de espectadores. Neste ano em

particular e no ano de seguinte de 2008⁸², a programação musical foi constituída pelo género de música ligeira e Pop Rock⁸³. Podemos ainda observar na tabela 2 (Anexo 8) que o número de sessões de Música é, ao longo dos anos em análise, superior às dez sessões anuais, excepto no ano de abertura, em que o equipamento abriu as portas ao público em Agosto de 2005.

O Teatro, também com presença constante na programação CTJA, foi no ano de 2005 que obteve o maior número de espectadores (3790) e o ano de 2010 com menos espectadores, com uma percentagem de queda de 52%. O ano de 2008 foi particularmente relevante, teve um aumento de 69 % de número de público em relação ao ano anterior, assim como o maior número de espectáculos apresentados (13). Neste ano realizaram-se espectáculos de comédia e de *stand up* com artistas reconhecidos pelo público⁸⁴.

A dança teve a sua maior expressão no ano 2009, ano que apresentou uma percentagem de crescimento de 958% relativamente ao ano homólogo, com o maior número de espectáculos (11). Para este número contribuíram os espectáculos de vários géneros com bailado contemporâneo, sevilhanas e o espectáculo de dança comunitária *Vale*⁸⁵ de Madalena Victorino e ARTEMREDE. Este espectáculo foi elaborado em residência artística por vários equipamentos ARTEMREDE. A residência artística e o espectáculo no CTJA envolveu participantes montijenses tanto na partilha das suas histórias e saberes e tradições tauromáquicas da “gente da terra”, como na *performance* do espectáculo. Uma coreografia trabalhada com a comunidade e a partir de um imaginário colectivo, que

⁸² Apresentação dos músicos Sérgio Godinho (Janeiro de 2008) e The Gift (Maio de 2008).

⁸³ Apresentação de artistas mais conhecidos do público geral, como Tony Carreira (Janeiro 2007), Camané, André Sardet e Carlos do Carmo (espectáculo *Amigos do Peito* em Junho de 2007), Luís Represas e João Gil (Abril de 2007) e David Fonseca (Novembro 2007).

⁸⁴ Como Joaquim Monchique no espectáculo *Paranormal*, Pedro Tochas (*stand up comedy*), o espectáculo *Obras completas de Shakespeare me 97 minutos*, o espectáculo de co-produção ARTEMREDE e Lua cheia *Xerazade não está só!* com a actriz Carla Chambel e *Cabaret Molotov*, teatro de Marionetas pela companhia de Teatro de Marionetas do Porto.

⁸⁵ Prémio de melhor coreografia – dança (2010) atribuído pela S.P.A e R.T.P.

“descodificou” a linguagem da dança contemporâneas, tornando-a familiar a públicos menos acostumados.

A área do Multidisciplinar, segundo a tipologia proposta, foi uma área que teve mais expressão no ano de 2008, com um crescimento de público de 302% relativamente ao ano anterior, coincidente com as duas sessões (maior número) da ARTEMREDE, que nesta tipologia significa espectáculos de Novo Circo.

Para a programação infantil o ano de 2006 foi o mais relevante em termos de espectadores (3103) observando-se um crescimento de 85%, onde constou na programação espectáculo *Avô Cantigas*, teatro e dança em 14 espectáculos diferentes. O ano de 2005 também foi particularmente relevante por conseguir com apenas 7 eventos/espectáculos⁸⁶, 1673 espectadores mas o ano que apresentou um maior crescimento de percentagem de público foi o ano de 2010, com um aumento de 370%, com o maior número de espectáculos/acções (17). Realçamos ainda que durante os 6 anos de análise, realizaram-se no mínimo 10 oficinas por ano.

O ano de 2008 foi o ano onde a categoria de Oficinas se destacou pelo número de espectadores (1943), pela sua percentagem de crescimento de 8732% (visto que no ano anterior (2007) apenas participaram 22 pessoas e em 2008 registaram-se 1943 participantes) e pela diversidade de 15 ateliers de expressões diferentes⁸⁷. De 2008 a 2010 verifica-se uma programação de actividades em contexto de oficina, através de trabalho de conteúdos pós espectáculo, atenuando a distância entre o espectáculo e o espectador, quer seja em ateliers de temáticas próprias, ou visitas guiadas ao equipamento. Como foi referido anteriormente, este equipamento possui a valência do serviço educativo que trabalha os conteúdos programados essencialmente em três públicos – o infantil, o escolar e o sénior⁸⁸, assim como realiza uma estratégia de aproximação de públicos

⁸⁶ Com espectáculos da programação ARTEMREDE e o espectáculo *Melodias da Disney*, entre outros.

⁸⁷ Oficinas tão diversificadas como oficina de esculturas, *Tai Chi*, *Yoga*, *Pin Hole*, *origami*, sombras mágicas, entre outras.

⁸⁸ Na entrevista a Pedro Vaz de Carvalho, o programador afirma que “A programação nomeadamente em Maio de 2009 e 2010 os objectivos passavam por um envolvimento da população na programação e tentar

caracteriza nos serviços descritos anteriormente⁸⁹. Nos anos de 2009 e 2010 o serviço educativo (que trabalha as oficinas) é considerado como uma parte integrante e importante da programação, de tal maneira que dentro do orçamento autárquico para este equipamento, este serviço obtém um orçamento próprio para a sua programação e realização de actividades (Póvoas, 2010:122).

Ainda na leitura do Gráfico 4 podemos observar que área de Actividades Socioculturais apresenta valores constantes, estes valores correspondem a eventos específicos da comunidade e do território do Montijo, na maioria parcerias com entidades organizadoras exteriores à C. M. Montijo. São momentos de sociabilidade comum organizados ou por associações ou eventos de aprendizagem colectiva, preparados pelas escolas do município ou simplesmente eventos festivos, como o aniversário CTJA, a Festa de Natal de várias organizações ou o “dia da freguesia”. Poderá entender-se que uma parte da programação do Cineteatro Joaquim de Almeida é constituída pela cedência do espaço aos agentes associativos do território.

Vejamos o número de espectáculos realizados por área artística, na programação própria do CTJA. Como podemos observar na Tabela 2 no Anexo 8, a Música foi a área artística com maior número de espectáculos diferenciados, seguida da Programação infantil e do Teatro. Como foi descrito anteriormente as áreas mais escolhidas pelo público foram a música, o teatro e as actividades socioculturais.

Voltaremos a estas conclusões mais à frente, seguimos para a caracterização da experiência da programação em rede.

desenvolver conhecimentos, capacidades e interesses na criação artística, não só como sujeitos passivos mas como sujeitos activos na sua, na programação e no próprio objecto artístico. Isso era...foi um dos objectivos mais importante durante esses anos que é o envolvimento da comunidade no trabalho de programação e no trabalho artístico.” Ver Anexo 15.

⁸⁹ Como o cartão amigo, o cartão melhor amigo, serviço de *babysitting* e espectáculo, etc.

1.4 Aproximação à programação da ARTEMREDE no CTJA

Na programação em rede no CTJA podemos observar que o ano em que se registou menos público dentro da programação ARTEMREDE foi o ano de 2010, com uma percentagem de queda de 67% em relação ao ano anterior. O ano que obteve um maior aumento de público foi o ano de 2007, com um aumento de 39%, comparando-o com o seu homólogo. O ano em se verificou o maior número de público foi o ano de 2009, registando um aumento de público de 26% relativamente ao ano de 2008. O ano de 2008 manifesta uma maior distribuição da programação em rede pelo território, verificando-se que no total de espectáculos/acções da ARTEMREDE pelo território (17), só 5 é que aconteceram no equipamento, para o total de 269 espectadores/participantes.

Como observamos nas tabelas 3 e 4 do Anexo 9, as três áreas artísticas com mais variedade de espectáculos, dentro da programação em rede escolhida para este equipamento foram a Programação infantil / juvenil (24 no CTJA e 25 espectáculos no território do Montijo), Oficinas (17 no Fórum e 15 no território) e Música (14).

Na programação musical ARTEMREDE podemos verificar na tabela 4 (Anexo 9) que o ano de 2006 representou uma maior variedade de espectáculos musicais programados pela rede. Podemos também observar que a aposta na programação teatral da ARTEMREDE não é significativa, em comparação com as restantes áreas artísticas, tendo sido nos anos de 2006 e 2007, nula. O CTJA contemplou o teatro na sua própria programação, não recorrendo às propostas em rede para esta área artística.

É também neste ano de 2006 que a programação CTJA reflecte uma maior aposta na programação ARTEMREDE infantil, com seis sessões anuais. Nos quatros anos seguintes, o CTJA concretiza entre dez a quinze sessões infantis (Tabela 2, Anexo 8) das quais pelo menos 4 são do “catálogo” ARTEMREDE. Como vimos anteriormente o ano de 2010 também foi significativo para a programação infantil, no qual podemos observar um acentuado aumento de público e de sessões (17 das quais 5 da ARTEMREDE).

Podemos observar que a área artística pensada para o público infante – juvenil foi uma das apostas de programação do Cineteatro Joaquim de Almeida, enquadrando-a na programação em rede.

Em resumo, as áreas artísticas mais escolhidas da programação ARTEMREDE foram a programação infantil, as oficinas e a música. Observamos ainda que a programação musical da ARTEMREDE correspondeu a 15% da programação musical do CTJA, Teatro 13%, Dança 26%, Infantil e Oficinas 34% e Multidisciplinar 21%. Os anos em que a programação ARTEMREDE foi mais representativa na programação do CTJA foram os anos de 2006 representando 29% da programação total e ano de 2009 com 19% da programação ARTEMREDE da programação do equipamento.

2 Aproximação ao Cineteatro São João

2.1 O Cineteatro São João

Seguimos a história deste património através da publicação camarária sobre o Cineteatro São João onde é relatado que o

“ (...) primeiro projecto para a construção de um Cineteatro em Palmela data de 1948 e o seu autor foi o arquitecto Rodrigues Lima. Este primeiro projecto foi abandonado porque segundo Humberto de Silva Cardoso, além de ser muito dispendioso, não incluía a construção da esplanada ao ar livre com a qual desejava dotar a vila de Palmela”

(C.M.P., 2002: 07).

Ainda seguindo a publicação anterior sabemos que o segundo projecto apresentado em 15 de Março de 1949 seria para a construção da Cine – esplanada Palmelense, o que nós conhecemos hoje por Cineteatro São João. Nesta fonte, é descrito que autoria do projecto foi do arquitecto Willy Braun,

“ (...) tendo o projecto sido apresentado pelo Consultório Artístico Lda, do qual fazia parte o Engº Pedro Cavalleri Rodrigues Martinho. A esplanada, que não chegaria a ser construída, apresentava uma

lotação de 1178 lugares e a sala de cinema capacidade para 1.006 lugares. O autor dos estuques do S. João foi Manuel Marques Dias e o responsável pela decoração Malheiro Dias. Os motivos dos mosaicos foram criados pelo arquitecto Willy Braun. O Cine – Teatro foi equipado com um conjunto de máquinas de projectar da ZEISS IKON, à data os mais modernos projectores que se instalaram em Portugal, encontrando-se, ainda hoje, em perfeito funcionamento”

(C.M.P., 2002: 09).

O Cine – Teatro foi inaugurado a 26 de Julho de 1952 com a exibição do filme *As aventuras de D. Juan* (C.M.P., 2002: 15). Da história deste património realçamos o desejo de um mecenas de Palmela que quis dotar a sua terra com um dos melhores Cine – Teatros da região e a sua visão empreendedora de trazer público de outras localidades através de um bilhete de espectáculo peculiar. Como Humberto da Silva Cardoso era proprietário de uma empresa de transporte, incluía no bilhete do espectáculo a tarifa do transporte, criando desta maneira a possibilidade da população vizinha mobilizar-se até à Vila de Palmela para assistir a sessões de cinema⁹⁰.

O Cineteatro São João fechou portas em 1981 (C.M.P., 2002: 21) e foi adquirido pela C. M. Palmela em 1989 “com o objectivo de devolver a este equipamento o seu papel de espaço cultural ao serviço da população do Concelho” (CCDRLVT, 2005: 23) Reabriu em 1991. O Cineteatro São João situa-se no centro histórico da vila de Palmela e destaca-se pela sua arquitectura e pelos seus pormenores decorativos onde se “sente a inspiração no artesanato local, desde dos portais em ferro, aos gradeamentos das sacadas e arcadas, aos apliques e lustres, sendo de destacar o enorme lustre da sala de espectáculo forjado à mão.” (CCDRLVT, 2005: 23).

O imóvel em vias de classificação como monumento de interesse público (MIP)⁹¹, desenvolve-se em dois pisos e um terraço e é constituído por uma Sala de Espectáculos

⁹⁰ Anexo 16 – Entrevista a Alberto Pereira (Chefe de Divisão da Acção Cultural da C. M. Palmela).

⁹¹ Anúncio n.º 3176/2012 Projecto de Decisão relativo à classificação como Monumento de Interesse Público (MIP) do Cine -Teatro São João, freguesia de Palmela, concelho de Palmela, distrito de Setúbal, e à fixação da respectiva zona especial de protecção (ZEP).

(634 lugares), um Auditório com 50 lugares, um bar, camarins, área de arrumos e de apoio ao palco, *foyer* com utilidade expositiva.

2.2 Missão e actividade

A **visão** da C.M.P para o Cineteatro é a de constitui-lo como pólo de encontro e vivência cultural quotidiana na Vila de Palmela; ponto de encontro, desenvolvimento e fruição cultural do Concelho de Palmela, com a sua **missão** enquanto equipamento municipal integrado na rede de equipamentos do concelho de Palmela, constituindo-se como um recurso para a criação e difusão cultural eclética, através da construção de sinergias com parceiros locais e nacionais para o desenvolvimento e reconhecimento cultural e artístico do concelho de Palmela (Machado, 2009: 01). O CTSJ projecta-se como um equipamento cultural qualificado, polivalente, dinâmico, vivo, um espaço potenciador da criação, divulgação e produção cultural. Enquanto equipamento municipal, dentro da estrutura em que se insere, deverá primar pela disponibilidade de interacção com outros sectores de intervenção da Divisão de Acção Cultural: Programas e Projectos Municipais e Associativismo e Animação Cultural. Tendo por vizinhos dois equipamentos associativos com condições de acolhimento não muito divergentes deste equipamento municipal, bem como com importantes presenças na oferta de bens culturais à comunidade importa o Cine -Teatro São João, constituir-se como equipamento municipal, diferenciado e mesmo tempo dar continuidade à disponibilidade de acolher acções produzidas na comunidade, enquanto sala pública do concelho e equipamento nobre por excelência (Machado, 2009: 08). A C.M.Palmela realça que para além dos equipamentos culturais da Vila, deverá ser considerado no projecto de gestão do equipamento a existência de diversas estruturas criativas na Vila – FIAR, Conservatório Regional, Grupo de Teatro *As Avozinhas*, Grupo Coral Ausentes do Alentejo, AJITAR, Sociedades Filarmónicas de Loureiros e Humanitária, bem como inúmeros criadores individuais que fazem parte da comunidade mais estrita de Palmela (Machado, 2009: 08).

A Câmara Municipal de Palmela aderiu em 2002 à Agenda da Cultura XXI (num contexto de 225 cidades em todo o mundo). É membro fundador da ARTEMREDE e actualmente tem o órgão social de Vogal a Direcção da Associação.

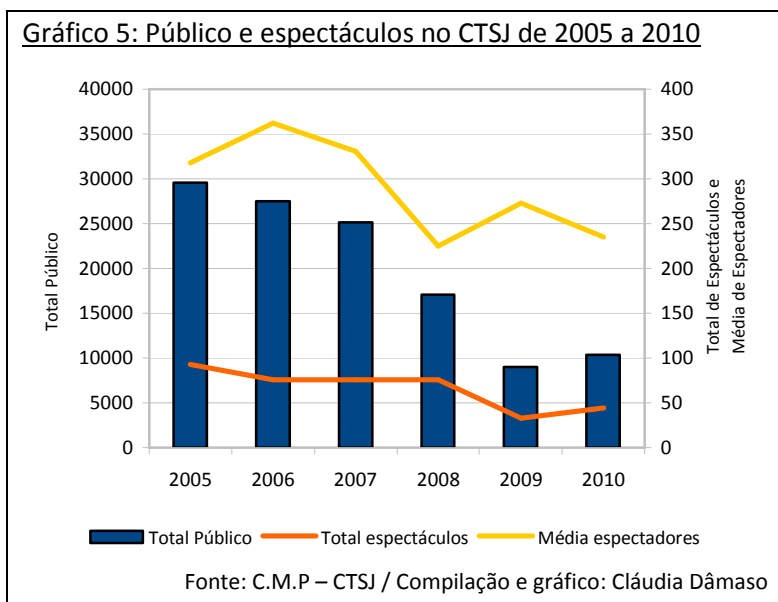
2.3 A programação

Neste capítulo pretende-se descrever, segundo tipologia proposta, os números de público e de áreas artísticas programadas no equipamento Cineteatro São João (Palmela), através dos dados cedidos pelo CTSJ e da programação da ARTEMREDE, nos anos de 2005 a 2010. Pretende-se ainda encontrar linhas artísticas orientadoras na programação própria do equipamento, assim como nas suas escolhas para da programação ARTEMREDE.

Nesta análise não foram tidos em conta os dados dos espectáculos ARTEMREDE realizados nos outros espaços⁹² para além do CTSJ. A classificação das áreas artísticas foi enquadrada na tipologia proposta, ou seja os espectáculos de Teatro de Sombras, Mímica, *Clown* foram enquadrados nos espectáculos de Teatro, os espectáculos de Novo Circo, Multidisciplinares, Artes Circenses foram enquadrados na área Multidisciplinar. Começamos pela caracterização do número de público e de espectáculos do CTSJ, de 2005 a 2010. Os números de público e de sessões foram trabalhados através da tabela de programação detalhada cedida pelo CTSJ, de 2005 a 2010. Tivemos também acesso ao relatório de contas mas como este documento é de caracterização mais geral, cingimo-nos à tabela de programação detalhada e enquadrámos os espectáculos/ eventos na tipologia proposta para este trabalho. Por exemplo, o espectáculo de eleição da rainha das vindimas, na tipologia do CTSJ categorizado como “música”, foi incluído na nossa tipologia na categoria “actividades socioculturais” ou o Curso de Ordens militares, incluído na

⁹² Auditório Municipal do Pinhal Novo, Centro Cultural do Poceirão, Largo S. João, Escola Secundária Pinhal Novo, Anfiteatro do Castelo de Palmela, Castelo de Palmela, Biblioteca Municipal de Palmela, Grupo Popular e Recreativo Cabanense, Grupo Desportivo Leões de Cajados, Jardim José Maria dos Santos | Pinhal Novo, Bairro Margaça – Marateca, Grupo Popular e Recreativo Cabanense, Antigo Posto da GNR do Pinhal Novo, Bombeiros Voluntários de Palmela e SFUA – Pinhal Novo.

categoria do CTSJ de “conferência” foi categorizado na nossa tipologia como “oficina” por se tratar de um tipo de formação. Contabilizámos os espectáculos pela sua área artística,



tendo ocorrido pelo menos uma sessão de cada espectáculo/evento, excepto eventos como festivais de música ou de teatro como é o caso do Festival da Canção infanto – juvenil, o Fiar – Festival de Artes de Rua⁹³ ou o *Fantasiarte* – programa camarário de apresentação teatral das escolas do

concelho. Realçamos ainda que este equipamento esteve encerrado para obras de remodelação entre Setembro de 2009 e Março de 2010.

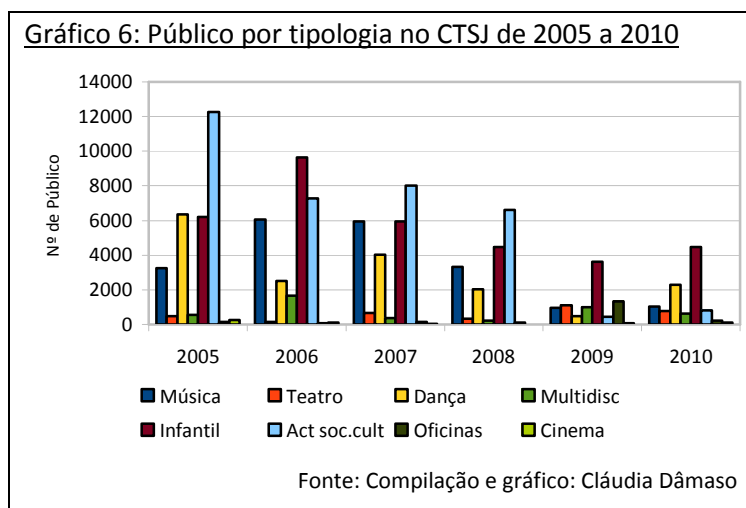
Da análise do Gráfico nº 5 podemos observar que o ano de 2005 foi o ano que obteve maior número de público (representando 25% do total de público dos 5 anos em análise) e que até 2009 ocorreu um decréscimo acentuado, sobretudo dos anos de 2007 a 2009, apresentando uma percentagem de queda de 32% e de 47% respectivamente. O ano de 2010 apresentou um crescimento de 15% relativamente ao ano anterior. Podemos ainda observar que o total de espectáculos manteve-se constante, excepto no ano de 2009 o que contribui para o aumento da média de espectadores. Na Tabela 5, no Anexo 11 podemos observar que a área artística com maior diversidade de espectáculos / eventos foi a categoria das actividades socioculturais. Dentro da programação artística propriamente dita, a Música foi a área artística com maior variedade de espectáculos,

⁹³ Que embora seja um Festival de Artes de Rua pode produzir eventos no CTSJ. O Fiar é o festival da Associação Cultural (FIAR), foi criada em 2000, como estrutura co-organizativa do FIAR, Festival Internacional de Artes de Rua, organizado em parceria com a Câmara Municipal de Palmela e o Teatro o bando.

seguida da Dança e em terceiro lugar, a Programação Infantil. Realçamos que a companhia residente do CTSJ é uma companhia de dança – *Dançarte*.⁹⁴

A categoria de actividades socioculturais é a área em que se verifica o maior número de espectadores nos anos de 2005, 2007 e 2008. Esta categoria engloba actividades de participação e promoção da cidadania da comunidade palmense (e não só), tais como “cantar as Janeiras”, festa das vindimas, espectáculos de beneficência, plenário de trabalhadores, sessões solenes de Bombeiros, festas de Natal, jornadas da saúde, encontro nacional do orçamento participativo, etc. Engloba as actividades organizadas por grupos formais e informais que usam e vivem o Cineteatro São João, em repercussão da missão⁹⁵, dos valores e do projecto de gestão do equipamento.

Observamos uma diminuição de público nos anos de 2006 (41%), 2008 (18%) e



2009 (93%) e um crescimento em comparação ao ano homólogo no ano de 2007 (10%) e no ano de 2010 (82%). O ano de 2005 que apresenta o maior número de público é também o ano com mais sessões (37), os três anos seguintes com oscilação de

público, como vimos anteriormente, mantém o mesmo número de sessões (23). Os anos de 2009 e 2010 são os anos que apresentam menos sessões (6).

Em relação à música o número de público teve um aumento considerável em 2006 (crescimento de 87% comparativamente ao ano anterior) e nos anos seguintes uma percentagem de queda de 83%, considerando o melhor ano em termos de público o ano

⁹⁴ “O protocolo estabelecido em 1996, entre a Câmara Municipal e a Associação Passos e Compassos, possibilitando a residência da Companhia *Dançarte* no Cineteatro S. João” (C.M.P., 2012: 06).

⁹⁵ A missão de fomentar e apoiar o desenvolvimento artístico e cultural do Concelho.

de 2006 e o último ano de análise, 2010. O ano de 2006 contemplou na sua programação musical espectáculos de música ligeira⁹⁶, de fado, jazz⁹⁷, apresentação de bandas, orquestras, grupos de conservatório e música barroca.

Para o teatro o ano de 2009⁹⁸ foi o ano mais expressivo em termos de números de público, tendo tido um crescimento em relação ao ano de 2008 de 226%. Também o ano de 2007 sobressaiu devido ao aumento de público na ordem dos 305%, com espectáculos do Teatro Extremo (Almada), do teatro ATA⁹⁹ (agente cultural local da freguesia Pinhal Novo) e Teatro Lua Cheia (pela programação ARTEMREDE).

A dança teve mais espectadores no ano de 2005, repartidos por 11 espectáculos com características tão diferentes como o Tango, o Sapateado, o Flamengo e os espectáculos e aniversário da companhia residente – *Dançarte*. O ano de 2007 também foi um ano em que se traduziu com um crescimento de público de 60% (relativamente a 2006), distribuídos por apenas 5 espectáculos de diferentes companhias¹⁰⁰. O ano de 2010 registou a maior percentagem de crescimento de número de público (366%), por 8 espectáculos¹⁰¹. Como observamos na Tabela nº 5 no Anexo 11, a programação própria do CTSJ acolheu 50 espectáculos de dança, que no mínimo ocorreram uma vez, no período de 2005 a 2010.

A área multidisciplinar que registou no ano de 2006 o maior número de público e o maior número de apresentações (8). Neste ano realizaram-se congressos, simpósio,

⁹⁶ Com artistas conhecidos do público como Paulo de Carvalho, Ivan Lins, entre outros.

⁹⁷ Com a artista Jacinta.

⁹⁸ Este ano foi marcado pelos espectáculos de José Pedro Gomes e António Feio, Teatro Extremo, Companhia Gato que ladra e a companhia Internacional Sementes.

⁹⁹ “O ATA é parceiro na organização do FIG – Festival Internacional de Gigantes. É também presença habitual na Queima do Judas, em Palmela” em <http://www.cm-palmela.pt/pt/conteudos/areas+de+intervencao/cultura/programa+municipal+do+teatro/ata/> [consulta realizada em 29.01.13].

¹⁰⁰ CPBC – Companhia Portuguesa de bailado contemporâneo, *Dançarte*, Rui Lopes Graça.

¹⁰¹ Festa do sapateado, festa de celebração dos 15 anos *Dançarte*, CPBC, bailado *O Quebra – Nozes* e duas sessões do *Vale* criação de Madalena Victorino e ARTEMREDE.

conferências e exposições¹⁰². O ano de 2009 revelou o maior aumento de crescimento de público, de 335% em relação a 2008, com apenas um evento, exposição *Uma carta coreográfica* inserida na (AGEN2009) / *Território Artes*¹⁰³ que trouxe ao equipamento 1000 visitantes.

A programação infantil, na qual incluímos o projecto *Fantasiarte*¹⁰⁴, inserido no programa municipal de Teatro da C. M. Palmela, o Festival da Canção Infante – Juvenil de Palmela, assim como cinema infantil e dança para bebés, entre outros, foi a categoria que obteve mais público (à parte das actividades socioculturais) nos anos em análise, com a apresentação de 48 espectáculos / eventos. No ano de 2006 verificou-se o maior crescimento (55%) e o maior número de público. Para este crescimento contribuíram as festas *Dançarte* para escolas, as festas finais do projecto *Fantasiarte*¹⁰⁵, festival de cinema juvenil, teatro e outros. O ano de 2010 também foi um ano marcado pelo crescimento do número de espectadores da programação infantil (24%), para qual contribuíram, mais uma vez, as apresentações do projecto *Fantasiarte*, teatro e iniciativas como *Em pijama no teatro*.

¹⁰² Como o congresso de medicina natural, congresso das ordens militares, simpósio vitivinícola, conferência sobre educação, exposição de pintura e sobre Arrábida, entre outros.

¹⁰³ Em <http://www.cm-palmela.pt/SPD.Palmela/Templates/Evento.aspx?NRMODE=Published&NRNODEGUID={A56F3826-7355-40A2-A3EC-CFCBD9FDE66F}&NRORIGINALURL=%2Fpt%2Fconteudos%2Fnoticias%2Be%2Beventos%2Feventos%2FUma%2BCarta%2BCoreogr%25C3%25A1fica.htm%3FWBCMODE%3DPresen&NRCACHEHINT=Guest&WBCMODE=Presen> [consulta realizada em 29.01.13].

¹⁰⁴ “ (...) visa envolver todo o universo escolar do Concelho de Palmela através da promoção, difusão e divulgação dos trabalhos desenvolvidos pelas escolas, em áreas expressivas ou artísticas e, ao mesmo tempo, valorizar a acção de toda a comunidade educativa” em <http://www.cm-palmela.pt/pt/conteudos/areas-de+intervencao/educacao/Educa%C3%A7%C3%A3o+pela+Arte1/Fantasiarte/> [consulta realizada em 29.01.13].

¹⁰⁵ As festas *Fantasiarte* foram incluídas na “Programação Infantil” porque se inserem num programa camarário de “promoção, difusão e divulgação do ensino artístico e de participação da comunidade educativa” em <http://www.cm-palmela.pt/pt/conteudos/areas-de+intervencao/educacao/Educa%C3%A7%C3%A3o+pela+Arte1/Fantasiarte/> [consulta realizada em 29.01.13]. Estas apresentações escolares seriam incluídas na categoria das “Actividades socioculturais” por serem eventos realizados por grupos formais, as escolas, no entanto como se trata de uma estratégia autárquica de promoção artística e também de formação de públicos, considerámos que a categoria de “programação Infantil” seria o seu melhor enquadramento.

As oficinas tiveram mais participantes no ano de 2009 (crescimento de 1111% relativamente ao ano anterior), ano em que se realizaram oficinas tão distintas como *atelier* de construção de máscaras, curso de ordens militares, sapateado ou *workshop* para grávidas. O ano de 2007 também apresentou um crescimento significativo de participantes (82%), devido à realização das oficinas *Partilhar* organizadas pela companhia residente.

O ano de 2005 foi o mais significativo em termos de público para o Cinema. Esta área artística tem pouca expressão na programação própria do CTSJ, tendo tido apenas 14 exposições, na totalidade dos 5 anos em análise, sendo que de 2006 a 2010, apenas se realizou uma exposição / evento, por ano.

Da análise anterior podemos concluir que a programação própria do CTSJ é caracterizada pela aposta em espectáculos / eventos da categoria das Actividades Socioculturais, Música, Dança e Programação Infantil.

2.4 Aproximação à programação ARTEMREDE no Cineteatro São João

Podemos observar que na escolha da programação em rede, neste equipamento predomina a escolha de espectáculos destinados ao público infantil e juvenil (12 dos 31 espectáculos da ARTEMREDE são apresentados no CTSJ). Foi no ano de 2007 que a programação ARTEMREDE teve a maior representatividade dos anos em análise, significando 11% da programação do CTSJ. Da programação ARTEMREDE para o CTSJ a área artística mais expressiva é a de Programação Infantil, seguida da Dança e da Música. Este reforço da Programação infantil na programação própria do equipamento caminha de acordo com os objectivos de criação e formação cultural que a C. M. Palmela designa para o equipamento (C.M.P, 2012: 08). A programação ARTEMREDE representou na área da música 6% da programação musical do CTSJ, 3% de teatro, 8% da dança, 25% da programação para crianças e jovens e 9% das oficinas realizadas no CTSJ.

Dos dados analisados podemos concluir que na programação própria do CTSJ as áreas artísticas escolhidas com regularidade são a Música, Dança e a Programação Infantil, sendo a área das Actividades Socioculturais a mais presente em termos de público e de realização de espectáculos / eventos, indo de acordo com a orientação da missão do CTSJ “Fomentar e apoiar o desenvolvimento cultural e artístico do concelho de Palmela” (Machado, 2009: 01) e de “constituir-se como equipamento municipal, diferenciado e mesmo tempo dar continuidade à disponibilidade de acolher acções produzidas na comunidade, enquanto sala pública do concelho e equipamento nobre por excelência” (Machado, 2009: 08).

Conclusão

Este trabalho tem dois objectivos: encontrar as tendências artísticas na programação cultural do equipamento municipal Cineteatro Joaquim de Almeida (Montijo) e Cineteatro São João (Palmela), em contexto de rede de programação ARTEMREDE e na sua própria programação, nos anos de 2005 a 2010; e estabelecer uma possível leitura de uma rede cultural e de uma experiência intermunicipal da rede.

Falamos de dois equipamentos municipais inseridos em dois territórios vizinhos e distintos. Diferentes na morfologia das suas identidades e nas alterações demográficas e sociais ocorridas nos últimos dez anos. Estes dois municípios têm em comum terem sido associados fundadores da rede cultural ARTEMREDE, os equipamentos CTJA e CTSJ estarem ambos localizados na sede de concelho e terem praticamente a mesma lotação de lugares (CTJA 643 e CTSJ 634 lugares).

Na análise do número de público e das actividades programáticas, obtivemos duas respostas: as áreas artísticas que tiveram mais espectadores/participantes e as áreas artísticas em que foram programados mais espectáculos/eventos (a programação propriamente dita). De resto, mediante a programação dos dois equipamentos e os seus dois modos de categorização, sentiu-se a necessidade de criar uma tipologia comum, de

modo a poder comparar as opções, tanto do público, como da programação do equipamento.

Da análise ao CTJA podemos observar que as áreas artísticas que obtiveram mais espectadores foram a Música, o Teatro e as Actividades Socioculturais. As áreas com maior variedade de espectáculos foram a Música, a Programação Infanto-Juvenil e o Teatro. A Música e o Teatro foram as áreas com mais espectadores e mais espectáculos.

Na programação ARTEMREDE neste equipamento as escolhas de programação recaíram para a Programação Infantil, as Oficinas e para a Música, as duas primeiras representaram ambas 34% da programação do CTJA para aquela área artística. Podemos observar que a programação ARTEMREDE através da Programação Infantil e das Oficinas reforça as actividades e a diversidade de linguagens artísticas, da própria programação infantil do CTJA e as actividades do serviço educativo do equipamento e complementa a programação própria do equipamento.

O Cineteatro São João acolheu mais público nas áreas das Actividades Socioculturais, na Programação Infanto-Juvenil, na Música e na Dança. Na programação do Cineteatro realizaram-se mais espectáculos/eventos das Actividades Socioculturais, da Música, da Dança e Programação Infantil. Os números elevados de público das Actividades Socioculturais traduzem-se também pelos eventos criados para e com a comunidade do território¹⁰⁶. O número elevado de público da Programação Infantil justifica-se também pela inclusão dos projectos municipais de práticas artísticas, tais como o *Fantasiarte* e o *Dançarte*, destinados à “criação cultural e formação que constitui um dos objectivos da C. M. Palmela para o Cineteatro São João” (C.M.P., 2012: 29). Nos anos de 2005 a 2010, o CTSJ programou maior variedade de espectáculos/eventos da categoria das Actividades Socioculturais, de Música, Dança e Programação Infanto – Juvenil.

¹⁰⁶ E com a “disponibilidade de interacção com outros sectores de intervenção da Divisão de Acção Cultural: Programas e Projectos Municipais e Associativismo e Animação Cultural” (Machado, 2009: 08).

Na programação ARTEMREDE programada para Palmela é de realçar a sua distribuição por todo território, observando-se que a maioria dos espectáculos ARTEMREDE não se realizaram no CTSJ. Esta distribuição pelo território demonstra “os vectores referenciais seguidos pelo Teatro” (Machado, 2009: 06) de criação de uma rede de equipamentos culturais, diversidade estética e a democratização do acesso à cultura. Na programação ARTEMREDE para o CTSJ a escolha da programação expressou-se na Programação Infantil (constituindo 25% da Programação Infanto-juvenil do equipamento), na Dança e na Música. Observamos que a escolha da programação ARTEMREDE reforça as áreas artísticas definidas para a programação do Cineteatro, dando maior relevância à Programação Infanto – juvenil, esta é para a Divisão de Acção Cultural¹⁰⁷ um “um espaço claramente bem sucedido, uma zona em que queremos investir (...) que é efectivamente muito consequente do ponto de vista da programação e tem um espaço significativo nos conteúdos programáticos”¹⁰⁸. E que começa a revelar uma “circulação de público”¹⁰⁹ específico para este tipo de programação.

Da leitura da programação ARTEMREDE podemos observar que ambos os cineteatros concentraram esforços na Programação Infanto – juvenil e na Música. O CTJA programou também Oficinas, o CTSJ incluiu a Dança. O CTJA fortaleceu a diversidade das propostas do serviço educativo, ao nível das oficinas e ao nível da forte componente educativa da programação infantil em contexto escolar mas não só. O CTSJ ampliou a diversidade de oferta da área artística da dança, orientação artística do equipamento e da companhia residente.

Detectámos que para além de reforçarem e complementarem as áreas artísticas dos equipamentos, a programação em rede “actua simultaneamente nas duas esferas: da oferta e da procura” (Lopes 2000 a: 110). Complementa (e fortalece) a programação do

¹⁰⁷ “ (...) tem complementos, por exemplo com o trabalho que realizamos no universo das escolas, tem articulação com projectos que temos nesta área e particularmente a destacar que é o projecto *Fantasiarte*, que pressupõe mobilidade relativamente aos conteúdos programados (...) Na entrevista a Alberto Pereira (Chefe da Divisão de Acção Cultural – C.M.P) Ver Anexo 16.

¹⁰⁸ Na entrevista a. Alberto Pereira (Chefe da Divisão de Acção Cultural – C.M.P). Ver Anexo 16.

¹⁰⁹ Na entrevista a Alberto Pereira (Chefe da Divisão de Acção Cultural – C.M.P). Ver Anexo 16.

equipamento, com outras linguagens artísticas, outras atitudes performáticas – maior diversidade – habitua (e cria) públicos para as suas (futuras) experiências. A experiência em programação em rede proporciona maior acesso das populações à diversidade artística. Este é também um instrumento de qualificação de recursos humanos, optimização dos recursos financeiros, numa lógica de economia de escala.

Na actual crise económica, a programação cultural regular nos equipamentos municipais encontra-se comprometida pelas medidas de austeridade que constroem os orçamentos para a cultura e comprometem os investimentos e as responsabilidades locais. Por exemplo, o CTJA, em 2013, “não fará sozinho co-produções ou produções próprias”¹¹⁰, é apenas através da ARTEMREDE que poderá proporcionar uma programação artística fora dos espectáculos de cedências e acolhimentos.

Perante esta realidade, o futuro próximo dos equipamentos municipais passará pelo reforço das actuais redes e pela constituição de novas redes de âmbito cultural – nomeadamente nas esferas de especialização profissional e artística (criação, produção, programação, circulação, mediação, técnica, entre outras) – de modo a não permitir que os equipamentos municipais (e o investimento das últimas décadas) desapareçam do tecido criativo e de produção artística do território local, nacional e internacional.

Nesta ainda curta experiência, a ARTEMREDE tem-se revelado um factor de estabilidade e de agregação para uma programação de qualidade diversificada, planeada numa estratégia de desenvolvimento territorial criada a partir de um diagnóstico das necessidades e de valorização das várias identidades e práticas culturais locais.

¹¹⁰ Ver Anexo 15 – Entrevista a Pedro Vaz de Carvalho (CTJA).

Bibliografia

- ARTEMREDE – Teatros associados, (2009), *Plano Estratégico 2008-2015*, Santarém, Artemrede.
- Brandão, Paulo, (2007), *Corpos Culturais, Gestão Cultural do Território*, colecção Públicos nº4, Setepés.
- CCDRLVT, (2012), *ORLVT – Observatorium da Região de Lisboa e Vale do Tejo*, Abril.
- CCDRLVT, (2011), *ORLVT Folha Informativa*, nº 4.
- CCDRLVT, (2005), *Reabilitação do Património e Arte em Rede*, Lisboa e Vale do Tejo.
- C. M.M., (2008), *Revisão PDM*, C.M.P.
- C.M.P., (2012), *S. João screen*, C.M.P. Documento Pdf.
- Machado, Teresa, (2009), *Cineteatro São João: Visão, Missão, Valores*, C.M.P. Documento Word.
- C. M. P., (2002), *Cine – Teatro S. João – Meio Século de Magia, 1952 -2002*, C.M.P.
- Costa, Pedro, (2007), *A Cultura em Lisboa, Competitividade e Desenvolvimento Territorial*, ICS, Lisboa.
- Costa, Pedro e Babo, Elisa Pérez, (2007), *As Indústrias Culturais e Criativas: Novos Desafios para as políticas Municipais, Gestão Cultural do Território*, colecção Públicos nº4, Setepés.
- Gomes, Rui Telmo (e outros), (2006), *Entidades Culturais e Artísticas em Portugal*, OAC.
- Lopes, João Teixeira, (2007 a), *Da Democratização à Democracia Cultural Uma Reflexão Sobre Políticas Culturais e o Espaço Público*, Profedições, Porto.
- Lopes, João Teixeira, (2007 b), *Prefácio de Gestão Cultural do Território*, colecção Públicos nº4, Setepés.
- Lopes, João Teixeira, (2000 a), *A Cidade e a Cultura. Um Estudo Sobre Práticas Culturais Urbanas*, Edições Afrontamento e C. M. Porto.
- Lopes, João Teixeira, (2000 b), *Em busca de um Lugar no Mapa Reflexões sobre Políticas Culturais em Cidade de Pequena Dimensão, Sociologia, Problemas e Práticas*, nº 34.

Madureira, Cláudia, (2002), *Novos Notáveis – Os Programadores Culturais*, actas do IV Congresso Português de Sociologia em http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/dpr462df75d1d543_1.pdf [consulta realizada em 10.01.13].

Portugal, José, Marques, Susana (coord.), (2007), *Gestão Cultural do Território*, colecção Públicos nº4, Setepés.

Póvoas, Sara Cristina Coelho, (2010), *Aplicações do Marketing na Cultura: Estratégias de Captação e Fidelização de Públicos O caso do Cinema – Teatro Joaquim de Almeida (Montijo)*, tese de mestrado da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. ECATI – Escola de Comunicação Artes e Tecnologias de Informação em <http://recil.grupolusofona.pt/jspui/bitstream/10437/2875/1/TESE%20MESTRADO%20SARA%20P%C3%93VOAS.pdf> [consulta realizada em 20.01.13].

Ribeiro, António Pinto, (2011), *Questões Permanentes ensaios escolhidos sobre cultura contemporânea*, Cotovia.

Santos, Maria de Lourdes dos (coord.), (2005), *Contribuições para a Formulação de Políticas Públicas no Horizonte 2013 Relativas ao Tema Cultura, Identidades e Património*, ICS, OAC.

Silva, Augusto Santos, (2007), *Como Abordar as Políticas Culturais Autárquicas? Uma hipótese de Roteiro*, Sociologia, Problemas e Práticas, nº 54.

Silva, Augusto Santos, (2004), *As redes culturais: balanço e perspectivas da experiência portuguesa 1987 – 2003*, em AAVV, Públicos da Cultura, Lisboa, OAC.

VARGAS, Carlos, < < Construir teatros e cineteatros em Portugal: “Novos palcos para os artistas, novos espectáculos para o público”>>, Working Paper #2, Observatório Político, P 06, publicado em 01.12.2011, URL: www.observatoriopolitico.pt

Sitiografia

ARTEMREDE – Teatros associados em <http://www.artemrede.pt/#apresentacao> [consulta realizada em 1.01.13].

ARTEMREDE – Estatutos: <http://www.artemrede.pt/images/Estatutos.pdf> [consulta realizada em 10.01.13].

ARTEMREDE – Da Reabilitação do Património à Promoção e Gestão Cultural em http://www.fonsecaferreira.net/wp-content/uploads/2011/08/Casos_cap32_2p.pdf P 424 [consulta realizada em 22.01.13].

Artigo 73.º em <http://dre.pt/comum/html/legis/crp.html> [consulta realizada em 23.01.13].

Câmara Municipal do Montijo:

<http://www.mun-montijo.pt/pt/conteudos/municipio/localizacao+e+caracterizacao/?WBCMODE=PresentationUnloservicos> [consulta realizada em 20.01.13].

<http://www.mun-montijo.pt/pt/conteudos/areas+de+intervencao/Cultura/Patrim%C3%B3nio+Concelhio/Montijo/CTJA.htm> [consulta realizada em 08.01.13].

<http://www.mun-montijo.pt/pt/conteudos/areas+de+intervencao/Cinema+Teatro+Joaquim+d+Almeida/> [consulta realizada em 08.01.13].

<http://www.mun-montijo.pt/pt/conteudos/areas+de+intervencao/Cinema+Teatro+Joaquim+d+Almeida/Espa%C3%A7os+e+Servi%C3%A7os/Cart%C3%A3o+de+Amigo/> [consulta realizada em 08.01.13].

<http://www.mun-montijo.pt/pt/conteudos/areas+de+intervencao/Cinema+Teatro+Joaquim+d+Almeida/Espa%C3%A7os+e+Servi%C3%A7os/Cart%C3%A3o+de+Melhor+Amigo/> [consulta realizada em 08.01.13].

<http://www.mun-montijo.pt/pt/conteudos/areas+de+intervencao/Cinema+Teatro+Joaquim+d+Almeida/Espa%C3%A7os+e+Servi%C3%A7os/Vale-Oferta/> [consulta realizada em 08.01.13].

<http://www.mun-montijo.pt/pt/conteudos/areas+de+intervencao/Cinema+Teatro+Joaquim+d+Almeida/Miss%C3%A3o/> [consulta realizada em 08.01.13].

Câmara Municipal de Palmela:

http://www.cm-palmela.pt/pt/conteudos/camara+municipal/o+concelho/localizacao+e+clima/?wbc_purpose=Basic&WBCMODE=Presenta [consulta realizada em 15.10.12].

http://www.cmpalmela.pt/pt/conteudos/camara+municipal/o+concelho/Territ%C3%B3rio/?wbc_purpose=Basic&WBCMODE=Presenta [consulta realizada em 15.10.12].

<http://www.cm-palmela.pt/pt/conteudos/areas+de+intervencao/cultura/programa+municipal+do+teatro/ata/> [consulta realizada em 29.01.13].

<http://www.cm-palmela.pt/SPD.Palmela/Templates/Evento.aspx?NRMODE=Published&NRNODEGUID={A56F3826-7355-40A2-A3EC-CFCBD9FDE66F}&NRORIGINALURL=%2Fpt%2Fconteudos%2Fnoticias%2Be%2Beventos%2Feventos%2Fuma%2BCarta%2BCoreogr%25C3%25A1fica.htm%3FWBCMODE%3DPresen&NRCACHEINT=Guest&WBCMODE=Presen> [consulta realizada em 29.01.13].

<http://www.cm-palmela.pt/pt/conteudos/areas+de+intervencao/educacao/Educa> [consulta realizada em 29.01.13].

Câmara Municipal de Setúbal em <http://www.mun-setubal.pt/pt/noticia/arrabida-candidata-a-patrimonio-mundial/619> [consulta realizada em 16.01.12].

CCDRLVT – Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional da Região de Lisboa e Vale do Tejo:

CCDRLVT, (2012), ORLVT – Observatorium da Região de Lisboa e Vale do Tejo, Abril em <http://www.ccdr-lvt.pt/pt/documentos-editados/1841.htm> [consulta realizada em 20.01.13].

CCDRLVT, (2011), ORLVT Folha Informativa, nº 4 Em <http://www.ccdr-lvt.pt/pt/folha-informativa-n-4/6966.htm> [consulta realizada em 20.01.13].

<http://www.ccdr-lvt.pt/pt/> [consulta realizada em 20.02.13].

<http://www.ccdr-lvt.pt/pt/populacao-rlvt-cresce-5-1-numa-decada-censos-2011/6363.htm> [consulta realizada em 20.01.13].

<http://www.ccdr-lvt.pt/pt/observatorio-regional-de-lvt/7283.htm> consulta realizada em 20.02.13].

Comédias do Minho em <http://www.comediasdominho.com/APRESENTACAO> [consulta realizada em 23.01.13].

Conference "Networks – The Evolving Aspects of Culture in the 21st Century, Zagreb, 2009 em http://www.unesco.org/new/en/venice/about-this-office/single-view/news/networks_the_evolving_aspects_of_culture_in_the_21st_century/ [consulta realizada em 06.02.13].

Comunidade Urbana Valimar – em <http://www.cm-caminha.pt/ver.php?cod=0B0D> [consulta em 03.01.12].

Culture Action Europe em <http://www.cultureactioneurope.org/network/european-networks/43-european-networks/167-encc--european-network-of-cultural-centres?e4b73c3745ac4bc374714928e835769b=73e9ab> [consulta realizada em 06.02.13].
Diário da Região em <http://www.diariodaregiao.pt/?p=14817> [consulta realizada em 16.01.13].

Exposição Carta Coreográfica em http://www.dgartes.pt/news_details.php?month=1&year=2007&newsID=23836&lang=pt [consulta realizada em 25.01.13].

Igespar em <http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/71697/> [consulta realizada em 08.01.13].

Jean-Pierre Deru na Conferência Europeia da Cultura, Polónia 2011 em http://www.culturecongress.eu/en/ngo/ngo_bestpractice_deru [consulta realizada em 24.01.13].

Lusoponte em http://www.lusoponte.pt/pvg_projecto_antecedentes.htm [consulta realizada em 20.01.13].

POC – Programa Operacional para a Cultura:
No Eixo I do Quadro Comunitário de Apoio para Portugal, para o período 2000-2006 (QCA III) em <http://www.qca.pt/pos/download/2000/poc.pdf> [consulta realizada em 06.02.13].

No Eixo Prioritário 2 – Favorecer o acesso a bens culturais. Medida 2.1. – Criação de uma rede fundamental de recintos culturais em <http://www.qca.pt/pos/download/2000/poc.pdf> [consulta realizada em 22.01.13].

PORDATA (Base de dados Portugal Contemporâneo) em <http://www.pordata.pt/> [consulta realizada em 20.01.13].

Programa Operacional do Norte In

http://www.novonorte.qren.pt/fotos/editor2/import/ccr-norte.pt/novonorte/dossier_20110708_ON2_cultura.pdf [consulta realizada em 06.02.13].

Promotor Culturval – Gestão de Equipamentos Culturais de Vila Real, E. E. M, Parceiros: Município de Bragança, Academia de Música de Espinho em

http://www.novonorte.qren.pt/fotos/editor2/import/ccr-norte.pt/novonorte/dossier_20110708_ON2_cultura.pdf [consulta realizada em 06.02.13].

Promotor A Oficina, Centro de Artes e Mesteres Tradicionais de Guimarães, CIPRL, Parceiros: Teatro Circo de Braga, Município de Vila Nova de Famalicão em

http://www.novonorte.qren.pt/fotos/editor2/import/ccr-norte.pt/novonorte/dossier_20110708_ON2_cultura.pdf [consulta realizada em 06.02.13].

Promotor TURRISESPAÇOS – Empresa Municipal de Gestão de Equipamentos Culturais e Desportivos do Município de Torres Novas, E.E.M. Parceiros da Região do Norte: “A Oficina” – Centro de Artes e Mesteres de Guimarães, CIPRL em

http://www.novonorte.qren.pt/fotos/editor2/import/ccr-norte.pt/novonorte/dossier_20110708_ON2_cultura.pdf [consulta realizada em 06.02.13].

Promotor Companhia de Teatro de Almada. Parceiros da Região do Norte: Teatro Circo de Braga e Município de Matosinhos em

http://www.novonorte.qren.pt/fotos/editor2/import/ccr-norte.pt/novonorte/dossier_20110708_ON2_cultura.pdf [consulta realizada em 06.02.13].

Promotor Empresa Municipal de Cultura e Recreio de Seia. Parceiros da Região do Norte: Municípios de Paredes de Coura e Ponte de Lima e Promotor: Escola da Noite – Grupo de Teatro de Coimbra. Parceiros da Região do Norte: Teatro Circo de Braga em

http://www.novonorte.qren.pt/fotos/editor2/import/ccr-norte.pt/novonorte/dossier_20110708_ON2_cultura.pdf [consulta realizada em 06.02.13].

Projecto comum ACERT e 7 municípios em

<http://www.acert.pt/projectos/projecto.php?idcat=151> [Consulta realizada em 05.02.13].

Reportagem televisiva (a maior taxa de natalidade de Portugal, Censos 2011) em <http://www.tvi24.iol.pt/sociedade/montijo-natalidade-tvi24/1395148-4071.html> [consulta realizada em 16.01.13].

Sessão Cultura e Futuro, S. Luiz 2012 em <http://culturaefuturo.blogspot.pt/> [consulta realizada em 07.02.12].

Setúbal na Rede em <http://www.setubalnarede.pt/content/index.php?action=articlesDetailFo&rec=1843> [consulta realizada em 08.01.13].

Lista de Gráficos

Gráfico 1 – População residente no concelho do Montijo e Palmela (2011).

Gráfico 2 – Densidade populacional no concelho do Montijo e Palmela (2011).

Gráfico 3 – Número de público, de 2005 a 2010, no CTJA.

Gráfico 4 – Número de público por tipologia, de 2005 a 2010, no CTJA.

Gráfico 5 – Número de público, de 2005 a 2010, no CTSJ.

Gráfico 6 – Número de público por tipologia, de 2005 a 2010, no CTSJ.

Lista de Mapas

Mapa 1 – Montijo.

Mapa 2 – Palmela.

Mapa 3 – Variação População RLVT.

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Índice demográfico Montijo e Palmela.

Tabela 2 – Número de espectáculos por tipologia, nos anos de 2005 a 2010, no CTJA.

Tabela 3 – Número de espectáculos, sessões, público e média de espectadores, da programação ARTEMREDE, no território do Montijo.

Tabela 4 – Número de espectáculos, sessões, público e média de espectadores, da programação ARTEMREDE, no CTJA.

Tabela 5 – Número de espectáculos por tipologia, nos anos de 2005 a 201, no CTSJ.

Tabela 6 – Número de espectáculos, sessões, público e média de espectadores, por tipologia, da programação ARTEMREDE, no território de Palmela.

Tabela 7 – Número de espectáculos, sessões, público e média de espectadores, por tipologia, da programação ARTEMREDE, no CTSJ.

Anexos

- Anexo 1 – Objectivos e programação ARTEMREDE.
- Anexo 2 – Órgãos Sociais ARTEMREDE.
- Anexo 3 – Recursos Humanos e Financeiros ARTEMREDE.
- Anexo 4 – Mapa 3: Variação da População da RLVT.
- Anexo 5 – Tabela 1: Índice Demográfico Montijo e Palmela.
- Anexo 6 – Gráfico 1: População Residente Montijo e Palmela.
Gráfico 2: Densidade Populacional Montijo e Palmela.
- Anexo 7 – Missão DBCT – C. M. Montijo.
- Anexo 8 – Tabela nº2: Programação CTJA – Total de espectáculos por tipologia.
- Anexo 9 – Tabela nº3: Tabela de programação ARTEMREDE¹¹¹ no território do Montijo.
Tabela nº4: Tabela de programação ARTEMREDE no CTJA.
- Anexo 10 – Missão D.A.C – C. M. Palmela.
- Anexo 11 – Tabela nº5: Tabela de programação CTSJ – Total de espectáculos por tipologia.
- Anexo 12 – Tabela nº6: Tabela de programação ARTEMREDE no território de Palmela.
- Anexo 13 – Tabela nº7: Tabela de programação ARTEMREDE no CTSJ.
- Anexo 14 – Guião de Entrevista.
- Anexo 15 – Transcrição da entrevista a Pedro Vaz de Carvalho (Director e programador do CTJA – C. M. Montijo).
- Anexo 16 – Transcrição da entrevista a Alberto Pereira (Divisão da Acção Cultural – Câmara Municipal de Palmela).
- Anexo 17 – Mapa dos Territórios de Montijo e Palmela, com indicação da localização dos equipamentos CTJA (Montijo) e CTSJ (Palmela).

¹¹¹ Tabela de programação ARTEMREDE constituída por nº espectáculos, de sessões e categoria artística.

Anexo 1

Objectivos ARTEMREDE¹¹²

- Apoio à elaboração das suas programações;
- Acesso a formação especializada;
- Optimização de recursos e economias de escala;
- Acesso a circuitos para distribuição das produções locais;
- Qualificação da sua prestação cultural à comunidade local;
- Acesso a informação especializada;
- Qualificação da sua imagem;
- Acréscimo de capacidade de representação e negocial junto de financiadores e potenciais parceiros.

A **programação** é elaborada a vários níveis e com os pressupostos descritos no Plano Estratégico 2008-2015:

- A ARTEMREDE não se substitui aos seus associados nesta função de programação, antes é e deverá ser sempre um parceiro complementar.
- A programação da ARTEMREDE deve pautar-se por padrões de qualidade e incluir a maior diversidade artística possível.
- Quando co-financiada através de fundos públicos, de origem nacional ou internacional, a programação deve apostar em espectáculos cuja viabilização artística e económica seja possível numa lógica de mercado assistido.

¹¹² Em <http://www.artemrede.pt/#apresentacao> [consulta realizada em 10.01.13].

- Quando exclusivamente financiada através de fundos privados, próprios ou outros, a programação deve apostar em espectáculos de grande público de qualidade reconhecida.
- A ARTEMREDE deve procurar programar espectáculos que, quer pela sua dimensão/custo, quer pela sua originalidade, dificilmente seriam apresentados nos teatros dos seus associados.
- A programação deve ser demonstrativa das vantagens do funcionamento em rede.
- A programação deve ter em conta o nível de desenvolvimento cultural das populações a que se dirige, bem como a densidade demográfica de cada município.
- A programação deve adequar-se às capacidades / valências técnicas dos teatros associados.

(ARTEMREDE, 2009: 23 – 24)

Anexo 2

Órgãos Sociais ARTEMREDE¹¹³

(Órgãos eleitos a 31 de Janeiro de 2012)

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente: Câmara Municipal de Sesimbra

Vice-Presidente: Câmara Municipal de Alcanena

Vogal: Câmara Municipal do Cartaxo

DIRECÇÃO

Presidente: Câmara Municipal de Almada

Vice-Presidente: Câmara Municipal da Abrantes

Vogal: Câmara Municipal do Montijo

Vogal: Câmara Municipal de Oeiras

Vogal: Câmara Municipal de Palmela

CONSELHO FISCAL

Presidente: Câmara Municipal da Moita

Vice-Presidente: Câmara Municipal de Alcobaça

Vogal: José de Jesus Gonçalves Mendes, Revisor

¹¹³ Em <http://www.artemrede.pt/#sociais> [consulta realizada em 15.02.13].

Anexo 3

ARTEMREDE – Recursos Humanos e Financeiros

Recursos Humanos

Os recursos humanos da associação são constituídos actualmente por um director executivo, um produtor; um assistente administrativo, um assistente contabilístico – financeiro.¹¹⁴ Também poderá existir aquisição de serviços exteriores, sempre que seja necessário “no sentido de dar resposta às tarefas necessárias dotando a equipa de competências adequadas não satisfeitas pelos recursos internos contratados” (CCDRLVT, 2005: 73).

Recursos Financeiros

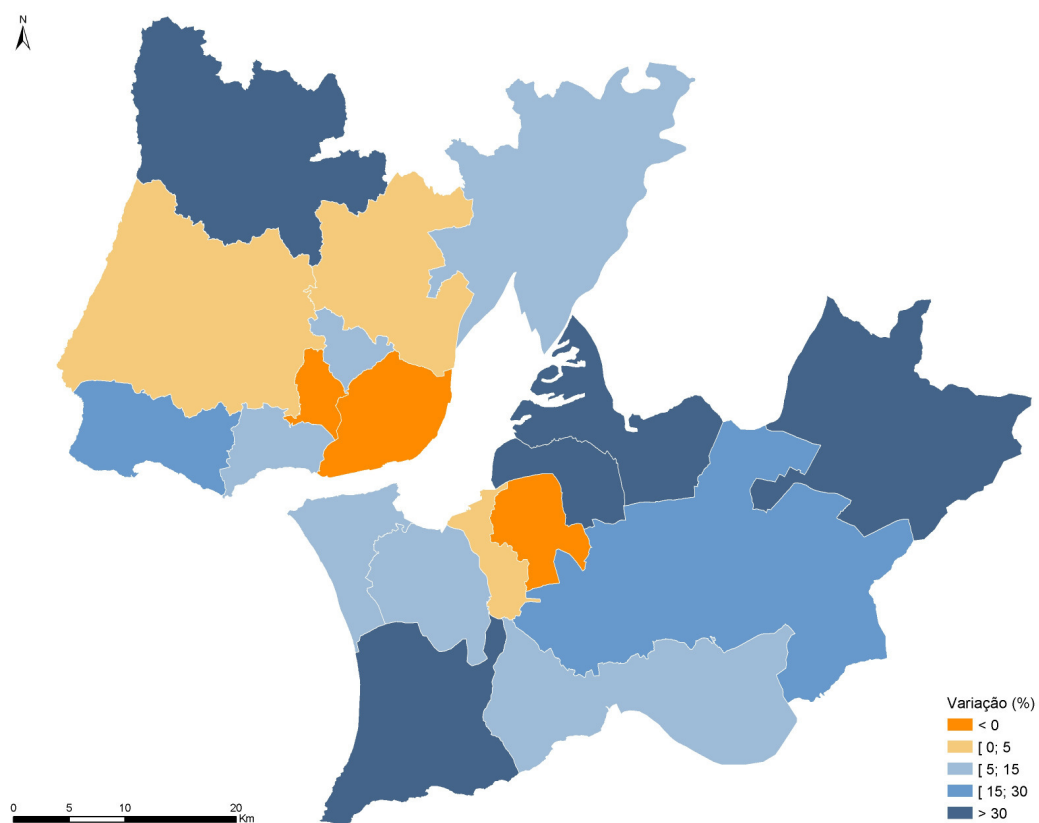
Os meios financeiros da associação são constituídos por recursos financeiros próprios (quotas de funcionamento em função das características demográficas do concelho e quotas de programação, em função do programa escolhido por cada autarquia) (Idem, Ibidem) e “apoios complementares a angariar junto de diversas entidades co-financiadores e mecenas” (Idem, Ibidem).

¹¹⁴ Em <http://www.artemrede.pt/#contactos> [consulta realizada em 14.01.13].

Anexo 4

Mapa 3

Variação da população residente por concelho no território RLVT em 2011.



Fonte: CCDRLVT, (2011), Folha Informativa, nº4, P01¹¹⁵

¹¹⁵ Em <http://www.ccdr-lvt.pt/pt/folha-informativa-n-4/6966.htm> [consulta realizada em 12.02.13].

Anexo 5

Tabela nº 1

Tabela nº 1	Montijo	Palmela
% de Mulheres	Mulheres: 51,73	Mulheres: 51,48
% de Homens	Homens: 48,27	Homens: 48,52
Nº de índice de envelhecimento	100,7	102,7
Nº de nados vivos (taxa bruta de natalidade)	13,2	10,2
Nº de dependentes idosos	25,1	26,6
Nº de dependentes jovens	24,9	25,9
Nº de população escolar (com + 15 anos – total)	42.716	52.151

Fonte: Os dados apresentados na tabela nº 1 são retirados da base de dados PORDATA.

Compilação e Tabela nº1: Cláudia Dâmaso.

Anexo 6

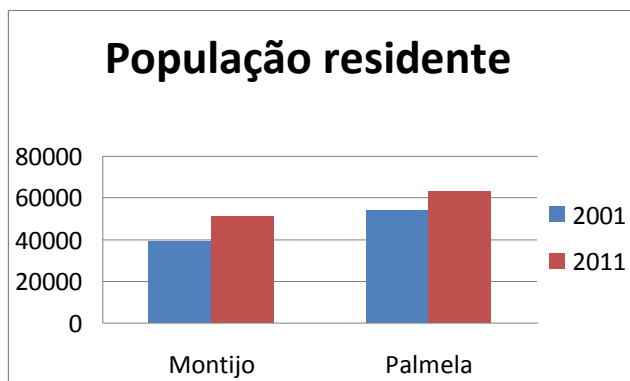


Gráfico nº 1

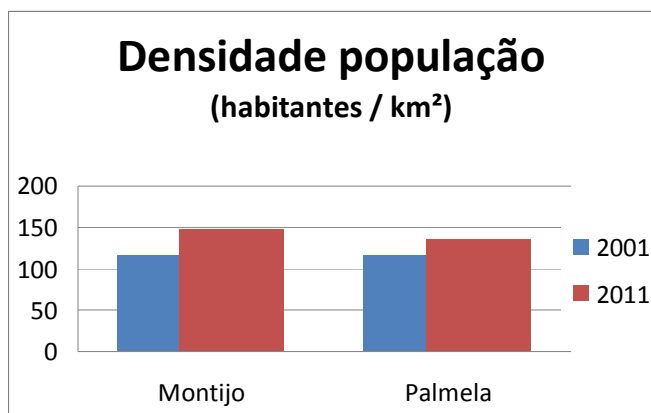


Gráfico nº 2

Fonte: Dados retirados da base de dados PORDATA.

Compilação e gráfico nº 1 e 2: Cláudia Dâmaso.

Anexo 7

A intervenção municipal na área da Cultura é da competência da Divisão de Cultura, Bibliotecas e Turismo que integra o Departamento de Desenvolvimento Social, Cultural e de Saúde. A Divisão de Cultura, Bibliotecas e Turismo (DCBT) descreve a sua **missão** para a área Cultural da seguinte maneira¹¹⁶:

“Para além do definido por lei, a Divisão tem, entre outras, as seguintes atribuições: a) Gerir o património municipal, criando e mantendo actualizada a respectiva base de dados; b) Assegurar a gestão dos equipamentos culturais municipais, designadamente o Cinema Teatro Joaquim de Almeida; d) Promover e coordenar as acções culturais municipais, estabelecendo parcerias que permitam uma melhor optimização de meios e de recursos; e) Colaborar com outros serviços da autarquia ou com outras entidades na organização de eventos de natureza cultural, visando a dinamização das diferentes estruturas culturais existentes no município; g) Promover e generalizar o acesso à leitura, garantindo (assegurando para este efeito) a gestão da biblioteca municipal e dos diversos pólos; j) Definir e implementar medidas de promoção, divulgação e valorização da imagem turística do Concelho; k) Dinamizar iniciativas que integrem os valores culturais, monumentais, artísticos e paisagísticos municipais; l) Apoiar actividades e manifestações artesanais e etnográficas de interesse municipal; m) Promover, através do Centro de Saberes, a formação dos cidadãos.”¹¹⁷

¹¹⁶ Aqui transcrevemos apenas os pontos relacionados directamente com o Cineteatro Joaquim de Almeida.

¹¹⁷ Em <http://www.mun-montijo.pt/pt/conteudos/areas+de+intervencao/Cultura/Miss%C3%A3o/> [consulta realizada em 08.01.13].

Anexo 8

Programação CTJA: Total de espectáculos por área artística

Área artística	2005	2006	2007	2008	2009	2010	TOTAL
Música	9	17	23	19	18	15	101
Teatro	9	10	9	13	13	8	62
Dança	2	7	9	4	11	8	41
Multidisciplinar	0	2	2	5	3	2	14
Infantil	7	14	15	15	10	17	78
Actividades socioculturais	2	10	4	8	7	6	37
Oficinas	0	6	1	15	16	12	50
Cinema	0	2	0	1	0	0	3
TOTAL	29	68	63	80	78	68	386

Tabela nº 2

Fonte: Programação cedida pelo CTJA enquadrada na tipologia proposta.

Anexo 9

Programação ARTEMREDE no território do Montijo

Da análise a esta tabela podemos concluir que a programação em rede realizada neste território, dentro dos anos em análise, foi o ano de 2008 que registou o maior número de público, de sessões, num total de 17 espectáculos/acções diferentes.

O ano de 2007 registou a maior percentagem de crescimento de público, com o valor de 39%.

Tabela nº 3: ARTEMREDE – território do Montijo				
	Total	Sessões	Público	Média
2005	8	9	677	75
2006	18	18	886	49
2007	11	12	1232	103
2008	17	18	1674	93
2009	13	17	1478	87
2010	14	14	639	46

Tabela nº 3: Nº de espectáculos, nº de sessões, nº de público e média de espectadores ARTEMREDE no território do Montijo, de 2005 a 2010. **Fonte:** ARTEMREDE.

ARTEMREDE no CTJA	2005	2006	2007	2008	2009	2010	Total
Música	2	7	3	1	0	1	14
Teatro	2	0	0	2	1	2	7
Dança	1	3	3	0	2	1	10
Infantil	2	6	4	4	4	4(5*)	20
Oficinas	0	2	0	5	5	5	17
Multidisciplinar	1	0	1	0(2*)	1	0	3
Total	8	18	11	13(14*)	13	13(14*)	50

Tabela nº 4: Nº de espetáculos por tipologia da programação ARTEMREDE, de 2005 a 2010, (*Nº de espetáculos ARTEMREDE no CTJA). **Fonte:** ARTEMREDE.

ARTEMREDE no Cineteatro Joaquim de Almeida				
	Total	Sessões	Público	Área artística
2005	8	9	677	Infanto Juvenil/Dança/Teatro/Música/Novo Circo
2006	18	18	886	Oficina/Dança/Música/Infanto Juvenil/Teatro
2007	11	12	1232	Música/Dança/Infanto Juvenil/Multidisciplinar/Teatro
2008	5	16	1374	Multidisciplinar/Música/Infanto Juvenil/Oficina/Teatro
2009	13	17	1478	Oficina/Artes Circenses/Dança/Infanto Juvenil/Teatro
2010	13	13	489	Infanto Juvenil/Teatro/Música/Oficina/Dança

Tabela nº 4 (Continuação): Nº de espetáculos, nº de sessões, nº de público e área artística da programação ARTEMREDE no CTJA. **Fonte:** ARTEMREDE.

Anexo 10

A **visão da Divisão de Acção Cultural** da C. M. Palmela é a de tornar o município de Palmela como referência cultural no panorama autárquico nacional e projectar o município internacionalmente. A missão é a de fomentar e apoiar o desenvolvimento artístico e cultural do Concelho (Machado, 2009: 01). Os valores são: Serviço Público; Qualidade e informação; Competência e Responsabilidade; Participação / Gestão Participada; Democraticidade da cultura; Criatividade, inovação, conhecimento; Multiculturalidade; Pluralidade / Ecleticidade; Cidadania; Igualdade; Integridade; Complementaridade; Pluralidade.

Segundo o documento cedido pelo CTSJ a aposta da Câmara Municipal de Palmela neste empreendimento, no ano de 1989, traduziu-se na clara convicção de estabelecer uma política cultural ao serviço da comunidade e de promoção da cidadania. A criação de uma rede de equipamentos culturais, a promoção dos agentes criativos locais, a defesa do património cultural, a democratização do acesso à cultura, o respeito pela diversidade estética, têm sido apenas alguns dos vectores referenciais seguidos pelo Cineteatro. A memória colectiva que o S. João encerra é, por si só, um estímulo para quem o gere: desafios como a preservação arquitectónica do edifício, manutenção, gestão e programação são testemunhos que assumimos empenhadamente. O São João é, hoje, um equipamento cultural qualificado, polivalente, dinâmico, vivo, um espaço potenciador da criação, divulgação e produção cultural (Machado, 2009: 01).

Anexo 11

Programação CTSJ: Nº de espectáculos por tipologia

Nº de espectáculos	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Música	13	18	23	16	8	7
Teatro	3	3	6	8	4	7
Dança	11	11	5	11	4	8
Multidisciplinar	6	8	4	4	1	6
Infantil	12	9	11	6	4	6
Actividades socioculturais	37	23	23	23	6	6
Oficinas	2	3	3	7	5	3
Cinema	9	1	1	1	1	1
Total	93	76	76	76	33	44

Tabela nº 5 – Programação CTSJ: Nº de espectáculos por tipologia.

Fonte: Dados estatísticos da programação cedidos pelo CTSJ e enquadrados na tipologia proposta.

Anexo 12

Neste município, a programação ARTEMREDE é desenvolvida em vários equipamentos ou espaços do município: Auditório Municipal do Pinhal Novo, Centro Cultural do Poceirão, Largo S. João, Escola Secundária Pinhal Novo, Anfiteatro do Castelo de Palmela, Castelo de Palmela, Biblioteca Municipal de Palmela, Grupo Popular e Recreativo Cabanense, Grupo Desportivo Leões de Cajados, Jardim José Maria dos Santos | Pinhal Novo, Bairro Margaça – Marateca, Grupo Popular e Recreativo Cabanense, Antigo Posto da GNR do Pinhal Novo, Bombeiros Voluntários de Palmela e SFUA - Pinhal Novo. Para o presente estudo é apenas considerada a programação realizada no CTSJ, no entanto, salientamos que a dispersão da programação pelo território poderá constituir um dos eixos no planeamento da descentralização dos pólos culturais imbuídos na perspectiva de democratização do acesso à cultura.¹¹⁸

Tabela nº 6: ARTEMREDE – território de Palmela					Tabela nº 6: Nº de espectáculos, Nº de sessões, Nº de Público, Média de espectadores ARTEMREDE no território de Palmela, de 2005 a 2010 / Fonte: ARTEMREDE.
	Total	Sessões	Público	Média	
2005	5	6	510	85	
2006	11	12	1.046	87	
2007	16	16	1.276	80	
2008	17	30	1.081	36	
2009	9	9	604	67	
2010	12	15	1.474	98	

A tabela acima inclui todos os espaços do território onde os espectáculos ou oficinas da programação ARTEMREDE ocorreram no território de Palmela. Nesta tabela podemos observar que o ano com maior número de público foi em 2010, embora não tenha sido o ano com maior variedade de espectáculos. O ano de 2008 apresentou a maior variedade de espectáculos e o maior número de sessões.

¹¹⁸ “A criação de uma rede de equipamentos culturais, a promoção dos agentes criativos locais, a defesa do património cultural, a democratização do acesso à cultura, o respeito pela diversidade estética, têm sido apenas alguns dos vectores referenciais seguidos pelo Cine Teatro” (Machado, 2009: 01).

Anexo 13

Tabela nº 7: ARTEMREDE no Cineteatro São João				
	Total	Sessões	Público	Área artística
2005	2	3	363	Infanto-juvenil/ Música (Ópera)
2006	4	5	344	Infanto-juvenil/ Dança
2007	8	8	708	Música/ Infanto-juvenil/ Dança
2008	5	6	309	Oficina/ Música/ Teatro/Infanto-juvenil
2009	1	1	55	Infanto-juvenil
2010	4	6	810	Dança/ Infanto-juvenil

Tabela nº 7 – Nº de espectáculos, nº de sessões, nº de público e área artística da programação ARTEMREDE no Cineteatro São João, de 2005 a 2010.

Fonte: ARTEMREDE.

Anexo 14

Guião da entrevista

Identificação do entrevistado

Nome:

Idade:

Formação Académica:

Vínculo laboral / Condição de eleição (data e duração):

Natural do Concelho:

Residente no Concelho:

1 Estatutos do Equipamento

- Data de publicação?
- Como se define a Missão / Objectivos / Metas?
- Qual é o modelo de gestão em vigor?

2 Programação

- Quais são os objectivos da Programação?
- Quais são os Públicos? Para quem vende? O Público é maioritariamente residente? É realizada a medição de públicos?
- Existe um serviço educativo e uma estratégia de aproximação aos públicos identificados?
- Número Total de Público / Nº Total de Público ARTEMREDE
- Da capacidade da(s) sala(s), qual é a percentagem de bilhetes vendidos e convidados, por sessão? Esta percentagem é casual ou é de estratégia? Há procedimentos actuais?

3 ARTEMREDE

- O que é a ARTEMREDE?
- Como é que o equipamento se relaciona com a ARTEMREDE?
- Como é feita a escolha da programação ARTEMREDE?
- Como colaboram entre si os programadores da ARTEMREDE?
- Existem relações particulares entre os municípios?
- A programação do concelho adjacente associado da ARTEMREDE – Moita/Montijo/Palmela é complementar ou concorrente?
- Existe um público da ARTEMREDE? Os espectáculos da ARTEMREDE destacam-se da programação?

4 Fontes de Financiamento

- Orçamento Autárquico?
- Apoios Comunitários?
- Apoio Privado / Mecenaz?
- Receita de Bilheteira?

5 Território

- Qual é a relação do equipamento com o território e a paisagem urbana?
- Fecho: Qual é o futuro da ARTEMREDE?

Anexo 15

Entrevista a Pedro Vaz de Carvalho (director e programador do Cineteatro Joaquim de Almeida – Montijo).



CD – Nome?

PVC – Pedro Vaz de Carvalho.

CD – Idade?

PVC – 32 anos.

CD – Formação Académica?

PVC – licenciatura na área de Letras e depois pós – graduação, ou seja mestrado não acabado em Gestão e Programação Cultural.

CD – O seu vínculo laboral é...?

PVC – O meu vínculo laboral até 2010 era um contrato a termo certo e a partir dessa altura contrato a termo incerto em funções públicas.

CD – É natural de...?

PVC – Alcochete.

CD – É residente em...?

PVC – Não sou residente no Concelho, eu resido em Lisboa.

CD – Aqui no equipamento Joaquim de Almeida... quais são os estatutos, estão publicados?

PVC – Nós não temos estatutos publicados, nós temos estatutos que em princípio serão publicados este ano. Até 2010 não tínhamos estatutos e têm sido uns estatutos que têm andado para frente e para trás, por isso a data de publicação será ainda este ano. Estão neste momento a ser debatidos já no sítio devido.

CD – Este equipamento, sobretudo nestes anos de análise de 2005 a 2010 teve uma missão, uma definição das metas e dos objectivos?

PVC – Sim...sim ...sempre. Há uma missão e objectivos e metas que estão neste momento no site da Câmara que são ainda os antigos ou seja entre 2005 a 2009 e se quiser retirar, retire já porque depois... a missão e os objectivos são outros não estão publicados até agora porque o nosso site agora está dentro do da autarquia, antigamente era autónomo e neste momento, eu gosto muito da nossa missão e vou lho ler aqui (estes papéis) que é, digo-lhe já, “dedicamo-nos a abrir mentes, faciar perspectivas e trazer mais cores às vossas vidas” é mais ou menos uma missão muito...sonhadora e mas eu acho que é assim que as missões, as visões têm de ser.

CD – O modelo de gestão deste equipamento...

PVC – O modelo de gestão é o modelo de gestão autárquico. O teatro foi sempre, durante 2005 e 2010 um gabinete directamente dependente da vereação da cultura.

CD – E...em relação à programação...quais são os objectivos da programação?

PVC – A programação nomeadamente em Maio de 2009 e 2010 os objectivos passavam por um envolvimento da população na programação e tentar desenvolver conhecimentos,

capacidades e interesses na criação artística, não só como sujeitos passivos mas como sujeitos activos na sua, na programação e no próprio objecto artístico. Isso era...foi um dos objectivos mais importante durante esses anos que é o envolvimento da comunidade no trabalho de programação e no trabalho artístico.

CD – E o CTJA tem o seu público?

PVC – Tem o seu público, felizmente! Tem o seu público, sim entre 2005 a 2009 pelo menos pelo que eu reparei o público, há um público muito dos antigos residentes do Montijo e daí um pouco mais velhos que viam este teatro como jóia da coroa. E por isso alimentam-se muito deste espaço. Neste momento há um público um pouco mais diversificado, embora não muito jovem. Sempre acima dos 25/30 até mais ou menos aos 50 são o público mais presente mas isso é em todo o lado, não é?! Mas sem dúvida aqui e... tem um público muito fiel de antigos moradores e começa a ter um público também muito fiel dos novos habitantes do Montijo que são pessoas que vêm nomeadamente de Lisboa que fugiram de Lisboa à procura de uma vida mais barata nomeadamente e que têm hábitos culturais desenvolvidos e que vêm cá. São sem dúvida pessoas com mais hábitos culturais que continuam a vir mais ao teatro.

CD – O público é residente e não residente?

PVC – Sim...sim, sim, sim. Há público de Lisboa a vir nomeadamente em certos tipos de programação, não é, estreias...de espectáculos de dança contemporânea, teatro contemporâneo, novo circo, algumas companhias que vêm cá estreiar que fazem co – produções connosco arrastam muito público de Lisboa e depois dos concelhos limítrofes há muita gente a vir cá.

CD – E...existe o serviço educativo?

PVC – Existe.

CD – E uma estratégia de aproximação de públicos?

PVC – Sim. Existe o serviço educativo que trabalha a par com a programação ou seja também porque não temos uma equipa muito grande, o serviço educativo acaba por ser, a seu fim, coordenado por mim embora eu tenha uma pessoa que trabalha o serviço educativo (não é?!). E nós temos o serviço educativo dividido em três partes: uma parte ligada às escolas, onde nós fazemos uma programação...nós desafiamos as escolas no início do ano, tentamos construir um catálogo de espectáculos no princípio do ano mostrado às escolas, com a ajuda as próprias escolas a partir daí as escolas têm que se inscrever nos espectáculos para garantir um mínimo de alunos. Só os espectáculos que forem pagos *per si*, ou seja, tiverem suficiente número de alunos para conseguirmos pagar os espectáculos...são programáveis. Raras excepções para alguns por exemplo, um ou outro espectáculo de 12º ano de literatura ou ligado às artes plásticas são muito específicos e que não há muitas turmas de 12º ano, ao contrário dos anos anteriores, e aí nós fazemos esse jeito de trazer esses espectáculos. Mas programamos logo para o ano lectivo todo, esse trabalho com as escolas. Isto a nível das escolas. Depois temos um trabalho com associações e... trabalho com idosos. Associações e idosos ou seja isso são tudo espectáculos específicos que nós escolhemos para atribuir descontos especiais, trabalho social com vindas gratuitas, ou seja há certo tipo de espectáculos que nos interessa que algumas associações, sejam elas quais forem ou grupos de idosos possam vir a fazer um trabalho com aquilo ou que venham a ver o espectáculo ou que venham a participar no espectáculo e esse trabalho é feito com essas associações ou com esses grupos formais ou informais que nós temos vindo a trabalhar e a desenvolver trabalho. Depois e por último, temos o trabalho do serviço educativo que é um trabalho de apoio aos espectáculos que é desde da folha de sala, à conversa com os artistas ou a uma coisa que nós temos que são as “mesas surpresa” que são o apoio do serviço educativo nos espectáculos para a infância, que depois tem sempre uma mesa cá fora que as nossas monitoras do serviço educativo desenvolvem um trabalho explicativo mas participativo para as crianças, nomeadamente nos espectáculos de linguagem menos fácil. E pronto, é mais ou menos nestes três pólos que o serviço educativo se divide.

CD – E com uma sala tão grande, com tantos lugares...portanto a ocupação da sala é sempre presente...como disse pode haver algumas associações para trabalhos particulares de associações ou de trabalho para desenvolvimento da comunidade...há convites?

PVC – É assim em termos de trabalho de bilheteira ...o trabalho de bilheteira é...nós temos convites para a comunicação social ou seja para passatempos de comunicação social e damos sempre convites à própria produtora ou companhia que nos diz os convites, fora isso...fora isso a nossa política de convites é quase nenhuma, ou seja, nós oferecemos aos nossos aniversariantes do nosso cartão de amigo, oferecemos a algumas associações pontualmente quando é um trabalho que tem a ver com o trabalho que nós temos vindo a desenvolver com eles e...mais nada. Nomeadamente o executivo político é o primeiro a pagar bilhete. Por isso não há ofertas de convite até porque o valor do bilhete é um valor social. Um espectáculo...ver a orquestra metropolitana de Lisboa por 5 euros é um preço social e as pessoas têm que perceber que é um preço social. Pronto, isto por um lado depois a sala em termos de como funciona, a sala tem a sua programação normal e depois vive de alugueres e cedências...também. Felizmente cada vez mais alugueres que nos permite também ter alguma folga financeira para podemos gerir e a voltar a investir em mais programação e em mais...fácil acesso aos bens culturais.

CD – Pedro...o que é para si a ARTEMREDE?

PVC – O que é para mim a ARTEMREDE...isso é uma pergunta tão injusta...Eu, antes de responder completamente vou dizer eu sou uma pessoa que abraça o projecto ARTEMREDE e tem um orgulho de fazer parte do projecto ARTEMREDE desde do principio...atroz. Eu acho a ARTEMREDE mais do que uma rede, é uma rede solidária... porque há muitas redes que não são redes solidárias, há redes de apenas...rede de programação ou redes centrais de compras...e a ARTEMREDE é mais do que isso! A ARTEMREDE é uma rede solidária que trabalha para e com os seus associados, de maneira a desenvolver culturalmente, socialmente e economicamente um território específico e isto...é assim que eu vejo a ARTEMREDE e é assim que gostaria que a ARTEMREDE

continuasse a ser. É um trabalho que tem vindo a ser feito num território específico, neste caso Lisboa e Vale do Tejo em que os grandes ajudaram os pequenos e continuaram a ajudar os pequenos e os pequenos são cada vez menos pequenos e alimentam os grandes também com outras trocas a nível artístico também e a outros níveis de conhecimento, até porque a partir daqui por exemplo companhias de teatro, dança profissionais e até as amadoras, agora cada vez mais, tiveram a oportunidade de percorrer território e isto é sempre uma mais valia. É um bocadinho o que eu acharia que a união europeia ou que a nossa Europa deveria ser, os grandes deveriam alimentar os pequenos para que os pequenos fossem cada vez menos pequenos e fôssemos todos muito mais iguais!

CD – E como este equipamento o CTJA se relaciona com a ARTEMREDE?

PVC – Relaciona-se muito bem...e também depende das pessoas que estão à frente de cada equipamento. O...se não me engano a ARTEMREDE tem de existência ...vais fazer 8 anos e pelo menos em 6 nós fomos parte da Direcção da ARTEMREDE. E por isso temos estado à frente dos destinos da ARTEMREDE também por uma lado com muita dedicação e trabalho mas por outro com muito orgulho nisso. A ARTEMREDE é uma rede que nós fazemos parte de uma maneira, lá está, dedicada com uma tentativa de partilha entre os vários teatros para que consigamos ser também um teatro mais visível, porque muitos destes teatros são pequenos teatros de...que não têm uma força como outros grandes teatros, nomeadamente das capitais de distrito (não é?!) que têm outras mais valias e outros... acessos e por isso utilizamos a ARTEMREDE também para sermos mais visíveis e podermos participar mais também na vida cultural e artística a nível nacional e...depois o que a ARTEMREDE nos traz ao teatro do Montijo...a ARTEMREDE é uma parte da nossa programação mas é uma parte também da nossa vida como teatro não é?! A ARTEMREDE em termos de programação deve ter um peso à volta dos 20% da programação total do teatro, se calhar agora mais, nesta altura de 15 a 20% e...mas também além disso tem outra presença na vida do teatro. É uma forma...o teatro também criou com a ARTEMREDE, o teatro também co-produziu com a ARTEMREDE, o teatro também foi formado com a ARTEMREDE e tudo isto é muita participação na ARTEMREDE, sendo que

nunca e isto é uma coisa que acho importantíssimo nas redes e face aos teatros...as redes são importantes para os teatros e os teatros são importantes para as redes...isto sem perder a identidade de cada teatro. Isto é importantíssimo, pelo menos no meu ponto de vista. As redes de teatro são importantes, essenciais mas...para uma parte da vida de um teatro. O teatro tem de ter sempre a sua cabeça, tronco, membros, respiração, vida própria que a ARTEMREDE será....uma perna e um braço ou só um braço ou uma mão e o nariz...uma parte do seu corpo mas outras, outras partes que o diferenciam, nomeadamente a Moita do Montijo ou Montijo de Palmela ...é por aí...e tem que haver esta diferença...saudável.

CD – E como é programar...em rede? Os programadores sentam-se...à mesa...

PVC – Isso é muito engraçado! A programação da ARTEMREDE sempre foi uma incógnita para muitas estruturas, nomeadamente de criação de teatro, companhias de dança...eu gosto de ter a oportunidade de falar sobre nisto porque as companhias de dança fulminaram a ARTEMREDE porque não conheciam a ARTEMREDE e não sabiam o que era programar em rede e acharam que isto era uma campanha de marketing, uma campanha de *lobby* por uma lado ou por outro e não têm noção nenhuma do quão democrático é programar na ARTEMREDE. A ARTEMREDE tem...hoje em dia tem...dá um catálogo sempre aos programadores, um catálogo que tem três partes...tem três, quatro...eu vou dizendo...uma parte das companhias profissionais sedeadas nos concelhos associados, ou seja, companhias que estão dentro do território ARTEMREDE, pronto. Destas companhias toda gente é obrigada a escolher pelo menos uma. Solidariedade entre o território. Depois tem outra parte que são criações ou co-produções em que nós somos obrigados a querer também pelo menos uma, ou seja, criações ou co-produções com a marca ARTEMREDE...para divulgarmos a marca e para que os nossos teatros façam parte desta criação ou co-produção. Depois tem mais duas partes...que são mais ou menos a mesma mas que se dividem em duas...uma das partes são espectáculos que os programadores de todos os teatros viram e interessam-lhes que estejam no catálogo para depois escolherem ou não mas interessam-lhes. Esta zona de espectáculos é uma zona que é debatida em

duas ou três vezes até chegarmos a bom porto. E depois tem a parte que é...propostas da direcção executiva da ARTEMREDE que são um concurso que é normalmente aberto durante um mês e que a direcção executiva dentro das centenas de propostas, tem de escolher, eu acho, no máximo quarenta, acho que nunca são mais de quarenta, para integrarem o catálogo...o máximo de quarenta diria para aí vinte e pronto. E com isto...todos estes...não deve de haver mais de oitenta propostas no catálogo que são escolhidas por ano ...não sei...qualquer coisa à volta de 15 ou 20. O catálogo chega, nós começamos a analisar o catálogo...o catálogo é uma coisa, não só porque há espectáculos que nós não vimos e a ARTEMREDE facilita-nos vídeos ou dá-nos *links* para irmos ver e... alguns são internacionais e nós também não temos esse conhecimento e... então nós temos uns 15 dias para estudarmos o catálogo e apercebermos e nisto fazemos 15 escolhas. Estas quinze escolhas e isto é logo o *lobbying* que pode haver nestas 15 escolhas é ...se há espectáculos que me interessam verdadeiramente eu telefono aos meus colegas programadores a dizer...” – Pá, por favor eu precisava deste espectáculo...e tu? Tas a fim...gostavas...” – Há um namoro dos programadores, que eu acho que deve haver, até a uma reunião final. São mais ou menos quinze dias depois onde nos juntamos um dia inteiro a escolher qual é a programação final da ARTEMREDE. E durante um dia inteiro namoramo-nos uns aos outros em que, vou –lhe dizer que imaginemos, se forem 15 espectáculos, 12 são escolhidos rapidamente e depois para conseguirmos chegar aos últimos 3...é uma carga de trabalhos, porque um quer outro, outro quer o outro e pá isto é uma negociação, uma negociação saudável, democrática e que depois escolhem os últimos espectáculos e é assim que se chega a uma programação final da ARTEMREDE.

CD – Portanto... o grupo o misto de programadores dos teatros da ARTEMREDE colaboram entre si ...o tal namoro é uma colaboração ...

PVC – Sim, porque nós sabemos à partida que há certos associados que programam mais dança contemporânea, há outros que só fazem teatro, há outros que gostam de ter sempre um ou outro espectáculo de rua, há outros mais virados para a música, quer dizer...há várias...É um território, agora menos, mas na altura dezassete/ dezoito teatros,

um território completamente díspar, diferente. Há pessoas, há sítios onde a gente maior peso, outros sítios que têm menos peso. Há pessoas...há programadores que dão grande ênfase à programação infantil, há outros que nem tanto. Há programadores que vão à ARTEMREDE buscar espectáculos que não têm capacidades financeiras para ir buscar, há outros que querem é quantidade. São...e isto chegando de uma maneira democrática, todos os anos, a uma programação que eu acho que até hoje tem sido sempre de excelência. É um trabalho... (pausa) é um trabalho muito interessante, o que se faz ali e é um trabalho que depois...eu por exemplo tenho cuidado de não programar quase nada...que Palmela programa.

CD – Portanto ...isso leva-me à outra pergunta que ...

PVC – O.K.

CD – É tida como concorrência a programação de Palmela e a da Moita ou é complementar ou...

PVC – São as duas coisas! Há concorrência! Há concorrência e eu acho que concorrência é óptimo e ainda bem que há, por exemplo uma das concorrências que há, Palmela tem um preçário muito mais baixo do que o do Montijo e eu sou defensor e sempre fui defensor que deveria de haver um preçário ARTEMREDE, que não há.

Os associados são livres de fazerem o seu próprio preçário e não há um preçário ARTEMREDE, ou seja...o preço de Palmela é sempre mais baixo do que o do Montijo e Palmela tem um auditório, que é o do Pinhal Novo que são a 7/8 km do Montijo, que é nomeadamente é a programação infantil que vai a esse auditório. Eu sabendo isso, não posso escolher os mesmos espectáculos infantis que Palmela escolhe, não é?! Até porque e aí está, não só é concorrente mas o público do Montijo se está a 8 kms de Palmela vai facilmente ao Pinhal Novo ver o espectáculo. Eu não tenho que lhe oferecer esse espectáculo, tenho que lhe oferecer ainda mais variedade e espero que o público do Montijo esteja atento ao que vai ao auditório municipal do Pinhal Novo e que vá ao auditório municipal do Pinhal Novo, ao auditório municipal do Montijo, de Alcochete e etc

e etc. Essa é a dúvida, isso é que é um trabalho de louvar, agora, sim também diria e acho que qualquer pessoa que trabalha e que gosta do seu trabalho, não se sinta concorrente do seu mais próximo, não é?! Eu vejo sempre a programação de Alcochete, Palmela, da Moita, do Barreiro...são principalmente os meus grandes concorrentes e sim, tento fazer melhor.

CD – E existem relações particulares entre os municípios?

PVC – Particulares de pessoas?

CD – De programadores...

PVC – Sim, por exemplo vou –lhe dizer...Palmela sou amigo da programadora, das pessoas do serviço educativo, o chefe de divisão de cultura de Palmela é uma pessoa que eu respeito e gosto muito, o director de departamento, etc. Moita também mas não tão próximos mas por exemplo sou amigo do director do teatro do Cartaxo, de Alcanena e alguns também que se tornaram cada vez mais próximos, por exemplo a programadora do São João – Teresa Machado, eu conhecia-a na ARTEMREDE e é uma pessoa que continuamos a ter contacto, extra – trabalho e acontece. Há laços que se criam nomeadamente nós continuamos, de vez em quando, a fazer um jantar de teatro, de programadores e de ex- programadores e pessoas que nem são programadores mas que de alguma maneira...É um grupo da ARTEMREDE que já não é um grupo de ARTEMREDE. É claro que os jantares acabam sempre no mesmo motivo de conversa, mas passam por outras conversas e temos esse carinho uns pelos outros.

CD – Portanto esta rede formal, como falávamos há pouco, criou outras redes informais que podem ser extra – profissionais ou não mas que permite a troca de informação, festivais...

PVC – Sim, por exemplo há algumas pessoas que vão a alguns festivais juntos, festivais de artes performativas vamos juntos para que ter mais oportunidade de os trazer cá alguns espectáculos, como já aconteceu. E temos outro tipo também de partilhas, por exemplo

se em certa altura está politicamente a acontecer algo no país e nós achamos que deveria ser bom intervir, telefonamo-nos uns aos outros, bebemos um café e etc...e essas coisas são de saudar porque como a ARTEMREDE tem no seu lema e que espere mais uma vez que continue assim...Juntos Mais Fortes.

CD – Pois é, exactamente e isto a nível técnico, como falava há pouco, tem as suas eficiências...

PVC – Sim, eu estava a falar de programadores mas acho que nem é ao nível dos programadores que há mais partilha. Há uma rede informal no país de serviços educativos que se chama SER que os serviços educativos da ARTEMREDE são muito participativos e devido também aos laços que se criaram entre as pessoas que estão à frente dos serviços educativos, por cada teatro da ARTEMREDE. Os técnicos telefonam-se uns aos outros para emprestar materiais e equipamentos uns aos outros e já sabem até qual é o teatro que pode emprestar aquilo, o teatro que pode emprestar aquela coisa e há certos espectáculos que eles já dizem “ – Daqui a um mês vou ter um espectáculo...guarda-me lá isso que eu precisava de ter cá!” E pronto e estas redes informais são sempre positivas, com grandes vantagens.

CD – E existe um público ARTEMREDE aqui, neste território?

PVC – Não. Eu acho que não.

CD – E nos territórios todos?

PVC – Eu acho que há algumas pessoas atentas à ARTEMREDE nomeadamente dentro de algumas linguagens da ARTEMREDE, por exemplo há um público da ARTEMREDE de uma coisa que se criou que foi a Festa da Marioneta. Há um público de ARTEMREDE quando a ARTEMREDE faz criações próprias como o *Vale* ou co-produções como por exemplo agora da Mala Voadora que traz comunidades atrás. Sem ser isso, o público é um público do teatro que sabe o que é uma programação ARTEMREDE, que é uma programação normalmente de grande qualidade mas de vanguarda, numa linguagem, linguagens não

tão, não comerciais, diga-se assim não comerciais. As pessoas sabem exactamente quando é um espectáculo ARTEMREDE agora não vão...lembro-me de que, por exemplo o espectáculo em 2009 do Teatro de Marionetas do Porto, que muita gente gostou, houve pessoas que foram atrás do espectáculo no território ARTEMREDE. Chamava-se *Cabaret Molotov*, do Teatro de Marionetas do Porto e ainda por cima como era um espectáculo que não era deste território, era do Porto e não vem tão facilmente a Lisboa houve pessoas que foram atrás dele do território ARTEMREDE.

CD – Há circulação de públicos...

PVC – Sim mas isso são situações pontuais, descontinuadas mas sim acontece.

CD – E voltando um pouco atrás, as fontes de financiamento são...

PVC – 100% autarquia.

CD – E receita da bilheteira?

PVC – Sim... a receita da bilheteira....já houve tempos mais áureos na receita de bilheteira do que hoje em dia. E os alugueres, os alugueres.

CD – Aqui o CTJA como é que se relaciona com o território?

PVC – Isso é uma pergunta difícil porque não cria pegar muito no passado antes de mim aqui neste espaço mas...eu tenho uma visão e uma missão também. Quando entrei para programador aqui...há um prédio de seis andares ao lado do teatro e eu disse “ – Enquanto aquele prédio todo não vier ao teatro, eu não passo para a rua, da rua não passo para o bairro, do bairro não passo para a cidade, da cidade não passo para o concelho, do concelho não passo para a região de daí por adiante.” Para mim o teatro, primeiro tem que servir as pessoas daqui e esse é o meu propósito para o teatro municipal. O teatro municipal até pode se tornar pela sua grandeza num teatro regional ou teatro mesmo supra – regional ou nacional. Mas eu acho que tem que se ter muito mais cuidado com as 18 famílias que vivem no prédio de seis andares ao lado do teatro a virem até aqui. O teatro conseguiu criar laços muito fortes com alguns grupos daqui, da

zona, nomeadamente em termos de associativismo e grupos informais. E começa agora também a chegar aos novos moradores do Montijo, que é uma associação que temos lutado bastante porque as pessoas não conhecem o centro do Montijo e apenas conhecem os bairros novos e é uma associação que nós temos vindo a lutar. Eu costumo tentar que todas as pessoas que trabalham aqui, quando há espectáculos, tendem a cumprimentar toda gente...houve até uma pessoa que nos disse “você são o teatro dos beijinhos” ...e para mim este teatro tem de ser o sofá da sala de cada um. Gostava que...eu gosto quando as pessoas se sentem em casa aqui, até às vezes quando não é bom, se eu vejo algum contornar de regra mas um contornar de regra porque já me sinto em casa, eu não acho totalmente mau. É claro que há sempre que explicar algumas regras que os teatros têm! Mas é importante, é importante. Neste momento, se voltarmos à actualidade...é um teatro que tem perdido muito público. Muito, muito, muito. Mas também porque as pessoas passaram que ter outras preocupações na vida ...vamos ver.

CD – Para fechar...outra pergunta difícil...qual é o futuro da ARTEMREDE para si?

PVC – Olhe, para mim...

CD – Hoje 2012.

PVC – Para mim o futuro da ARTEMREDE é mais do que nunca um futuro que tem que ir de encontro às necessidades dos seus associados. É um futuro em que a ARTEMREDE, mais do que nunca, tem que estar presente na programação dos associados. Continuar a permitir que os associados continuem a fazer parte do tecido criativo e de produção artística do território, por exemplo e faço os parênteses o Montijo pela primeira vez em 2013 não fará sozinho co-produções ou produções próprias, dificilmente isso acontecerá e será talvez a primeira vez que isto acontece, desde 2006 ou talvez 2007, desde que se começou a trabalhar isto, antes disso houve um subir e tivemos que mas a partir daí fizemos sempre produções, co-produções próprias, estreias aqui e neste momento dependemos da ARTEMREDE para isso. A ARTEMREDE é uma âncora, neste momento, que os teatros precisam mais do que nunca. Precisa de alimentar os teatros, dar oportunidade

aos teatros para ...estender-se até além dos teatros...o território de cada associado. Ter uma associação que trabalha em rede, hoje em dia, com todas as dificuldades, muros, barreiras que os legisladores do governo actual meteram nas autarquias locais...é essencial, essencial, ter uma estruturas destas para que se possa pensar, sequer, continuar a ter programações, passo a redundância...continuada. Porque neste momento, está em risco uma programação continuada. E a ARTEMREDE é a bóia de salvação e eu espero que seja a bóia de salvação para voltar a pôr os meninos, os teatros, a nadarem por si próprios. Neste momento é o que é preciso! E depois acho que a ARTEMREDE tem que ser uma estrutura mais maleável... do que é, esse é o único senão que eu aponto à ARTEMREDE porque...o ambiente que a rodeia, as mudanças ao longo dos tempos e dos espaços vão acontecendo rapidamente, as coisas nos últimos anos então têm acontecido muita coisa tão rapidamente, até ficámos sem Ministério da Cultura! E estruturas como a ARTEMREDE tem de ser mais facilmente adaptáveis a estas coisas e esse é o único ponto que eu espero que a ARTEMREDE se torne...mais maleável. De resto, espero que estejamos todos no bom caminho.

Entrevista realizada a Pedro Vaz de Carvalho, no Cineteatro Joaquim de Almeida, no Montijo, dia 23 de Novembro de 2012.

Anexo 16

Entrevista a Alberto Pereira (Chefe da Divisão de Acção Cultural da C. M. Palmela).



CD – Então Boa tarde, como se chama?

AP – Alberto Pereira.

CD – Qual é a sua idade?

AP – 48 anos.

CD – A sua formação académica?

AP – Licenciado em filosofia.

CD – Qual é os seu vínculo laboral ou condição de eleição na autarquia de Palmela?

AP – eu sou funcionário público efectivo aqui na organização e o meu cargo é chefe de Divisão de Acção Cultural.

CD – É natural do Concelho?

AP – Não, Lisboa.

CD – É residente no Concelho?

AP – Sim, Palmela.

CD – Em relação ao teatro São João quais são os estatutos deste equipamento?

AP – O equipamento está regulado pelo regulamento municipal existindo no entanto outro tipo de instrumento de identificação do equipamento, onde são identificados alguns

carimbos, por assim dizer, em relação à identidade do próprio equipamento, não é, no entanto ele é regulado como digo, pelo um instrumento de gestão do próprio município, que é o regulamento municipal dos equipamentos culturais.

CD – E esse regulamento qual é data da sua publicação?

AP – Talvez o Jorge me possa recordar...

Jorge Patrício - Não me recordo muito bem mas talvez ...para aí...

AP – Nós depois dizemos-lhe com mais rigor, não é?!

Jorge – Sim, com mais rigor mas eu admito lá para 2004, 2005 talvez...

CD – Como se define a missão do Teatro São João?

AP – Bom, a missão do Cine – teatro São João está inscrita naquilo que é a missão global da própria Divisão e que é afirmar-se como equipamento de excelência na promoção dos conteúdos culturais e de acesso generalizado à população e relativamente àquilo que é a sua oferta e a sua função, não é, portanto trata-se de um equipamento aberto e procura claramente fomentar a frequência de públicos relativamente aos conteúdos culturais. Inscrito numa missão mais global das políticas culturais do município.

CD – E os objectivos e as metas estão definidos?

AP – Sim, estão definidos. Aliás esses objectivos e metas não são estáveis, não é, portanto traçam-se objectivos e metas conjunturais, não é, portanto periodicamente revisto em função daquilo que é a evolução do próprio equipamento e por outro lado em função das necessidades estratégicas do próprio município.

CD – Qual é o modelo de gestão em vigor?

AP – Trata-se de um equipamento gerido por administração directa.

CD – Quais são os objectivos da programação do Cine – Teatro São João?

AP – Sucintamente os objectivos de programação traduzem-se numa aproximação daquilo que são os conteúdos propostos com os diversos segmentos da população, dando especial

ênfase à preocupação de mobilização da comunidade educativa em relação aos processos de acesso ao espectáculo, fruição e por outro lado também de interpretação daquilo que são os próprios conteúdos, por outro lado de forma mais generalizada em relação ao público em geral e procurando sempre diminuir aquilo que são raios de não – público e que efectivamente procuramos atingir de forma mais incisiva.

CD – Quais são os públicos deste equipamento?

AP – Os públicos são variáveis. Há aqui uma forte componente ligada a esse segmento da comunidade educativa e não podendo dizer agora de imediato mas forneceremos também esses dados, nós podemos estar a falar de uma parte substancial do público ligado à comunidade educativa, ao longo de todo o ano, por outro lado, temos um público muito heterogéneo ao que diz respeito à generalidade dos conteúdos porque eles próprios são diversificados, ao longo do ano. Com alguns pormenores interessantes do nosso ponto de vista que é a capacidade que este equipamento tem em captar público oriundo de Setúbal por exemplo, não é, é claramente um equipamento periférico a Setúbal e particularmente em espectáculos de mobilização, esse público oriundo daqui da cidade vizinha é muito significativo. Depois por outro lado também aquilo que é o público da vila de Palmela. Alguma dificuldade em captação de público oriundo do Pinhal Novo, por razões variadas, que nós algumas identificamos, outras não mas alguma incapacidade de mobilização do público do Pinhal Novo muito mais, de uma forma muito mais ágil, o público de Setúbal é o nosso público, aqui do Cine – Teatro São João. Para além de São João constituir o equipamento mais emblemático do Concelho e profundamente ligado à vila, razão pela qual o público da vila de Palmela é muito assíduo e em bom número relativamente àquilo que são as propostas de programação.

CD – Este Cine – Teatro tem um serviço educativo ou uma estratégia de aproximação de públicos?

AP – O Cine – teatro não tem um serviço educativo. A Divisão da Acção Cultural tem um serviço educativo que portanto a expressão do trabalho do projecto educativo de Palmela,

ou particularmente da acção cultural do Concelho de Palmela é desenvolvido por esse serviço educativo da Divisão de Acção Cultural. Situação aliás que nós temos vindo a avaliar pronto, como melhor praticável ou não mas que se tem traduzindo até à data em bons resultados de articulação da Divisão com o equipamento e cumprir a missão normal de um serviço educativo, do equipamento em correlação com a própria comunidade e com projectos que são desenvolvidos particularmente aqui pelo município.

CD – Portanto...a seguinte pergunta é o número total de público...

AP – Isso são dados que iremos fornecer...

CD – Fica para mais tarde...da capacidade da sala, 480 lugares, tem uma ideia de qual é a percentagem de bilhetes e de convites...

AP – O Jorge aqui talvez possa ajudar...mas se há uma estratégia quanto à matéria de convites...Neste momento nós convivemos com uma realidade mista. Por um lado aquilo que nós programamos e adquirimos, não é, e a abertura da sala a propostas de programação, aliás como sabe o contexto é adverso e portanto essa proporção de espectáculos existentes no Cine – teatro São João que são propostas externas, às quais nós abrimos é muito grande neste momento, não é, e portanto isso até nos leva a dizer algo que não exactamente agradável para esta nossa função de programar que é ...cada vez programamos menos, não é, cada vez estamos mais relacionados com o mercado que circula em termos de programação, do que exactamente a nossa escolha lógica, com objectivos definidos, etc exactamente porque deixámos de ter recursos financeiros que possam garantir essa autonomia da escolha, não é, mas razão pela qual temos duas realidades absolutamente distintas que é o que é programar por iniciativa municipal e aquela que o município se abre a programar por razões de troca, relativamente a entidades externas. No que se refere às entidades externas, o factor convite é gerido conforme os interesses da própria entidade e no que diz respeito à programação municipal, bom aí é um critério, que não sei qual seja a proporção, não consigo dizer-lhe

de momento mas nós podemos estar a falar na ordem dos 10%, daqui da sala. Talvez. Basicamente, não é, pronto, no que diz respeito às entidades externas é muito mais.

CD – E entrando agora na área, na parte da ARTEMREDE. O que é a ARTEMREDE? O que é que é para si e para este equipamento a ARTEMREDE?

AP – É evidente que lhe podemos fornecer um texto com uma posição muito formal sobre a matéria ARTEMREDE mas da minha parte diria que a ARTEMREDE é uma boa ideia consequente. E portanto essa ideia boa com consequência vem mostrando ao longo dos anos a pertinência de uma rede de programação e mostra também, mais do que estritamente ser uma rede de programação alcance outros que são próprios da natureza de redes bem intencionadas. E o que é que é isso de uma rede bem intencionada? É aquela que se realize a si mesmo enquanto rede e efectivamente a experiência que temos desenvolvido com a ARTEMREDE ao longo destes anos, penso que não será enfim pouco cauteloso dizer que efectivamente a sua consequência na afirmação cultural dos municípios que se envolveram com esta estrutura, a qualificação dos seus quadros no que diz respeito à produção cultural, a qualificação de conteúdos oferecidos às populações, uma lógica de programação territorial e um sentido colectivo em relação àquilo que é a expressão da própria rede, bom são resultados suficientemente fortes para considerarmos enfim um excesso de entusiasmo da minha parte, uma ideia forte e muito consequente, que passa se calhar não pelo seu melhor momento, nesta altura, mas ainda assim com capacidade suficiente para acções resilientes e seguramente se transformar numa rede a progredir, se calhar a ter outro rosto, a ter outras *nuances*, a investir mais em outras áreas, aliás há pouquinho aqui de forma livre falávamos dessa dimensão rua e o estar para além da rede e dos teatros. Eu penso que essa pode ser uma deriva que efectivamente pode acontecer na ARTEMREDE e para mim é engraçado, até pessoalmente me posicione dessa maneira, que é ver como uma rede no seu início podia ter características de maior formalismo, de maior institucionalização, criou aqui focos criativos importantes, teve uma expressão fora do alcance restrito para qual a rede tinha sido constituída numa primeira análise e penso até que tem terreno, não é, ou seja, muitos de nós nos interrogaremos

“então e o futuro da ARTEMREDE”, quando há o problema dos financiamentos, a fragilização dos municípios, não obstante tudo isso, tenho a profunda convicção que é uma rede de futuro. Aliás, considero até que a lógica de redes, de ideias, de implicações pressupõe, não é, essa mesma multi e desmultiplicação daquilo que são as diferentes *nuances* das redes e portanto seguramente a ARTEMREDE não só, se calhar com outro rosto, como lhe digo, com outra proporção, se calhar até do ponto vista geográfico repensada, mas ainda assim penso que claramente a ARTEMREDE é um projecto de futuro. Porque os seus resultados são evidentes, as suas dificuldades também mas ainda assim é como dizia, já vou dizê-lo pela terceira vez, é uma ideia boa e consequente.

CD – E o Cineteatro São João e a ARTEMREDE como é que funciona este relacionamento?

AP – Vamos lá ver a ARTEMREDE não é uma entidade abstracta, não é, e isso também é um dos resultados da ARTEMREDE. A ARTEMREDE tem rostos, tem projecto e tem direcção e portanto nestas diferentes *nuances*, dos rostos, dos projectos, da direcção nós bebemos aspectos importantes. Nos rostos criaram-se cumplicidades em rede, que hoje são irreversíveis consideramos nós, até ao nível regional. Não obstante, nós temos entidades regionais ou intermunicipais, o que é verdade é que a ARTEMREDE nos aproximou...aproximou em quê? Aproximou no contacto, na lógica como debatemos a programação, em matéria de debate técnico e estratégico e por outro lado aproximou-nos em relação à compreensão da própria região, enquanto região e aqui refiro-me à região de Setúbal, não é, até porque a região de Setúbal tem uma expressão com significado importante na própria ARTEMREDE, basta ver o número de municípios da região de Setúbal envolvidos. E eu penso que foi muito pedagógico em relação aos intervenientes locais na compreensão da sua própria projecção regional, portanto isto é um ganho! Passámos a conhecer os nossos nomes, passámos a partilhar dificuldades, passámos a partilhar materiais, não é, materiais estamos a falar de projectores, material de som, não é, ou até somente partilhar saberes também, porque efectivamente há zonas de debate, às vezes muito segmentado em função do núcleo duro, há 7 pessoas, não é, portanto nessa componente rostos, não é, nós achamos que esse ganho é absolutamente

indiscutível, falei aqui um bocadinho da região de Setúbal mas isto tem amplitude para além da própria região de Setúbal, e hoje nós...eu penso que Santarém está mais perto de nós, ou o Cartaxo, ao Abrantes, está a ver, porque e está mais perto porquê? Porque eu sempre que tenho que ir lá reunir, por exemplo, tão-somente isto, não é, ou porque os empregados do equipamento de Abrantes, conhecemos o equipamento de Abrantes, conhecemos aquilo que são as suas dificuldades quer em matéria de público, quer na matéria de como chegar ao público, quer na matéria da formação do próprio público, como é que o público deriva em relação a essa experiência vivenciada no espectáculo, portanto esta circulação permanente, não é, criou de facto essa lógica de rosto ou seja Abrantes não é tão-somente um equipamento lá longe que connosco programa, não, Abrantes tem o “Jaquim Manel”, tem a senhora da bilheteira que a gente passou a conhecer, não é, e até achámos que ela estava a executar muito bem o seu trabalho e até trouxemos essa referência para o Cineteatro São João – Epá em Abrantes tem um cartão de identificação a senhora que está na bilheteira – por aí fora, portanto é este tipo de experiência vivenciada da própria rede, que lhe chamaria rostos, que para nós é muito relevante. Depois na lógica do projecto, isso permitiu que de alguma maneira desenvolvêssemos reflexão estratégica, a rede tem um plano estratégico a ser revisto, que naturalmente consideramos que deva ser dinâmico mas que fique na zona de debate estratégico, da assunção de projecto, portanto não se trata só de rostos e da zona vivenciada pela própria rede, é uma zona vivenciada em função de uma ideia de projecto e que de facto, foi sendo trabalhada, foi sendo debatida, nas suas diferentes componentes.

E depois por outro lado, aquilo que é feito como favorativa dos seus próprios quadros, não é, e que tem muito a ver com a componente de formação e que trouxe um novo estágio, trouxe uma nova realidade a este conjunto de teatros, que muitas das vezes tinham, enfim, os seus quadros eram...trabalhavam um bocadinho por intuição, não tinham tido qualquer formação técnica relativamente às funções que desempenharam ou tinham mas de uma forma mais insípida ou tinham erros evidentes, por desconhecimento

desta ou daquela área e que efectivamente foram sendo trabalhados num pacote de formação que foi desenvolvido num conjunto de teatros e que neste momento está inactivo. Mas que foi muito relevante. Passando desde da zona estratégica à zona mais operacional. E isso foi muito relevante na consolidação da rede e dos seus próprios quadros. Não sei se lhe tracei o retrato que desejava...

CD – E como é que é feita a programação ARTEMREDE? Como é que é o jogo?

AP – É isso mesmo, é um jogo. É um jogo inteligente em que primeiro se ausculta aquilo que são propostas chegadas à própria ARTEMREDE, democraticamente divulgadas ou seja mais amplamente visível no sentido que os agentes culturais e artísticos possam fazer as suas propostas para a ARTEMREDE, não é, tem uma zona muito relevante para os próprios membros da rede que é a possibilidade de entidades artísticas locais poderem constar, ou seja os profissionais possam constar no próprio catálogo da ARTEMREDE, permitindo que cada região faça constar uma possibilidade de programação com agentes seus ou agentes oriundos da sua terra, não é, e depois finalmente a zona de projectos especiais, vou –lhe chamar assim e que tem a ver com a zona de co – produção ou de residência ou um projecto especial de cariz comunitário, como aliás nós tivemos um absolutamente notável em resultados, provavelmente já ouviu falar, o *Vale*, não é, portanto este é o conteúdo ou o miolo desse mesmo catálogo. Ora reunido esse catálogo, esse catálogo circula por aqueles que são responsáveis por programar os equipamentos e em função dessa mesma circulação, interpretação, pesquisa e etc, é considerado um conjunto escolhido, não é, conjunto escolhido que é escolhido em cada município em função da sua realidade, do objectivo que o próprio município tem programado esses espectáculos etc e é levado a um plenário de programadores, em que se vai procurar “consensoalizar”, aqui este “consensoalizar” tem a ver com aqueles que são mais votados numa escala gradativa que permite que bom, então, todos aqueles que tiverem pelo menos 4 votos de escolha possam efectivamente ser programados num contexto da linha de programação da própria rede. Permite a circulação de espectáculos escolhidos, é verdade que muitos são preteridos, não é, porque aqui o que está em causa é uma economia de escala e portanto

por essa razão determinados valores são negociados em função do número de contratualizações que efectivamente vão conseguir garantir através da ARTEMREDE, das cotas que cada município tem. E portanto, é daí que resulta em debate, quer em casa dos próprios equipamentos, em que o debate é gerado provavelmente nas equipas de programação, eu digo provavelmente porque admito que nem todos tenham grandes equipas de programação. Cada realidade é uma realidade portanto pode dar-se o caso de não seguir essa lógica de equipa mas terá seguramente uma colaboração do próprio programador. E depois em zona de plenário, com todos os programadores que se encontram periodicamente, vão fazer o debate e escolha dos espectáculos a programar para a ARTEMREDE nesse ano em causa.

CD – E como é a rede, como se realiza esta colaboração entre programadores? Por exemplo, aqui em Palmela...

AP - Não estou a perceber a quê que se refere...refere-se à questão de contacto continuado entre programadores? Dos factores de análise em relação àquilo que são os conteúdos a programar? Dependerá do que queira reflectir...se é relativamente entre o contacto entre os programadores...o contacto entre os programadores na sua grande maioria é hoje um contacto de grande proximidade. As pessoas criaram relação, criaram relação, passaram por momentos de formação conjunta, foram visionar espectáculos em conjunto, fazem almoços e jantares por vezes em conjunto...nós estamos a falar... (já estou a massacrar aqui o gravador), nós estamos a falar de um núcleo devidamente identificado, que continuamente comunica e por outro lado é também uma zona de marca crítica muito relevante para matérias de gestão, em relação aos próprios equipamentos.

Não sei se respondi à sua questão...

CD – À outra já lá vou...E existem relações particulares entre os municípios, aqui dentro da península de Setúbal ou com outros, ou com estes municípios em análise?

AP – O que quer dizer com relações particulares?

CD – Por exemplo, Pinhal Novo fica perto do Montijo...e por isso existe alguma relação particular com o Montijo de programação?

AP – Muito pontualmente...

CD – Ou de observação no que se passa lá...

AP – Sim, isso sim, não é, nós...embora haja municípios vizinhos com mais intensidade de relação do que nós e o Montijo, por exemplo, não é, mas também temos momentos de partilha, se é essa a pergunta, do ponto de vista da programação, até mesmo dúvidas sobre a matéria de programação, nós vamos – vou dar –lhe o exemplo – nós e Montijo e Palmela acontece eventualmente trazermos espectáculos...o mesmo espectáculo com proximidade de calendário, não é, pode dar-se o caso, não é...e as nossas preocupações são partilhadas, eventualmente com o colega, no caso o Pedro e a nossa colega Teresa, não é, portanto e fazem partilha de algumas dificuldades a superar, não é. Ou do ponto de vista mais estratégico da região também, aliás ao nível de Direcção a região de Setúbal tem um grupo de trabalho para a Cultura através da sua associação de municípios que se chama grupo Intermunicipal para a Cultura e isso permite-nos também avaliar mais regionalmente aquilo que são por vezes estratégias de partilha ou de amplitude relativamente àquilo que se está a produzir ou até de um determinado sentido, vou – lhe falar de um caso, no centenário da república procurámos articular aqui zonas de programação, regionalmente falando e independente da ARTEMREDE, usufruindo da ARTEMREDE, não é, sim. Por outro lado há aqui parcerias técnicas também, entre os próprios municípios. Se a intensidade é suficiente? Não sei...é aquela que temos conseguido gerar e portanto podemos ter mais? Sim, podemos ter mais. Penso que já alguns passos foram muito importantes e que foram dados aqui, a nível regional.

CD – A próxima pergunta é ...na continuação desta portanto se a programação do São João poderá ser tida como complementar ou concorrente para a Moita e para o Montijo?

AP – Eu acho que nem não é uma coisa nem outra. Complementar pode ser, não é, complementar e isso acontece...está a falar particularmente da Moita e do Montijo, não é,

acontece ser complementar, alguns episódios de programação que sim. Concorrente, acho que não. A ideia é muito sinceramente ao longo destes anos é que de facto antes pelo contrário! Nós, inclusivamente, eu acho que é correcto dizer que esta linha, não é, agora particularmente nestes dois municípios porque há um outro de grande proximidade daqui, que é muito decisivo também que é o Barreiro, não é, e que está na ARTEMREDE também. Aliás o Barreiro está muitíssimo próximo, os equipamentos, eles próprios no que diz respeito à sua localização geográfica, são muitíssimo próximos. Aliás como é o Barreiro da Moita e da Moita do próprio Montijo e o Montijo de Pinhal Novo. Mas no caso particular do São João, já não me parece ser assim. Ou seja não há essa tão grande proximidade em linha dos equipamentos. E passam a ser referenciais, ou seja, eu admito que um cidadão de Setúbal esteja muito bem atento ao que se passa na Moita, a não ser que estejamos a falar de conteúdos repetidos, isso já é outra questão, não é, e é um problema que nós teremos de continuar a debater, mas se não se tratar de conteúdos repetidos, nós estamos a falar aqui de alguma dinâmica regional, algum fluxo regional relativamente aos conteúdos que as pessoas procuram e a oferta que podem reunir em relação a esta pequenina rede também regional de equipamentos, portanto não sinto concorrência. Sinceramente ou melhor nós não sentimos e tenho a sensação que os colegas que lá estão, também não sentirão em relação ao Cine – teatro São João. Pela sua localização, pelo seu contexto, pela natureza de equipamento porque há até mais semelhanças, até do ponto de vista físico do equipamento, da Moita com o Montijo, do que o Montijo com Palmela ou Palmela com a Moita, não é, estamos a falar de equipamento até que se caracterizam de maneira diferente e que têm uma identidade diferente. Têm uma cara diferente, são pessoas diferentes, não é, e que se dão bem, são pessoas que se dão bem mas que não sentimos essa questão concorrencial, muito sinceramente. Admitimos é que para uma região como Setúbal é muito importante ter uma lógica de rede de equipamentos de outra natureza, isso é uma outra questão, não é, mas isso é um problema ao montante, não tem a ver aqui com a sociabilidade decorrente da própria ARTEMREDE.

CD – E....há bocado falava do público de Setúbal...que está atenta a Palmela, à Moita...podemos dizer que já existe um público ARTEMREDE que está atento à programação?

AP – Admito que sim. Não sei o que é que o Jorge acha...

Jorge – Sobretudo na programação infantil eu acho que existe já um público ARTEMREDE.

AP – E que se calhar se desloca mais do que 15 km para trazer a sua criança!

Jorge – Por exemplo aconteceu frequentes vezes quando eu estava no Poceirão fizemos lá dois ou três espectáculos da ARTEMREDE e vinham pessoas do Barreiro, de Setúbal, da Baixa da Banheira que foram lá aqueles espectáculos, porque só podiam naquele momento e era só ali que existia e deslocaram-se. Foi curioso.

AP – E digamos que existe um público ARTEMREDE para este tipo de oferta, é uma conclusão que se pode tirar. Aliás sempre bem sucedidas, programamos. E penso que isto será constante em relação aos que estamos aqui reunidos. É isso. Agora vamos ver agora com o Fórum Luísa Todi, a coisa pode baixar um pouquinho. A população de Setúbal não tinha uma oferta a este nível, agora vamos ver como é que a coisa vai correr.

CD – Existem espectáculos ARTEMREDE que se destacam da programação própria do equipamento?

AP – O que se destaca é o quê?

CD – Por exemplo, há pouco falava da programação infantil ...considera um destaque a programação infantil da ARTEMREDE?

AP – O destaque é ser mais importante do que os outros?

CD – Pode não ser, não é a questão da importância mas pela sua singularidade, pelas suas características, por ser diferente...

AP – Eu não diria um destaque, não sei o que é que o Jorge acha mas eu diria um espaço de programação bem sucedida, um espaço claramente bem sucedido ou seja claramente

bem sucedido, uma zona em que queremos investir, que tem uma percentagem de programação significativa e é articulado com o nosso serviço educativo ou seja tem complementos, por exemplo com o trabalho que realizamos no universo das escolas, tem articulação com projectos que temos nesta área e particularmente a destacar que é o projecto *Fantasiarte*, que pressupõe mobilidade relativamente aos conteúdos programados, portanto tem se é esse o sentido de destaque, sim. Tem esse destaque, não é, que é efectivamente muito consequente do ponto de vista da programação e tem um espaço significativo nos conteúdos programáticos.

CD – E quase a terminar...é aquela parte dos números...quais são as fontes de financiamento do Cineteatro São João?

AP – As fontes de financiamento?

CD – Autárquico, comunitário...

AP – Não, o que eu lhe posso dizer é sobre o que são as receitas do Cineteatro. As receitas do Cineteatro decorrem dos alugueres, não é, nós alugamos o Cineteatro, decorrem de negociação em relação aos espectáculos programados ou seja factor bilheteira, decorre de investimento municipal, claro, parte muito significativa de investimento municipal em relação ao funcionamento, à preservação, conservação, trabalhadores, etc, não é, tem bastante significado, portanto os alugueres, a questão das bilheteiras de entidades externas com as quais negociamos e de bilheteiras próprias. Aliás por exemplo a bilheteira ARTEMREDE não é uma bilheteira que fique com o município, é uma bilheteira que é devolvida à própria ARTEMREDE.

CD – A seguinte questão já me respondeu um pouco que é qual é o relacionamento deste equipamento com o território? Com o vale? Com a montanha, com o castelo, com esta comunidade? Não só do centro histórico mas...

AP – Essa parte romântica devolvia –a ... Eu resolvia assim e “o que é que você acha?” Pronto. E é isso mesmo. A gente devolve essa questão. Eu penso que o Cineteatro, há com

certeza outras opiniões, mas esta é uma opinião pessoal que seguramente o Jorge também terá a sua, mas o Cineteatro fala um bocadinho por si, a gente olha para o Cineteatro e tem impactos, não é, pronto, essa parte romântica, acho eu, é uma parte de impacto absolutamente notável. E acho que a população vê da mesma maneira o nosso Cineteatro São João. Aliás eu aconselho-a a circular pela vila e perguntar o que é que as pessoas sentem a propósito do São João. O São João, admito que não esteja contextualizada com a história do São João, mas o Cineteatro São João foi construído por um mecenas, ou seja um homem da terra que achou que devia de ter um dos melhores Cineteatros da região, ainda por cima ele tinha uma empresa de camionagem e portanto achava – Bom, eu consigo trazer o público de Setúbal (outra vez!), eu nas minhas camionetes, nos meus autocarros, o bilhete dará para chegar a Palmela e ir ao Teatro! – Portanto está tudo incluído e criou este esquema de aqui construir um grande equipamento. Ele mandou construir o equipamento, eu estou –lhe a contar isto por uma dificuldade que nós temos aqui no Cineteatro São João, ele mandou construir este equipamento e entretanto teve que se ausentar, foi para o Brasil, não é, este equipamento é a criação de um arquitecto germânico, alemão, aliás vê-se bem e por outro lado, ele queria ter aqui um equipamento grande, à imagem daqueles teatros de Lisboa, onde pudesse vir as suas coristas e assim, enfim, esse tipo de ostentação, espectacular, para aqui, para esta localidade. Ele era um homem de Palmela, não é, e foi para o Brasil, mandou construir o seu Cineteatro e foi para o Brasil. Quando veio do Brasil, chegou cá e por razões ainda desconhecidas, o palco, até pela referência de Cineteatro, o palco que foi construído era muito diminuto, ou seja, tinha uma profundidade escassíssima e tinha de facto um grande ecrã para cinema, portanto a componente cinema foi devidamente salvaguardada e esqueceram-se que se tinha que fazer um palco com a profundidade suficiente, uma teia a rigor e por outro lado, o próprio fosso de orquestra, etc, portanto o homem veio do Brasil e constata isto e despede toda gente, portanto parou o teatro “ Vocês fizeram uma brutalidade, todo o meu investimento está posto em causa e agora não tenho como recuperar” e despediu toda gente. E parou. Aliás

o Cineteatro quando é aberto é ainda aberto numa zona, o palco ainda em zona de reboco, não é, pronto, isto para lhe dizer que há aqui uma carga muito afectiva ligada à terra, não é, e ao empreendimento desse homem que efectivamente comprou, comprou não, mandou edificar este Cineteatro e depois teve que o especializar mais para Cinema. Razão pela qual nós temos um péssimo palco, o palco tem pouca profundidade, tem um avançado que foi criado relativamente há pouco tempo, há uma década ou mais de uma década, foi construída uma teia à posteriori, a obra de recuperação do próprio teatro em 2010 e portanto, isto para lhe dizer que o Cineteatro está muito ligado à própria história da terra, portanto, nós temos aqui uma profunda ligação da população a este equipamento. Este equipamento não é da Câmara, este equipamento é da população de Palmela! E a Câmara está a ser sistematicamente fiscalizada para ver se porta bem, porque este é “o nosso Cineteatro”, não é, por exemplo. Este é um aspecto, outro aspecto muito engraçado e que aliás tem a ver com esta terra, esta terra muitas das vezes é caracterizada, a vila de Palmela, até porque você já deve ter ouvido falar naquela expressão dos “Palmelões”...é uma terra que muitas das vezes é vista como uma terra profundamente conservadora. E é natural, era a terra das terras. Onde as pessoas tinham terras, onde as pessoas não quiseram o caminho-de-ferro e pronto e não veio caminho-de-ferro, porque se não assusta os animais, não é, portanto há aqui uma certa tradição conservadora. Mas é muito engraçado que a população e este equipamento que é altamente emblemático e com uma relação profunda na tradição das pessoas, as pessoas gostam da ousadia, gostam por exemplo de ver pessoas penduradas a fazer dançar o Cineteatro São João, como gostam de uma boa proposta de fogo de artifício a disparar pelos diferentes sítios, que o Cineteatro tenha. Quer dizer, há aqui uma, esse, como que um jogo relativamente sedutor entre a população que tem um padrão muito conservador, aparentemente muito conservador mas que gosta da ousadia, não é, exige até! Se o São João estiver adormecido nós seremos calcinados por isso, não é, e portanto há aqui uma grande fiscalização sobretudo no equipamento São João por parte da população. Olhe, até lhe digo uma coisa que é uma opinião minha, muito pessoal, acho até a população da vila

de Palmela está mais atenta e vive mais o São João do que o seu castelo! Eu admito isto. Com o castelo, ai ai, de quem toca no castelo mas não o usam, não vão lá...

CD – É turismo...

AP – É. E aqui o Cineteatro São João é o espaço de excelência, é o espaço mais nobre, é o espaço onde acontecem os concertos, enfim, pronto e onde as colectividades e há duas com excelentes equipamentos aqui, metem as suas situações, como hei-de dizer...

Jorge – E estão aqui as duas ao lado uma da outra...

AP – Exactamente, vêm fazer as suas, enfim.

CD – Devido ao simbolismo...

AP – Exactamente, é claramente um equipamento muito simbólico, com muitas dificuldades técnicas como lhe disse, até decorrente deste périplo histórico mas um equipamento muito defendido aqui pela população. E até exigente nesse ponto de vista, não é, porque a gente pode trazer aquilo que quiser trazer ao São João, não é, a gente não pergunta à população o que vai programar, temos até a responsabilidade de compreender, não é, e portanto essa interpretação fazemos, agora se por exemplo falharmos em zonas de programação, não podemos falhar assim muito continuamente ...não é? E o que é falhar continuamente? É não atentar a uma resposta dinâmica do equipamento em relação à população, isso é que é falhar, ou seja, é descansar. O São João não pode descansar. Tem que ser activo, tem que ser vivo, aliás para ter uma ideia nós neste momento o equipamento para além da programação, tem zonas de programação continuada, temos aqui aulas de danças do mundo semanalmente, com uma artista local, temos a Celina Piedade com aulas de canto também uma vez por semana, enfim, o Cineteatro tem que estar, as pessoas sentem se ele está adormecido. Nós sobretudo temos a responsabilidade de não nos deixarmos dormir mas temos de facto uma população muito atenta de facto, àquilo que é a vida do Cineteatro. Não sei se transmiti o retrato...

CD – Muito bem. E agora para finalizar aquela pergunta difícil...qual é o futuro da ARTEMREDE?

AP –O Jorge quer responder?

AP – Eu também não sei qual é o futuro da ARTEMREDE, sei lá qual é o futuro da ARTEMREDE! Agora eu tenho uma convicção, não é, a ARTEMREDE é uma potência grande e se não for capitalizada, esta potência, abrirá espaço para outras realidades, assim acho que seria um desperdício perder esta, perder esta como capital, como património. Seria um desperdício, por razões históricas é um desperdício, por razões estratégicas também, não é, e portanto eu considero que por isto que eu estou a dizer, necessariamente é um projecto cheio de futuro, não é, com outra dimensão, OK com outra dimensão, mas tem que ser outra dimensão? Não sei. Agora com potencialidades identificadas, devidamente identificadas, sim há potencialidade devidamente identificadas. Como lhe disse há bocadinho, o detalhe de foice, nós passámos aqui por algumas experiências de desenvolvimento de projecto comunitário particularmente, outra vez a situação do *Vale* ...o *Vale* é o melhor do mundo? Não sei se é o melhor do mundo, pronto, eu nem sequer sou programador, sou mais na versão do gestor, não é, do que exactamente o programador mas deixe-me dizer-lhe que eu acho que o *Vale* mostrou sinergias próprias ligadas a estas comunidades que são relacionáveis, não é, e que podem ter comunidades produtoras e mais! Relativamente à lógica dos recursos, não é, eu acho que a ARTEMREDE pode ter constituído uma boa...um bom ponto de partida para novos modelos de perspectivar programação em rede e por outro lado, estar até para além disso! Estar até para além disso. É uma pena que em Portugal não existam regiões, não é, mas se por acaso esse quadro formal da administração existisse, poderíamos estar aqui perante uma realidade regional muito importante, que é a ARTEMREDE. E até naquilo que é a projecção da própria marca no aspecto nacional e internacional e há que costurar essas linhas! Por exemplo, tenho muitas dúvidas que se na componente da desmultiplicação das redes, na lógica da desmultiplicação das redes se nós já chegámos ao ponto final ou não, acho que não, acho que temos que ir procurar, não é, quem nos é próximo, quem se identifica

connosco, quem pode potenciar circulação e portanto acho que isso é uma zona que está e que apetece ir lá ver, não é, e portanto acho que é uma zona de futuro. Como acho que é uma zona do futuro repensar a questão da formação dos quadros dos teatros, não é, como é uma, pode ser muito importante, uma estrutura muito importante e de futuro, no que diz respeito à resposta à comunidade artística portuguesa, portuguesa e internacional porque não estritamente portuguesa visto que é também uma das fontes importantes da dinâmica económico associada às entidades artísticas, visto que contrata, compra, num momento que nada está acontecer, do ponto de vista da área cultural, não é. E quando há um grande desinvestimento estatal em relação ao apoio às estruturas artísticas, quando as estruturas estão a definhar, quando...a ARTEMREDE tem uma importância estratégica fundamental, portanto numa opinião profundamente pessoal, se calhar não a melhor esclarecida, eu tenho uma grande convicção no futuro da ARTEMREDE. Com todas as dificuldades que lhe estão associadas e até com algumas desistências. É assim mesmo. As redes são assim, não é, e portanto o que há é criar muitos fios, esta teia há que continuar a criar fios. E pronto é o que acho da ARTEMREDE. Não sei se o Jorge acha o mesmo, se calhar a minha colega Teresa achará outras coisas, eu acho absolutamente importante depois esta conversa não ficar só por mim.

CD – Muito obrigada.

Entrevista realizada a Alberto Pereira, chefe da Divisão de Acção Cultural da Câmara Municipal de Palmela, no Cine – Teatro São João, na vila de Palmela, no dia 13 de Dezembro de 2012.

Anexo 17

Mapa do território do Montijo e Palmela com a localização dos respectivos equipamentos culturais, Cineteatro Joaquim de Almeida e Cineteatro São João.

